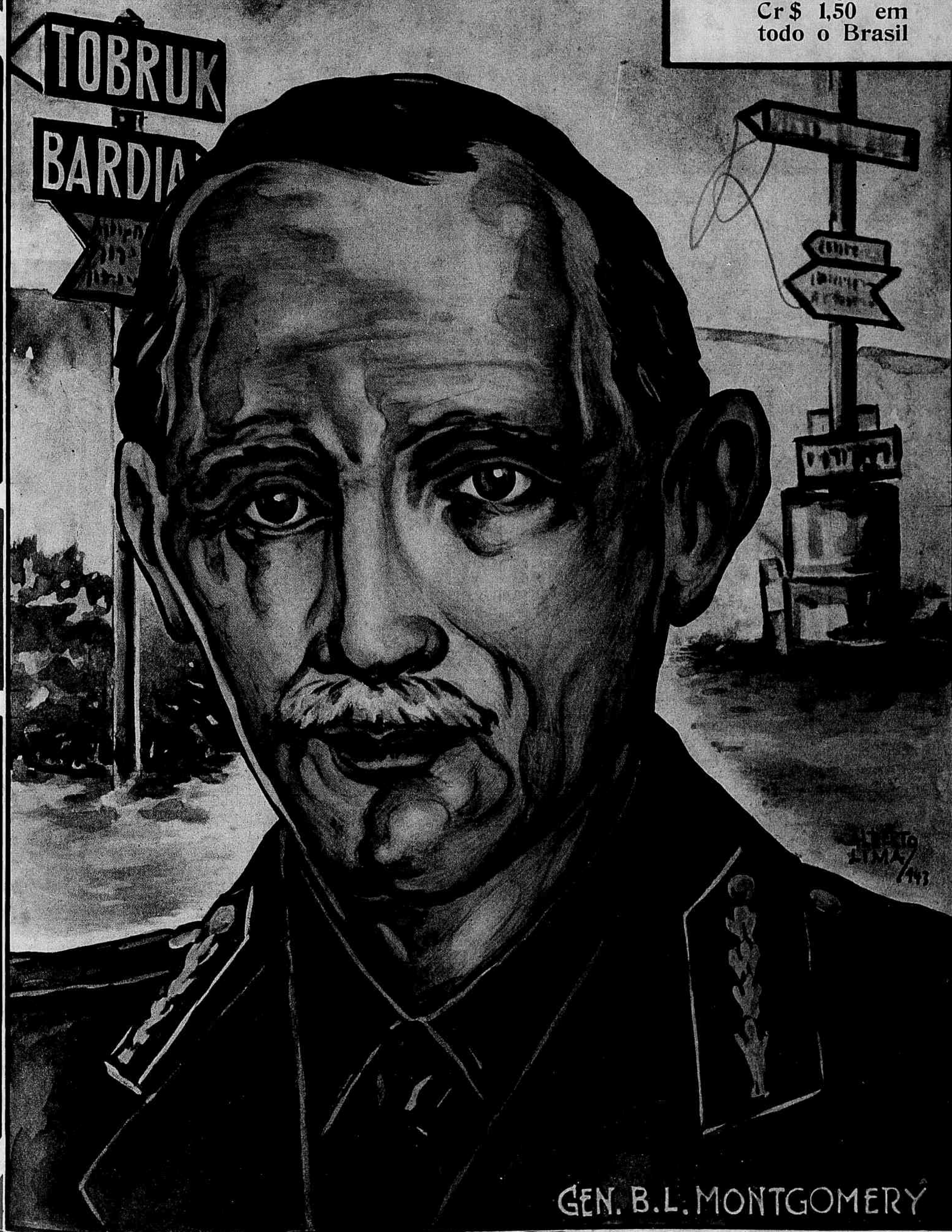


Revista da Semana

ANO XLIV - N.º 12
20 de Março de 1943
Cr\$ 1,50 em
todo o Brasil



GEN. B.L. MONTGOMERY

FIGURAS E FATOS



Um grupo numeroso de escritoras e homens de letras homenageou há dias, no Palace Hotel, a organizadora da 1ª Exposição do "Livro Feminino", dra. Adalzira Bittencourt. Na fotografia acima vê-se a dra. Adalzira Bittencourt ladeada pelos componentes da mesa que presidiu à solenidade, destacando-se o Prof. João Cabral, a escritora Iveta Ribeiro, general Arnaldo Damasceno Vieira e almirante Theophilo Nolasco de Almeida.



Aspecto da concorrência de advogados do fôro de Montevideo, na sede do Colégio de Abogados del Uruguay, sob a presidência do eminente jurisconsulto, Dr. Irureta Goyena. Nessa oportunidade o ministro Marcondes Filho foi calorosamente aplaudido pelo grande discurso proferido sobre o problema histórico da unidade do Brasil, expondo características principais da Democracia Brasileira. Foi-lhe conferido o diploma de sócio "honoris causa", o primeiro que recebe essa alta honra.

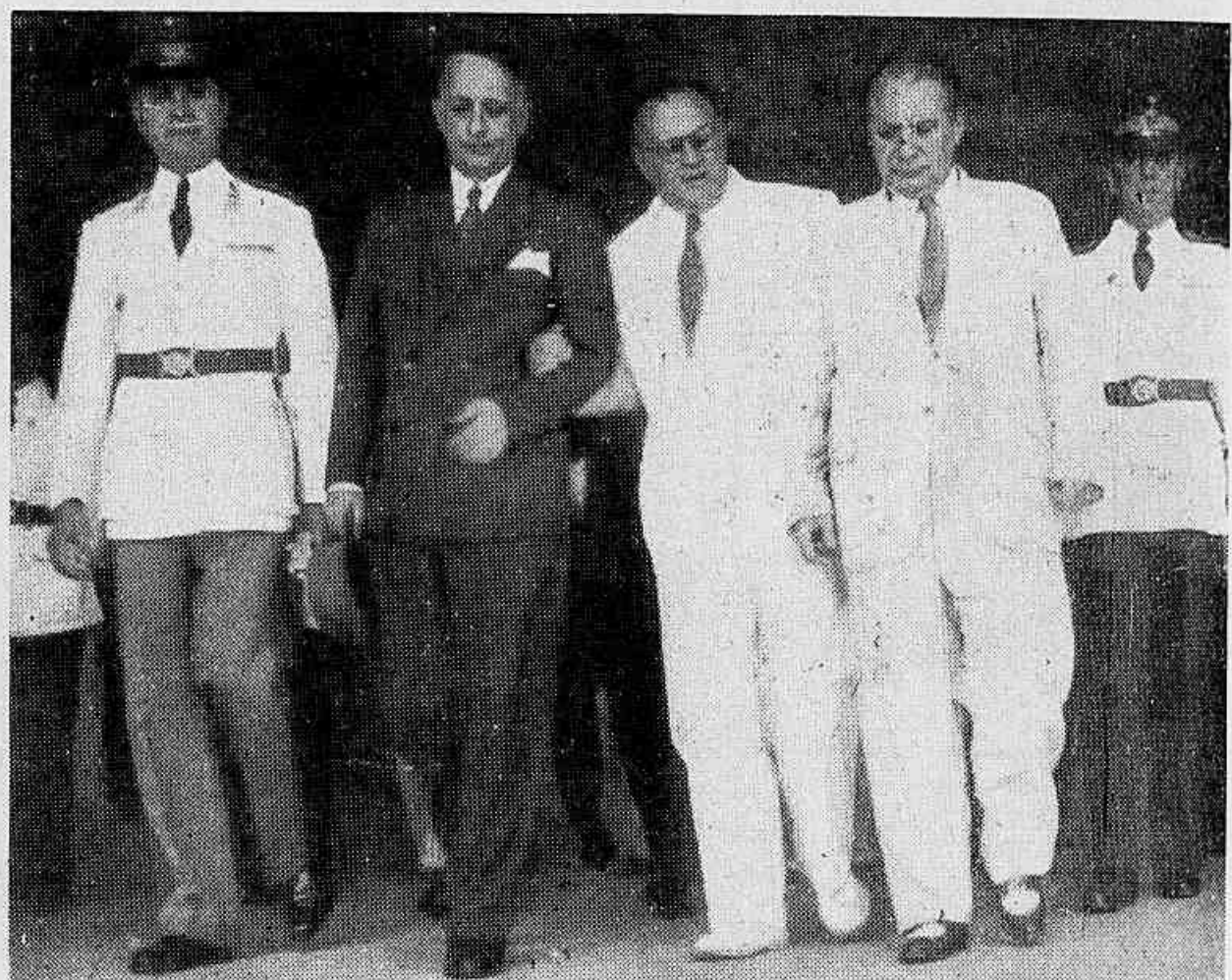


Flagrantes colhidos durante a viagem do ministro Souza Costa a Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo, acompanhado pelo Sr. Warren Pierson, presidente do Export And Import Bank dos Estados Unidos, para conhecer detalhes da extração de minérios de ferro dos mais ricos do mundo.



COMENDADOR JOÃO BERNARDO COXITO GRANADO — A sociedade e os meios comerciais brasileiros veem de sofrer um rude golpe com o falecimento do comendador João Bernardo Coxito Granado, diretor-presidente da sociedade "Casa Granado, Laboratórios, Farmacias e Drogarias, Ltda". da nossa praça. Natural de Portugal, o falecido foi o fundador da Farmacia e Drogaria Granado, estabelecida nesta capital há mais de 70 anos, tornando-se um dos mais conceituados estabelecimentos do gênero.

Deixa o comendador Granado diversos sobrinhos, os srs. Otto Sérpa Granado, d. Alice Serpa Granado, Eduardo Edmundo Cardoso, dr. Mario da Rocha Paranhos, Armando Vieira de Castro, d. Cecília Serpa Granado e d. Elvira Granado de Almeida. O passamento de tão ilustre figura ocorreu no sábado, 6 de Março último, e o seu enterro realizou-se domingo, às 10 horas, saindo o feretro da Fundação Gaffrée Guinle para o cemitério da Ordem Terceira do Carmo.



FANTASMA

O septuagenário José Felício Gomes, de alcunha o Fantasma ...

por
João Luso

(Dos jornais)

— Por que me chamam Fantasma? Não faça caso, senhor. Coisas dessa gente.

— Talvez por causa da vida que você leva, não?

— Que vida? Mais simples, mais socegada não pôde haver. Gosto de andar sózinho...

— Isso mesmo! Isso mesmo!

— Mas então não tenho licença de...

— Tem-na toda! Mas acham esquisito.

— Por que?

— Toda a gente mais ou menos mantém relações, conhecimentos. Precisamos uns dos outros.

— Para que?

— Homem, você tem cada pergunta! Para nos entendermos uns aos outros, nos querermos bem...

— E que adianta isso?

— Pôde ser da maior utilidade. Quando um de nós sofre um "contra" na vida, o outro o socorre ou o salva; quando este passa por um desgosto, aquele o distrai, o consola, lhe dá coragem. Está entendendo?

— Não, senhor. Porque, a mim, todos os males me vinham dos vizinhos, dos amigos, enfim: dos outros. Vinham e veem! Diz o senhor que eu me afasto, me separo do resto da gente. Não ha tal. Eu bem queria... Mas não me deixam! Metem-se a toda a hora na minha vida, que não os incomoda, não lhes custa nada, de modo nenhum lhes devia interessar. Tento passar pelas ruas, calado, encolhido, sumido no meio do povo... Pois sim! Tomam-me o caminho. Fazem-me perguntas. Querem por força que eu conte, que explique... Mas, senhor, a mim nada me aconteceria, se eles me deixassem em paz!

— E acha que isso de não nos acontecer coisa alguma constitue uma espécie de felicidade?

— A unica! Quando, pelas falas ou as maneiras das pessoas, tenho esperança de ser atendido, peço que não insistam em indagar de mim, que me abandonem á minha natureza, ao meu destino. Não ha meio! Discutem. Teimam em me provar que faço mal, que estou errado — e que me posso emendar, querendo. Já meio zangados, asseguram que só desejam prestar-me um bom serviço. Teem pena de mim. Custa-lhes verme assim, tão pobre, com esta aparência de necessidade, este ar que lhes parece tão triste. Asseguro-lhes ainda uma vez que não peço nada porque realmente nada me falta. Exaltam-se mais, na birra de me favorecer. E, quando me calo de todo, passam aos desaforos. Dizem que é bem feito! Acusam-me, não só de burrice, mas também de soberba e até de ingratidão. Gritam-me: "Sai! vai embora!" como se eu fizesse questão de ficar mais tempo no meio deles. Perseguem-me com vaias: "Fantasma! Fantasma!" E já algumas vezes os moleques, imitando a seu geito a raiva das pessoas grandes, me teem jogado pedras.

— Devia se queixar ás autoridades.

— Não vale a pena. E talvez fosse peor.

— Que idéia! Por que?

— Podiam me tomar sob a sua proteção. Lembra-vam-se, por exemplo, de me dar trabalho, como "encostado", na Delegacia. Ou então, se me julgassem velho de mais para aguentar qualquer serviço, tratavam de me meter num asilo.

— E olhe que, mais dia, menos dia...

— Não creia. Já me ofereceram. E bastante força fizeram. Até umas senhoras me apareceram lá, na barraca... Com umas conversas tão doces e uns modos tão carinhosos que, se eu realmente lhes dêsse ouvidos... Mas não quero, já disse! E porque me hão de escolher a mim, para estas coisas? Só a mim! Que cisma!

— Nesse ponto não tem você razão. Há outros.

— Mas quantos não vivem por aí, choramingando e sem ninguém lhes dar nada, querendo ir para algum lugar e sem ninguém lhes arranjar para onde...

— Simpatia da sua parte, meu velho! Sorte sua!

— Sorte... Mas esses bem feitores que vejam quem não a tem e quem não a quer ter. Hom'essa! A mim, ao menos, não me falta morada nem pão. E, ainda que

gostasse de me queixar, francamente: só mentindo, só inventando! No entanto, andam por aí alguns, se o senhor soubesse... Fome... Fome, mas daquela! Cai-lhes a roupa aos pedaços; atam-se com barbantes. Dormem em qualquer buraco, encostados a um muro, debaixo duma árvore. E ás vezes não encontram nada disso. Passam a noite assim mesmo, com friagem, com chuvisqueiro, com o que Deus manda. Imagine o senhor que me procuram, a mim. E tão desgraçados que aproveitam o que me sobra, a mim!

— Bom, ao menos a esses você não evita.

— Tomara eu! Mas, o senhor compreende, correr com eles, impossível. Depois, havendo feijão ao fogo e quando a pessoa não esteja acostumada a encher a barriga, tanto dá para um como para dois. Embora pareça pouco, sempre chega para repartir. E talvez custe menos repartir o pouco que o muito.

— Você é filósofo.

— Já me disseram isso várias vezes, mas sem me explicar por que. Só se agora o senhor...

— Levaria muito tempo.

— Paciência. Continuarei a ser uma coisa... que não sei o que é.

— Aí tem a verdadeira filosofia. Mas então, não só você governa a vida, sem recorrer a favores de ninguém, como ainda ajuda os que lhe vão bater á porta...

— Pouca coisa, pouca coisa!

— Naturalmente! Não é rico...

— ...

— Possui, em todo o caso, as suas economias...

— ...

— Desculpe. Eu, se falo assim... Não vá julgar que pretendo arrancar-lhe algum segredo...

— Que lembrança! Eu é que lhe peço perdão. E pôde perguntar o que quizer. Desde o principio vi com quem estava tratando. Tive a certeza de que o senhor não vinha para me obrigar a isto nem áquilo... Nem para se rir de mim ou me insultar... Nem até — o que seria o peor de tudo — para me proteger... Pois bem: De vez em quando, desiste essa gente de fazer alguma coisa por mim. Deixam de me julgar um pobre diabo sem cira nem beira, á mercê de todos os desastres e todas as misérias. E passam a atribuir-me, se não mundos e fundos, pelo menos uma fortunazinha redonda e bem segura. O que ninguém pôde é dizer, mais ou menos, quanto eu possuo nem onde. Então, falam á toa, vão falando, na esperança de, á força de errar, acabarem acertando. Ora afirmam que é na Caixa Economica, ora juram que é num negócio, ou em papeis, ou em prédios... E, volta e meia, investem comigo para eu confessar. Com que interesse? Ganhariam alguma coisa com isso? Para o ir buscar onde eu o tivesse? Nada, senhor! Só teimosia, capricho, gana de saber! Com o senhor, porém, muda o caso de figura. Ao senhor eu lhe confio...

— Escute. Agora prefiro ignorar como os outros.

— Deveras?

— Sinceramente. Questão... de escrupulo. Parece-me melhor assim.

— Em todo o caso, ficará sabendo isto: Disponho... do necessário. Não me sobra; mas também não me amofimo a poupar, com medo de ficar sem nada. Nem gastador nem avaro. Tudo se arranjou e ajustou de há alguns anos a esta parte; e assim, espero em Deus, será até ao fim. As minhas contas estão feitas. Não preciso de calcular, de olhar ao dia seguinte. O que me vem ter ás mãos dura sempre até chegar outra quantia. E' pouco? Quasi nada? Não importa. E' o bastante para mim. E é mais que o bastante, pois ainda, de longe em longe, tiro um pedacinho para os outros. Portanto...

— Tem razão. E como não há perigo de... quero dizer: de isso faltar de repente...

— ...

— Ha, sim, senhor.

— Mas então...

— E' que tudo está regulado. Tenho a certeza cá dentro... a certeza que não falha. Quando as minhas posses acabarem, acabo eu, tudo acaba. Percebe o senhor? Por isso é que não necessito de nada, não me dirijo a este nem áquele, nada me interessa, não quero saber de ninguém. E é por isso que me chamam Fantasma!

Revista
da
Semana

20 de Março de 1943
ANO XLIV --- N. 12



Repouso em clima adorável, 500 mts. alt. Passeios, águas minerais, matas, cascatas, agude, diversões. Fazenda Santa Rita (Parada Eng. Neri Ferreira), a duas horas do Rio. Tel. Mendes 61 — No Rio. Confeitaria Pascoal.

ASMÁTICO!

Se já tentou tudo,
eis a sua salvação!

★ Para melhorar prontamente as terríveis manifestações da asma, como dispnéas, influências, defluxos, bronquites, catarrhos agudos e crônicos, coqueluxe, cansaço, chiado de peito, tosse rebelde sufocante, há um medicamento infalível: o Remédio REYNGATE, a salvação dos asmáticos — composição unicamente vegetal — que dá um alívio imediato. Além disso faz desaparecer gradualmente todos os sintomas até conseguir curas brilhantes em 2 ou 3 meses, mesmo em casos velhos e desenganados. Muitos médicos atestam o grande valor deste remédio, receitando-o. Experimente e ficará incorporado aos milhares em todo o mundo que elogiam o Remédio

REYNGATE

a salvação dos asmáticos

Em todas as boas farmácias e drogas
Distribuidores: ARAUJO FREITAS & CIA.

Nós somos como caníços baloucados pelo vento. O vento é o destino, mas por que este ou aquele destino? E o vento por que sopra? Só Deus o sabe.

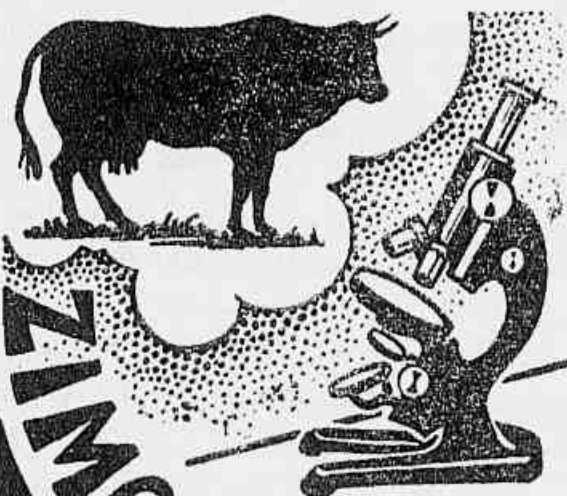
G. Deledda

DOR DO ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS



Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESTINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARQUINO

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais.

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; Seis meses — Cr. \$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; Seis meses — Cr. \$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; Seis meses — Cr. \$ 90,00

O número avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr. \$ 2,00

RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — RIO DE JANEIRO

Telefones: — Direção 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866
Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo. Na Argentina: INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

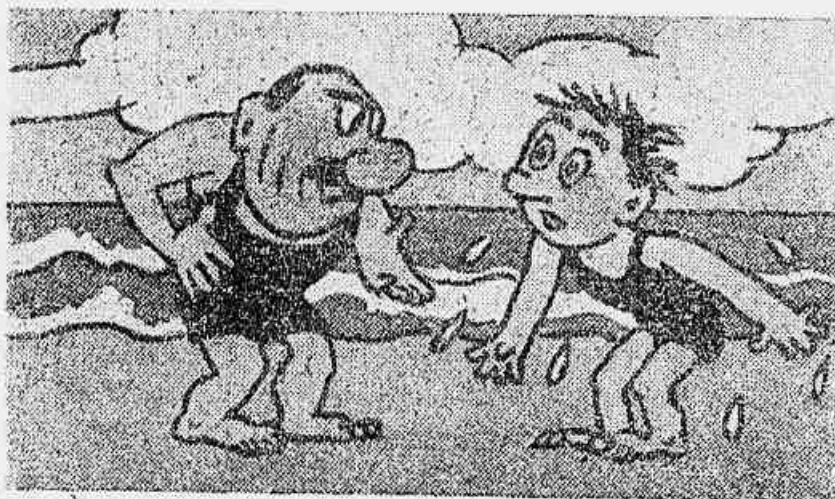
Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.

Diretor: Gratuliano Brito

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 44 PAGINAS

Outros riram... NA PRAIA...

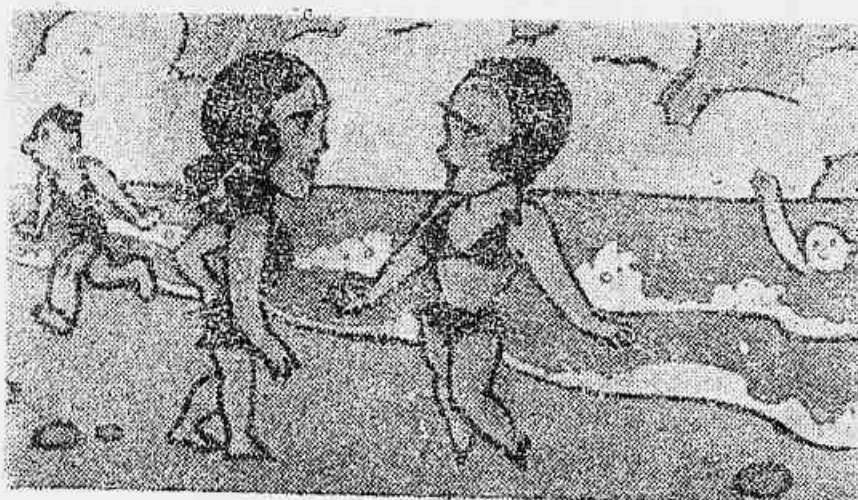


O alfaiate — Que feliz acaso encontrá-lo aqui, senhor Frágoso!

O devedor — Não, não foi acaso. Foi... que não pude ficar mais tempo debaixo d'água.

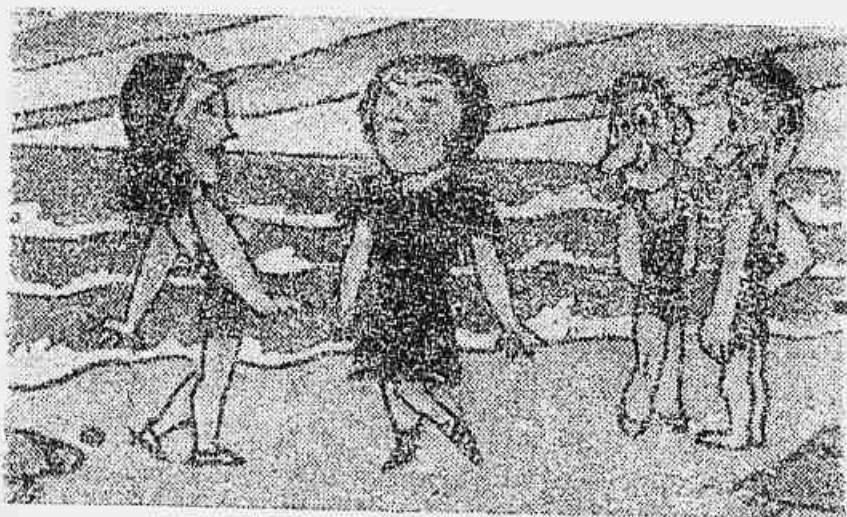
— Estás certa de que teu noivo te ama?

— Certíssima. Ainda ontem, quando me viu com este traje de banho, ficou furioso.



— Parece impossível que ainda não aprendesses a nadar.

— Culpa de mamãe. Com uma roupa de banho como esta, qual é o rapaz que me vai ensinar?



A distribuição desta revista na Capital do Estado de São Paulo está a cargo da "Agencia Siciliano", à rua D. José de Barros n.º 323, telefone 4-7866.

A nossa capa

Continuando a série de retratos dos grandes chefes militares desta guerra, apresentamos hoje na capa de nossa REVISTA o general inglês Bernard L. Montgomery, comandante do Oitavo Exército.

Contando 54 anos, o General Montgomery comandou, no princípio da guerra, uma divisão do Segundo Corpo, organizando o mais rigoroso treino de suas forças até hoje experimentado no exército inglês.

Assumindo o comando do Oitavo Exército, em agosto último, foi o mais eficiente adversário que o general Von Rommel poderia encontrar na luta da África. De sua atuação fulminante, resultou o encerramento das tropas nazistas na famosa linha Mareth, na fronteira da Líbia e da Tunísia, onde os remanescentes dos "Afrikakorps" vêm fazendo uma desesperada resistência ao assalto final das forças inglesas, francesas e americanas, num jogo de contra-ofensiva, que tem retardado até agora o desfecho da luta naquele setor.



Primeiro indício!

Não perca tempo quando sentir os sintomas de uma constipação — o desconforto pode custar-lhe caro. Aplique logo Mentholum no peito, na garganta e nas fossas nasais. Mas exija o legítimo



MENTHOLATUM

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tirará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especificamente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço Cr. \$ 3,20.

A SEMANA EM REVISTA

O ESPORTE DA FOME

Ha'dias focalizámos aqui a figura exótica do Mahatma, que, naquela idade, e "não" estando lá muito bem de gorduras, deu-se ao luxo de um novo jejum, de uma nova greve da fome, com a qual esperava conseguir não sabemos o que. Gandhi é um condutor de multidões originalíssimo. Enquanto os outros fazem discursos, gestos espetaculares, planfetismo, ele se limita a não comer. Nós, ocidentais, talvez não entendamos perfeitamente o alcance deste gesto. A Índia, porém, o compreende — e é o quanto basta a ele. Milhões de pessoas agitam-se, ocorrem distúrbios em várias cidades, age a polícia — tudo isso porque um homem não quer comer.

Lembramos aqui que Gandhi se entrega a essas reservas desde os tempos distantes de sua mocidade, quando trabalhava como advogado na África do Sul. Depois, pelos pecados próprios ou pelos alheios, pelos erros do Governo ou em vista de quaisquer outros motivos, ele zás!... deixa de comer! Um de seus jejuns teve por motivo o fato

de sua esposa haver desviado em benefício dele, uma pequena quantia dos fundos públicos.

Note-se que o prestígio de Gandhi na Índia, mais do que político, é um prestígio religioso. Ele não tem apenas "adeptos" — tem discípulos. Assim, seria de consequências imprevisíveis, o mau sucesso de uma dessas greves. Entretanto, essa crise vem sendo adiada, graças á galhardia com que o homem consegue atravessar o "itinerário" de seu jejum. Ele é um autêntico "campeão da fome".

SURPREZAS DA GUERRA

Os próprios inimigos nunca deixaram de reconhecer nos alemães suas qualidades de bons soldados. Diz-se mesmo, vulgarmente, que o gênio da guerra pertence aos povos germanicos. Sem duvida, a Alemanha é, de ha muito, pioneira na criação de novas técnicas belicosas e no emprêgo de novas armas. A motorização, a ação em grande escala de aviões e paraquedistas, a guerra de nervos, os movimentos agressivos rápidos; a "blitzkrieg", enfim, é a ultima de suas criações, hoje usada, aliás, contra ela mesma. De fato, o naufrágio militar alemão na Rússia constitui um dos maiores espetáculos que esta Consagração nos proporciona.

Quando Hitler invadiu a velha Pátria slava, a propaganda nazista exultou; os porta-vozes do Fuehrer chegaram a declarar que o Exército Vermelho seria "liquidado" em seis semanas. Os sucessos relampicos do primeiro momento, realmente, pareciam justificar esse otimismo. Mas, depois de um recuo necessário, os russos dispuseram-se a oferecer resistência; fenomeno interessante ocorrido então, foi o abandono da mística artificial do comunismo e incontinente restauração da velha mística da "pátria", do solo sagrado, essencialmente incompatível com a primeira. Depois — coisa que espantou o mundo — passaram a ofensiva, retomando enorme porção do território em poder dos invasores. Agora, despachos de Berlim anunciam que um comentarista militar alemão declarará "que o Exército Russo é o mais perfeito instrumento de destruição inventado até hoje". Este fato é uma das muitas revelações desta guerra — que ainda nos reserva muitas surpresas.

VISÃO APOCALIPTICA

São numerosas as descrições da época pre-histórica. Torna-se mesmo curioso que o homem do século XX, com a deficiência de dados disponiveis, volte, com tanta frequência, a discorrer sobre esses tempos ante-diluvianos, descrevendo a vida do Homem, suas lutas pelo alimento, as escaramuças com as feras, a disputa da fêmea e outras passagens interessantes...

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do útero, pêso, dôres e cólicas no ventre durante o periodo menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**.

Duas atitudes são passíveis de ser assumidas em face desses romances — levá-los a sério ou não. Preferimos a segunda. Achamos — com Chesterton — que não basta um mero sinal, uma simples osso, para, com este, reconstruir toda uma forma animal ou, com aquele, toda uma cultura. Para compreendermos épocas e culturas distantes, é indispensável algo mais do que uma escassa herança material. Isso, entretanto, não obsta a que imaginemos o espetáculo estupendo que a natureza deveria oferecer nas primeiras idades. O solo, inacabado, ainda sacudia-se de vez em vez, nas ciclópicas comoções geotérmicas. Florestas imensas eram tragadas num instante, rios mudavam de curso, naufragavam continentes. Depois dessas "crises" o espetáculo da destruição deveria surgir, numeroso, aos olhos indiferentes do "cidadão" de Neandertal...

Algo semelhante aconteceu ha pouco na Praia de Ponta Delgada, nos Açores; deram á areia sete baleias mortas, vitimadas pela explosão de bombas de profundidade destinadas aos submarinos. Mas, desta vez, deu-se, por certo, um conveniente destino comercial aos ricos despojos...

ONDULANDO E PELANDO AO MESMO TEMPO

A fauna humana é rica. Toda coletividade é um muséu, um muséu tanto mais interessante quanto mais aguda é a capacidade de observação do espectador. Quem conhece as lendas dos deuses gregos, quem já leu os romances de Shakespeare, pôde constatar pelos jornais diários, que essa humanidade real que vive hoje conosco oferece aspectos tão curiosos quanto aqueles que vislumbremos nos cidadãos olimpicos ou nos personagens shakespearianos.

Ha dias a policia carioca prendeu um barbeiro que exercia, cumulativamente, as funções de figaro e de agiota. Sim, o rapaz, além de ondular, com esmero, respeitáveis e matronais cabeleiras, entregava-se, também, á prática do empréstimo a juros, juros extorsivos bem se vê, "pelando" impiedosamente os necessitados. Mas — perguntamos — ele não era barbeiro? Não agia legalmente, de tesoura e navalha? Ou, não obstante todos os seus incontestáveis direitos, ter-se-ia excedido, praticando alguma "barberagem"?

Flavio

Numeros atrasados desta revista
no Distrito Federal

Procurar á Rua Maranguape, -- 15 Telefone 22-2550

DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de molas

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
DECORAÇÕES - Secção dirigida por
GILBERT DE PARIS

Agora muitos usam DENTADURA POSTIÇA com mais comodidade

FIXODENT, um pó alcalino (não ácido), de agradável sabor, mantém as dentaduras postizas firmes na boca. Para comer e falar com mais comodidade, experimente um pouco de FIXODENT sobre sua dentadura postiza. Não fica na boca nenhuma sensação pegajosa. Combate "cheiro característico da dentadura" — perfuma o hálito.

Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

87-B

Numeros atrasados desta Revista no Maranhão

Pedir a RAMOS D'ALMEIDA & CIA.

Praça João Lisboa, 114 — S. Luiz

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Poco enviar-me prospectos!
NOME _____
ENDEREÇO _____

Quando a cabeça começa a coçar, a caspa a cobrir a golla do casaco e o cabelo a cair, é bello a cair ao penteá-lo, é tempo de usar o **TRICÓFERO DE BARRY**, se não, dentro de poucos mezes haverá no mundo mais um calvo.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observa-se como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

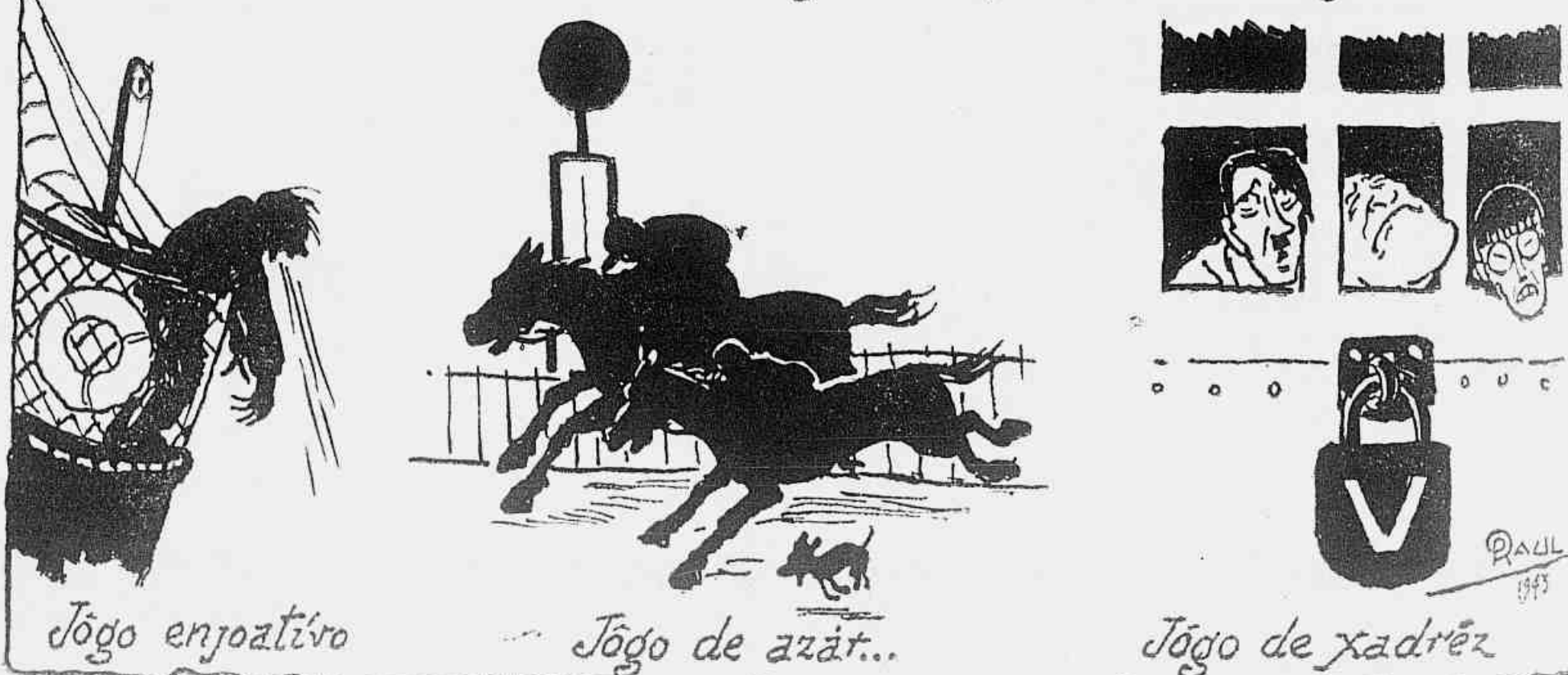
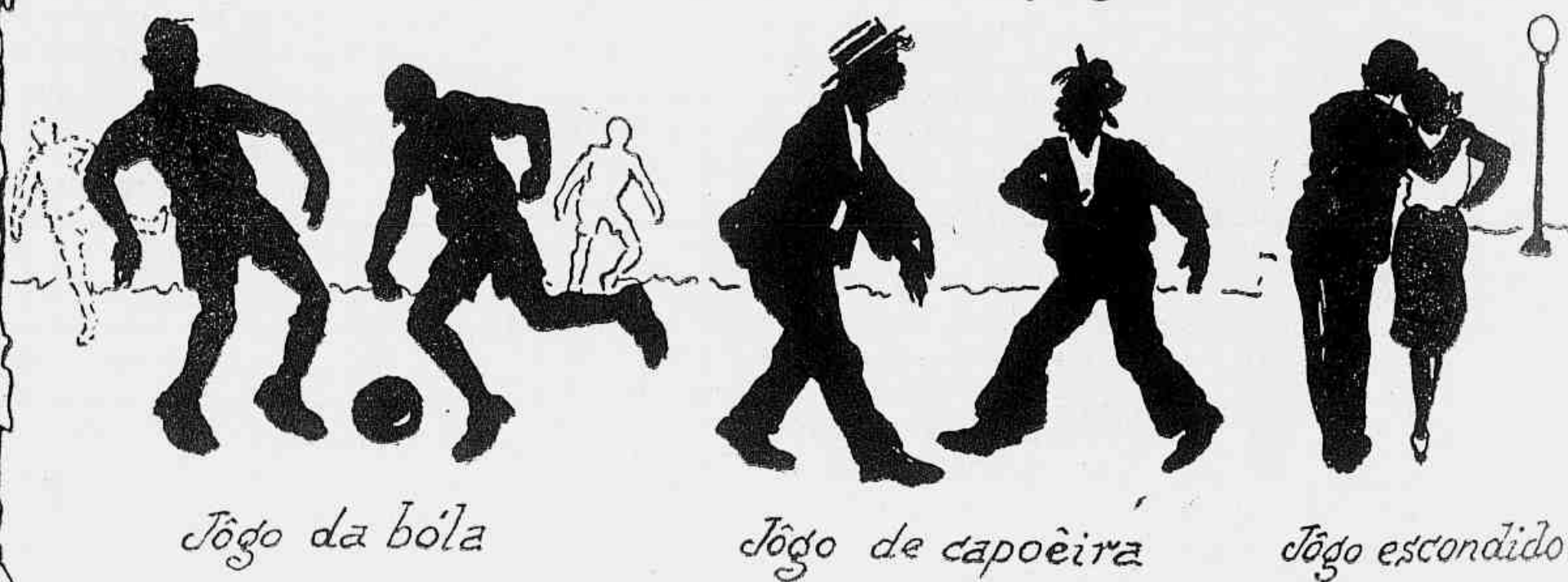
A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O vigor, o brilho de uma pele viva e sedida volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante".

Experimente-a.

PRISÃO DO VENTRE?
Pílulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTES-
TOS SEM VENTURA-LO.

Jogalinas...



O CASAMENTO DE MEHÔ

Conto do escritor sérvio SVETOZAR TCHOROVITCH

Mehô, acendedor de lampêões, pediu em casamento Fatca, filha de Hassan-aga; e é amanhã que o ato matrimonial se deve celebrar. Mehô está alegre como um passaro na primavera. Tem a impressão de haver crescido até ao céu, de haver metido os dois braços no Djénet (1) e arrebatado a mais formosa das huris. Tão grande é a sua alegria que não sabe o que ha de fazer. Corre dum lado para o outro; anda à roda como um pião; dança, grita e quer por força ajudar sua mãe nos preparativos para o grande dia. Isso, porém, não lh'o consente a excelente mulher nem as visinhas que a auxiliam nos seus trabalhos. No estado de exaltação e júbilo em que se encontra, Mehô só realmente serviria para derramar a farinha pelo chão e fazer em cacos a louça caseira.

Chegada a noite, Mehô sente-se cansado positivamente exausto de ter querido fazer alguma coisa e não acertar como ou em quê. Vergam-lhe as pernas. Arrasta-se até ao seu quarto ao rez-do-chão, o quarto de que ele diz maravilhas, gabando sobretudo a pintura das paredes — que em verdade nunca foram pintadas. Simplesmente a humidade e o fumo se divertiram a desenhar e colorir por ali fóra toda a sorte de formas fantasistas...

Mehô estende-se no leito, no velho colchão já com alguns rasgões por onde se vê a lã do acolchoado.

— Que bom! diz ele consigo — Que bom quando Fatca aqui estiver, a meu lado... Amanhã, por estas horas... Amanhã, por estas horas...

Mas não pode continuar. Um torpor, uma espécie de febre o invade. Vê Fatca a seu lado, sorrindo-lhe ternamente, estendendo as mãos para lhe afagar as faces, lhe acariciar as guias do bigode.

— Que bom, que bom! repete em voz mais alta.

E, nervoso, irrequieto, salta para o meio do quarto.

— Se eu pudesse dormir, geme depois, na sua ânsia de repouso, de serenidade.

Estendeu-se nas táboas que vergavam ao peso do seu corpo; e, cruzando os braços debaixo da cabeça, prosseguiu na sua conversa solitária.

— Havemos de nos amar como ninguém no mundo ainda se amou. Sentá-la-ei nos meus joelhos e ficaremos tagarelando e rindo tempos esquecidos. E um dia, nascer-nos-á um filho. Quando eu vier voltando do mercado, vizinhos alvoroçados correrão ao meu encontro, para me anunciar: "Um filho! Tens um filho!" Doutra vez, chegando a casa, ele me chamará encantadoramente: *Papá!* E o meu coração desatará a saltar como um potro e eu beijarei meu filho e Fatca, até mais não poder!

Nisto, descaiu-lhe a cabeça para o ombro. Fechou os olhos. E entrou a resonar pausadamente.

Nisto, entra no quarto, precipitadamente o seu camarada Ibro. Vem alvoroçado, ofegante:

— Mehô! exclama Ibro, com a boca enorme abrindo-se duma orelha à outra. — Raptaram Fatca!

Mehô desperta em sobresalto, ergue-se atarantado:

— Hein? O quê?

— Housso Balta levou Fatca para casa dele!

Mehô não quer ouvir mais nada. Rugindo como um leão, apanha a faca enorme que era de seu pai e que desde a morte deste estava pendurada na parede, sem ninguém lhe tocar.

— Ah, infame! Eu lhe vou mostrar, a esse bandido, como se defende uma noiva adorada! Que me chamem Vlah (2) se eu não lhe cortar a cabeça como quem corta a cabeça dum galo!

Aperta com toda a força a cinta, para segurar bem as calças; arregaa as mangas; e com a faca presa nos dentes desata a correr como um possesso até à casa de Housso Balta.

— Salta cá para fóra, Vlah! grita ele, em desafio.

Alguém tosse grosso, lá dentro; ouve-se uma praga; abrem-se com

violência as duas folhas da janela... Mas quem aparece é a linda Fatca, que lhe responde:

— Não! Ele não é um Vlah! Tu sim, é que és um Vlah, mais que um Vlah! E fica sabendo que o amo com toda a minha alma!

Mehô sente um grande golpe no coração:

— Quer dizer que não fizeste, até hoje, se não enganar-me, desgraçada?

Fatca não responde. Cospe com desprezo e cede o lugar á janela a uns bigodes formidáveis e a uns olhos de assassino, que parecem carvões esbrazados.

— Que vens fazer aqui? brada Housso, que empunha uma pistola.

— Ela é minha; e, se caçou de ti, foi porque assim lhe aprouve, entendeste? E agora, vai-te embora senão queres que te meta uma bala na cabeça!

Mehô olha-o, espantado.

— Uma bala? Tu?

— Duvidas?

Então, como se deu com o coração de Mouso Kessedji (3), uma serpente que estava adormecida no coração de Mehô, subitamente desperta, rabeando, furiosa.

— Pois bem, atira! exclama ele, oferecendo ao inimigo o peito descoberto — Uma vez que me tiraste Fatca, tira-me também a vida! De que me serve a vida sem ela?

O outro revolve os olhos chamejantes e aponta a arma...

"Vou morrer", pensa Mehô, vendo o cano da pistola assestar-se em direção à sua testa. "Morrer por ela... Será ela uma hurú?"

De repente, enche-se de terror e desata a fugir. Atravessa, correndo, campos e jardins, salta cercas e valados — e só depois repara que perdeu um dos sapatos e a faca lhe caiu da boca. Sentindo no encanto o terrível Housso, quer gritar:

— Acudam, acudam!

Mas nesse momento, um safanão o acorda.

— Ainda não dormiste bastante? ralha a mãe, continuando a sacudí-lo. — Os convidados não tardam a chegar!

(1) *Paraíso dos mussulmanos.*

(2) *Nome de desprezo que os Sérvios Mussulmanos da Bósnia dão aos seus compatriotas cristãos.*

(3) *Lendário bandido turco.*

PILULAS DE FOSTER

Balsâmicas e diuréticas para as doenças das vias urinárias e no tratamento da uricemia e suas manifestações.

DORES LOMBARES



São sinais evidentes de fraqueza e morosidade dos rins. Convém atendê-los quanto antes. Dores lombares, dores do reumatismo gotoso, irregularidades na bexiga, são também sintomas comuns de que os rins não estão funcionando como devem e que estão necessitando de um socorro diurético. As PILULAS DE FOSTER auxiliam aos rins, fazendo-os retirar do sangue todos os venenos perturbadores da saúde. Nas enfermidades dos rins e da bexiga usem as PILULAS DE FOSTER.

PILULAS DE FOSTER

PARA OS RINS E A BEXIGA

Anúncio aprovado pelo D. N. S. sob o n.º 197 em 2.4.41

JOHANN STRAUSS — DA VALSA AO JAZZ, por Heinrich Eduard Jacob, tradução de Abelardo Romero — Rio de Janeiro, 1942.

"O nascimento da valsa..." Tal o título da parte inicial deste livro considerável. O assunto é encantadoramente sugestivo. E toda a gente imagina uma espécie de conto de fadas. E logo se admite o resultado das caminhadas e ansiedades dum rebuscador de lendas que tivesse chegado a averiguar o local, a hora, todas as condições do nascimento da princezinha dos salões, num leito de linho suavíssimo, de rendas ondulantes, num ambiente de beleza, luz e aromas, todo impregnado de poesia. Ali, compareceriam as divindades mais graciosamente tutelares. Uma delas daria de presente à recém-nascida o ritmo, outra a elegância, outra o sorriso e a sedução; e a última faria a dádiva mais preciosa: o condão de aproximar, comunicar, unir os corações.



Mas essa concepção ou emoção do primeiro momento logo tem que ceder à natureza documentada, "histórica" da obra. O autor é, sobretudo, um historiógrafo. Faz, de vez em quando, o seu bocado de novela; chegará a usar de certa arbitrariedade; armará cenas e comporá diálogos, como se tudo houvesse presenciado e ouvido em pessoa — mas isso está na regra e nos recursos da época. Assim procedem os especialistas da chamada "biografia romanceada". Que se trate da carreira dum homem ou da evolução duma dança pouco importa. E em verdade, a imaginação nestes casos é sempre meritória, porque serve para dar mais realce e interesse maior à verdade.

A dinastia dos Strauss tem aqui os seus anais, os seus fastos, por assim dizer, oficiais. Verdade seja que o sr. H. E. Jacob dá por finda essa realeza, declarando extinta a época da valsa e proclamando o império do jazz... Mas talvez seja apenas — como se dizia nos debates parlamentares — uma opinião pessoal de sua excelência!

MOVIMENTO

A VOCAÇÃO DE VITORINO LAPA, romance de Galeão Coutinho — São Paulo, 1941

O sr. Galeão Coutinho, jornalista de excepcional aptidão e de recursos variadíssimos, no jornal mesmo se tornou autor de romances dos mais curiosos, mais expressivos das modernas letras brasileiras. Lembrou-se ele, um dia, de escrever para a folha de São Paulo de que então era redactor-chefe o estudo dum desses tipos de troca-tintas, improvisadores de expedientes, como só as grandes cidades os produzem, no amálgama dos que trabalham honradamente e dos que não hesitam em se deshonrar, contando que explorem a honradez alheia. No meio dos problemas políticos, das questões sociais que diariamente lhe passavam por sobre a meza de trabalho, o sr. Galeão Coutinho se regozijava, se deleitava, observando aquele personagem, dentro do seu cenário natural, através dos episódios da sua existência irregularíssima, desconchavada, nem por isso, na novela, destituída de coerência ou de verdade exemplar. Tanto o criador se divertia com a criatura que as aventuras desta se multiplicaram, se espalharam por dezenas de rodapés. Formou-se o romance. Logo apareceu editor a reclamá-lo. E tal a história, mal contada agora, que acompanhou a publicação, em livro, das *Memórias de Simão Caêlo*.



A este romance se seguiu *Vovô Morungaba* e vem agora o terceiro *A Vocação de Vitorino Lapa*. Não só pelos processos de fácil técnica e o corte, ora erudito ora popular, do estilo as três obras se relacionam intimamente. Em todas se explora e desenvolve, com as variantes possíveis e uma nota dominante de humorismo, o problema dos que "cavam a vida" sem emprego certo nem profissão regular; os agenciadores de negócios fantásticos; os advogados que se mancomunam com o patrono da parte contrária, para embrolhar... ambas as partes; os arranjadores de sinecuras; os desencrenadores de situações; e a legião inumerável dos "mordedores".

Na *Vocação de V. Lapa*, o protagonista é um estudante, filho de fazendeiro e que, em São Paulo, metido com gente de teatro "mambembe", escreve uma revista e lança mão de todos os meios — ou de quasi todos — para a fazer ir à cena. O empresário, o contraregra, o primeiro galã, a estrela, um crítico, outros personagens da roda enredam o jovem Vitorino num sistema cada vez mais complicado e angustioso de golpes contra a caixa paterna; vendas apressadas dum automovel, joias, mobília; corridas a casas de penhores; cartas a amigos, "facadas". O empresário foge. Todo o dinheiro acabou. Não resta porta a que se bata com qualquer esperança de bom êxito. Vitorino recolhe-se, desanimado, à fazenda. Lá, porém, vão ter o ensaiador e o contraregra, desempregadíssimos. E os dois camaradas, de imaginação inesgotável desde que se trate de intrujices e malandragens, levam Vitorino a organizar na vizinha cidade, Ventania, um teatro local, com elementos próprios, que será a sua fortuna de hoje e a sua glória futura. Passado o romance para esse meio provinciano, o autor encontra novos costumes, novas figuras, novos assuntos em que exercer a sua veia de exuberante jovialidade. Através dos ensaios e até à representação da comédia — escrita, já se vê, pelo próprio Vitorino — a feição da obra vai ao bufo máximo, ao extremo caricatural. A prova redonda em catástrofe. Vai por água abaixo a "Companhia Ventaniense de Comédias." Mas no dia seguinte já os dois maraus começam a meter Vitorino em nova aventura, cujo "sucesso", garantem eles, e até provam, não pode absolutamente falhar.

Assim, talvez o romance não haja terminado. O seu agrado sensacional indica evidentemente, quasi exige que não termine. Aguardemos pois, com outro título, mas incluindo nele o nome do herói, a continuação.

VIAGENS NO BRASIL, de George Gardner, tradução de Albertino Pinheiro — São Paulo, 1942.

George Gardner, doutor em medicina, com o gosto entusiástico da história natural e especialmente apaixonado pela botânica, explica no primeiro capítulo deste seu livro os motivos por que visitou o Brasil. Foi um botanista insigne, lente da Universidade de Glasgow, que o aconselhou a fazer uma viagem à América do Sul, se queria encontrar o campo mais propício para os estudos de sua predileção. Gardner escolheu o Brasil. Já outros homens de ciência, alemães e ingleses, haviam estado neste paiz; nenhum, porém, se aventurara pelas terras do interior. Assim ele podia conceber a esperança de fazer algumas descobertas mais ou menos importantes — e novas. E com esse belo sonho, o mais belo, sem dúvida, que os homens de ciência podem alimentar, Gardner partiu da Inglaterra a 20 de Março de 1856, a bordo da barca *Memnon*, que ao clarear do dia 22 de Julho o fazia avistar Cabo Frio e na manhã seguinte o depunha no Rio de Janeiro.

A travessia do Atlântico, em verdade, não lhe mereceu qualquer descrição ou apreciação circunstanciada. Apenas lhe pareceu "tediosa" embora "não desagradável". Mas logo as praias, os morros, o casario da cidade lhe provocam o estudo verdadeiramente interessado dos aspectos; as observações ora de natureza científica ora de feição estética, ora de índole pitoresca ou anedótica; comparações como a da "Camara dos Senadores" à Camara dos Lords; e logo depois, ou ainda simultaneamente com as impressões panorâmicas, as anotações relativas aos costumes curiosos da população.



Uma das suas primeiras viagens pelo interior do Brasil foi a que teve por término... o alto da Tijuca. Gardner ia com um amigo; levavam criados, cavalos e mantimentos, para o jantar. E essa jornada lhe forneceu algumas páginas ricas de cenários, de particularidades emocionantes, de cabedal sapiente e que ainda hoje, sobretudo por essa última feição, nos podem proporcionar verdadeiras novidades.

Não perde George Gardner ensejo de justificar ou defender o Brasil acerca das coisas que maldosa ou levianamente se contam a seu respeito na Europa. Logo no primeiro capítulo restabelece a verdade quanto à condição do escravo no Brasil mostrando que, se existem alguns senhores de maus bofes, a maior parte são brandos, gentios, assim como, se alguns escravos sofrem e se humilham, outros são rebeldes a qualquer disciplina, de fundo rancoroso e dados a todos os vícios.

O viajante estende as suas excursões estudiosas pela Serra dos Orgãos; vai à Bahia, a Pernambuco, a Alagoas; percorre longo trecho do rio São Francisco; demora-se no Ceará (tres capítulos); conhece amide o Piauí; percorre, por assim dizer, palmo a palmo, Minas Gerais... Por toda a parte a fauna, a flora, as riquezas minerais, a exuberância das lavouras, as facilidades de trabalho e de vida lhe fazem dar por bem empregados o tempo e o trabalho — e sedutoramente o convidam a continuar. E assim é que George Gardner parte de regresso à sua terra, levando desta, entre a sua bagagem científica, não pequena carga de saudades.

O LIVRO DO DIA:

TEOFILO OTONI-
MINISTRO DO POVO

— POR —

PAULO PINHEIRO CHAGAS



É um estudo completo sobre o grande político mineiro do 2.º reinado, admiravelmente escrito e documentado. Um volume em grande formato, com 440 páginas de texto e 34 de gravuras em couché.

Preços: em brochura..... Cr \$ 30,00
em encadernação de luxo Cr \$ 45,00

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos á Livraria Editora
ZELIO VALVERDE
TRAVESSA DO OUVIDOR, 27

Caixa Postal 2956 -- Rio de Janeiro

Aos clientes do interior: se não encontrarem no seu livreiro, peçam pelo nosso serviço de reembolso postal

LITERÁRIO

Fechando o livro, cuja edição presente, em cuidada e amena tradução de Albertino Pinheiro, vai a mais de quatrocentas e cinquenta páginas, diz o autor:

"Não foi sem grande pesar que deixei o Brasil, porque a vida que lá vivi era independente e livre e eu me dava muito melhor com o seu clima que com o da Inglaterra; além de que o país é belo e mais rico que qualquer outro nos objetos naturais a que votei a minha vida."

PERFIS DE LOUCOS, de A. Austregesilo, da Academia Brasileira — Rio de Janeiro, 1943.

Nas "obras completas" do Professor A. Austregesilo, os *Perfis de loucos* constituem o 21.º volume. A série deverá ir a 60 ou mais. E há livros destes que estão na 7.ª edição.

Avalie-se por aí a divulgação que as lições do mestre insigne tem atingido. Os *Pequenos males*, a *Cura dos nervos*, os *Conselhos Práticos aos nervosos* excedem enormemente, na livraria brasileira, os limites do êxito das obras científicas em geral. Fora dos compêndios dalgum modo obrigatórios nas aulas da Faculdade, de certo não se conhecem tiragens comparáveis às dos trabalhos deste grande médico e grande professor. E há para isso uma razão capital. Os livros do sr. A. Austregesilo não se destinam apenas aos seus confrades ou aos seus discípulos. Interessam a uma multidão de indivíduos e não apenas pelas luzes que lhes levam ao espírito mas também pelos benefícios que lhes podem prestar à saúde. Não só os especialistas os compreendem. A sua linguagem clara, directa, da mais penetrante eloquência, chega a todos os entendimentos e lá deixa o conselho providencial a seguir. Os *Pequenos males* e outros livros do autor tem de fato curado muita gente. Deviam ser "receitados". Não é, porém, necessário que os outros facultativos os adotem entre os seus recursos terapêuticos, porque os doentes que os leram e a quem eles valeram, naturalmente os recomendam aos outros. E daí o grau de triunfo representado pela sua sétima edição.

Os *Perfis de loucos* não serão talvez tão proveitosos. Ou são-lo ainda mais — que sabemos nós disso? São vinte e tantas narrativas lançadas com aquela espécie de singeleza, aquela aparente facilidade em que reside uma das virtudes da "maneira" do mestre. Algumas destas páginas, note-se, ele as escreveu quando ainda estudante. Os leitores das revistas de moços que apareceram no Rio por volta de 1900 não esqueceram o conto *Ele, o Dr. Strauss*, cuja factura representava então um modelo de "vanguardismo", de audácia modernista, e o qual, por isso, figurou entre as quatro ou cinco produções de mais destaque naquela época literária. Pela nota liminar do presente volume sabemos que o então jovem psiquiatra tirou o assunto do *Dr. Strauss* dum caso verídico das suas observações de cada dia, dando-lhe a forma que então lhe pareceu mais adequada e mais expressiva. Outras criaturas, com a sua idéja fixa, a sua exaltação, a sua melancolia, o seu desespero ou a sua resignação passam por diante dos nossos olhos cativos do singular desfile. E o mais impressionante da leitura é notarmos que em todas aquelas imagens há alguma coisa, uma fase, um episódio ou um instante de nós mesmos...

J. L.

HISTÓRIA DA REPÚBLICA JESUITICA DO PARAGUAI, do Cônego João Pedro Gay — Ministério da Educação e Saúde — Rio — 1942.



O jesuita, ainda hoje, é um dos temas que maior interesse desperta nos estudiosos da colonização ibérica neste Continente. Para muitos ele foi o civilizador ideal, o semeador da verdade e do trabalho, nucleando — e disciplinando — nas célebres reduções, enormes populações indígenas. Outros vêem nesse aldeamento, nessa militarização econômica, apenas uma forma de exploração capitalista, imjerdoável, desde que se leve em conta o papel de evangelizadores de que se achavam investidos.

De qualquer modo, eles construíram e produziram — indo de encontro, aliás, à tradição da indolência e da riqueza fácil, abraçada por todos os chegadinhos à Colônia. Permanecem de pé ainda, baixas e requintadas no seu barôco genuíno, as igrejas e colégios que eles erigiram, sempre otimamente situados, em regiões propícias à pecuária e à lavoura. E com a expulsão dos padres, mediante a ordem pombalina, essas fazendas decaíram, fracionaram-se — e a bugrada voltou à floresta, estiolando-se.

Embora um pouco cedo para dizer-se uma palavra final sobre os filhos de Loiola, os jesuitas, é merecedor de aplausos quaisquer esforços que visem trazer alguma contribuição ao melhor conhecimento do tema. E depois da Obra monumental do Padre Serafim Leite, a publicação do livro cujo título encima esta nota, representa a etapa mais notável na revivência hodierna da crônica civilizacional jesuítica.

Jean Pierre Gay foi um religioso francês que, ao correr do século XIX, perlongou por diversas províncias brasileiras, desempenhando, entre outras, a função de vigário de São Borja das Missões Brasileiras, cidade onde seu nome, até hoje, vive na tradição popular.

Culto, trabalhador, deixou volumosa bagagem de livros, sobre história, linguística e outros assuntos, de edições, infelizmente, raríssimas, hoje. Da H. R. J. P., por exemplo, existia apenas uma, datada de 1863 e promovida pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Considerando-se que foi mesmo naquelas regiões que o fenômeno jesuítico adquiriu maior importância, assumindo feições verdadeiramente estatais, compreenderemos que a divulgação desta história foi mais um excelente serviço prestado pelo Ministério da Educação aos estudiosos brasileiros.

Na ausência de qualquer outra credencial, ostenta dêste documento, a de ter sido escrito por um espectador direto dos fatos, êsse curioso home-pata-teólogo, até agora esquecido nos arquivos.

Outro, sim, o nome ilustre de Rodolfo Garcia, organizador da edição, e a impecável execução gráfica, nas oficinas da Imprensa Nacional, recomendam a obra à leitura atenta de todos aqueles que se consagram a pesquisar o nosso passado e a nossa História.

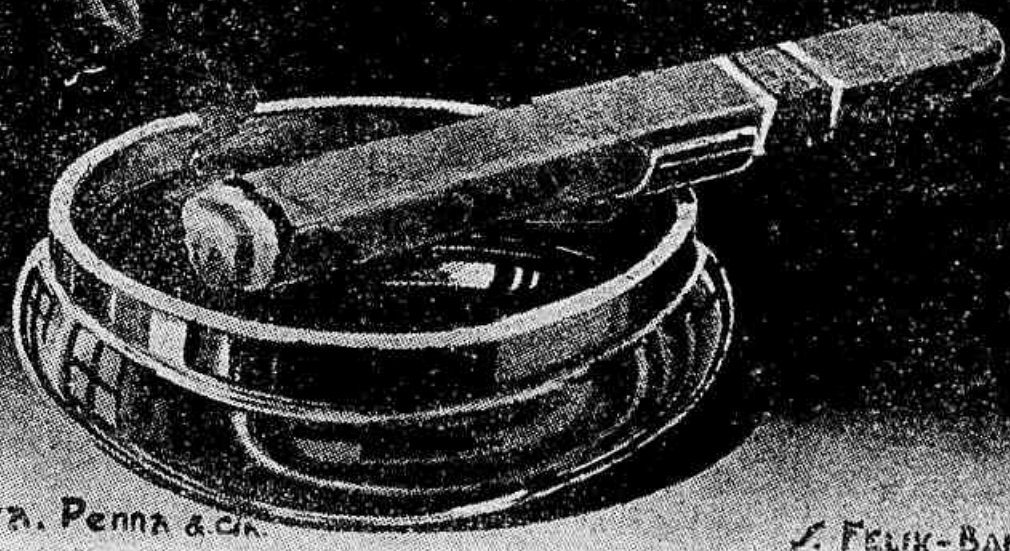
HISTÓRIA DO AÇÚCAR, de Edmund O. Von Lippmann — Edição do Instituto do Açúcar e do Alcool — Rio — 1941 — 1942.

Dentre as organizações para-estatais em boa hora instituídas pelo Governo, destinadas à coordenação da vida econômica nacional, conta-se o I. A. A.

Iniciando suas atividades quando a lavoura açucareira do País atravessava uma de suas mais graves crises, o Instituto rapidamente desempenhou o seu papel, harmonizando

Príncipe de Galles

NÃO HA CHARUTO IGUAL AO PRINCEPE DE GALLES!



"Carta. Penna & Cia."

"J. FELIX-BAHIA"

BANCO INDUSTRIAL BRASILEIRO S. A.

Capital Cr. \$ 10.000.000,00

MATRIZ

Rua General Camara, 71

Fone: 43-8830 — Telegramas: "CASABANCA" — Caixa Postal 785

FILIAIS NO DISTRITO FEDERAL:

BANDEIRA
MADUREIRA
MEIER

Praça da Bandeira, 305
Rua Maria Freitas, 13
Rua Frederico Meier, 8

Fone: 48-0212
Fone: 29 6606
Fone: 29-5355

FILIAIS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

NITEROI — CAMPOS — PETROPOLIS — BARRA DO PIRAI
CAMBUCI — ITAPERUNA — NOVA IGUAÇU — VOLTA
REDONDA — REZENDE

Todas as operações bancárias às melhores taxas

Coragem!

FORÇA-VIGOR-ENERGIA
ALEGRIA DE VIVER!

É O TÔNICO DE TODOS

DYNAMOGENOL

É um produto do Laboratório Sian



interesses, regulando o plantio e a moagem, melhorando os métodos de fabricação, intensificando a produção alcoólica e procurando elevar o padrão de vida do trabalhador. E tudo isso com tal eficiência que, em pouco tempo, as regiões açucareiras reviveram seus áureos dias de riqueza e de fausto.

A ação do Instituto, entretanto, não se restringiu ao plano estritamente econômico. Para resolver os problemas materiais da indústria, ele intensificou estudos e pesquisas diversas, formando uma verdadeira elite de técnicos — técnicos no bom sentido — hoje bastante conhecidos através de seus interessantes trabalhos publicados.

Esses trabalhos, a revista BRASIL AÇUCAREIRO e inúmeras outras publicações, são editadas pelo próprio Instituto, agora detentor de um verdadeiro patrimônio bibliográfico especializado.

Este patrimônio acaba de ser consideravelmente enriquecido com o lançamento da *História do Açúcar*, de Edmund O. Von Lippmann, numa tradução direta do original germânico, empreendida, com esmero, pelo sr. Rodolfo Coutinho.

Exercendo desde cedo atividades profissionais no setor da indústria açucareira, o sábio alemão consagrou sua existência inteira ao estudo do assunto, consumando, nesta obra, o maior trabalho jamais escrito sobre o açúcar em todos os tempos. Para isso, consultou um número de fontes quase astronômico, acumulando uma erudição possível só nos velhos centros europeus.

A presente edição aparece em dois volumes, num total aproximado de novecentas páginas, com bibliografia e índices completos, de acordo com a mais recomendável edição germânica. O segundo tomo, porém, é o que interessa mais particularmente aos estudiosos brasileiros, porque é o que fala do açúcar na época dos descobrimentos e o seu fabrico na América.

Registrando o fato, só poderemos tecer encômios à administração do sr. Barbosa Lima Sobrinho, por esta bela iniciativa cultural, que representa uma impercível contribuição à cultura brasileira, na qual se entrosou, tão intimamente, um capítulo da história do açúcar.

A. M.

ESCRAGNOLLE DORIA

Tipos Populares

As grandes e pequenas cidades, de populações avultadas ou restritas, conhecem tipos populares, seres tornados especiais pelo infortúnio ou pela singularidade não raro visinha da insanidade. De creaturas tais apiedam-se uns de coração bem formado; a outros, mormemente em vias publicas, os desditosos servem de galhofa incessante. Esquecem-se os molejadores de seu possível amanhã no imprevisto da miséria humana.

Desde tempos e tempos o Rio de Janeiro contou tipos populares: muitos longevos, a inconsciência e a desgraça combinando para elixir de longa vida.

Em geral a maioria dos tipos populares provém da alienação mental ou das manias torturando na sorte e levando infelizes a serem perseguidos ou exacerbados pelas alcunhas, às vezes bem cruas, inventadas pela escumalha.

A psiquiatria apodera-se dos tipos populares, considera-os em estudos ouriçados de nomes complicados. A cronica das cidades registra-lhes a triste vida não raro de principio ditoso para termo na má fortuna.

Varios tipos populares entregam escritos incongruentes ás chamadas "colunas da imprensa" em nada arquitetônicas. Cousas de frase feita. Desejando publicidade, alguns tipos populares alimentam a veia hilare do povo por destemperos de linguagem, bernardices ou pornografia. Muitos que deles mefiam escrevem como eles.

Os antigos reis da velha Europa protegeram os bobos, divertidores aos quais conferiam o privilegio de dizer verdades sem medo de lesa-majestade e consequente castigo. Triboulet, jogral de dous reis de França, popularisou-se pelo *Roi S'Amuse* de Hugo e pelo *Rigoletto* de Verdi.

Certo vice-rei no Rio de Janeiro, cuidadoso do asseio urbano, propendia a admirar demais, palpavelmente, os encantos das cariocas de seu gosto. Chegou aos vice-reais ouvidos que Sua Excelencia limpando as ruas sujava as casas. Atribuem o dito ao mestiço Romualdo, tipo de rua, e a Manoel Luís, este com a honra de tratar dos cabelos do capitão general. A despeito das interpretações do verbo sujar não consta que os responsáveis pelo dito ferino conhecessem a menos apetecível das sombras, a da cadeia, apesar do rapido giro publico da observação mordaz.

Sete vice-reis vieram ao Rio de Janeiro colonial até conhecer o Brasil a autoridade de um rei: D. João VI. A não que o conduziu de Lisboa a Guanabara foi provida de gado. Ao transpor a barra a bordo da nau restava apenas um boi escapo á mesa e ao talhêr, a boa sorte cabível até aos animais como se vai vêr. O privilegiado bovino, alem de mangedoura especial na fazenda de Santa Cruz, recebeu quatrocentos réis para garantia de sua ração ruminatória diaria.

Isto animou certo mestiço a pedir ao Principe Regente, em Santa Cruz mesmo, uma pensão de duzentos réis diarios em premio de alegados serviços. Esquivou-se o solicitado. O suplicante não desanimou, observando respeitoso que se o principe mandára dar quatrocentos réis diarios a um boi bem podia dar metade da mercê a um companheiro da cabra. D. João rio e deferiu. Os bonacheirões apreciavam estas saidas.

Ha sempre nomes na lista dos tipos populares cariocas. Entre desesseis, relacionados por Pires de Almeida, figura o Bitú, ex-soldado do regimento dos Henriques ou dos homens pretos. A lembrança do Bitú liga-se á de calamidade publica qual a das Aguas do Monte, inundação famosa no Rio de Janeiro, sempre agoutado por trovoadas de clima tropical tonitruoso e consequentes chuvas torrenciais. Levam de vencida na enxurrada, e no leito de emergencia, não só pessoas como objetos da maior variedade, entre lixo e folhas, toda a cidade profusa em sujeira.

Até hoje o Rio de Janeiro, com uma cronica pluvial grande, alaga-se com qualquer chuvinha. Aquela cronica bastante mortuaria consigna a chuva que a cantaros sobre cantaros desabou sobre a cidade de 10 a 17 de Fevereiro de 1811. Cahio de rijo sobre o morro do Castelo, de onde em catarata barenta despejou agua e mais agua durante oitavario demolindo casas no beco do Cotovelo, ora rua Vieira Fazenda, a demolição sem engenharia. No sinistro pereceram varias pessoas, ás quais antes de cemiterio os escombros deram sepultura provisoria. Achou-se entre mortos o Bitú, o tipo popular afogado pelas Aguas do Monte quando ele costumava afogar maguas em liquido especial preconizado pelos seus apreciadores como refrigerante no verão e aquecedor no inverno.

Consagraram a memoria do Bitú dedicando-lhe canção, o povo louvando ou escarnecendo por musica. No *Vem Cá Bitú* se afirmava não ser o Bitú vitima das Aguas do Monte, sim da cachaça, bebida sem duvida com estalos de lingua, habito dos que a prezam.

A gente carioca despreza os nomes proprios dos tipos populares trocando-os por alcunhas, dantes as do Bachichi, do Ventania, do Falua, do Sarrabulho, do Bonaparte, do Miguelista, estas duas ultimas alcunhas entendendo de perto com a Historia de França e Portugal.

O quadro efetivo dos tipos populares cariocas de outrora admitia outro suplementar de agregados. Compunham o quadro os tipos excêntricos, alguns inteligentes, cultos e até de posição social, eles sem o grão avantajado de insanidade dos colegas efetivos.

Não tipo de rua, exercendo a profissão comercial, o Mal das Vinhas era incluído no quadro suplementar. Nasceria no Porto, onde o pai negociava, importador e exportador, em rua de nome biblico, a dos Tres Reis Magos. Vindo aos Brasil, o Mal das Vinhas negociou igualmente, mas em ferros velhos e mercadorias do ramo comercial explorado por belchiores.

No Rio de Janeiro antigo as lojas de adêlos tinham pontos certos. Gente baldada ao naipe ou com pouco dinheiro constituia a freguesia costumeira dos belchiores.

belchior-bazar no Rocio Grande, leia-se agora praça Tiradentes. Mais tarde transferio e popularisou a loja abrindo-a na rua da Carioca. Abrindo-a dizemos mal, pois se singularisava justamente por trazel-a fechada.

O belchior do Mal das Vinhas era o mais conhecido da rua da Carioca, a rua do Senhor dos Passos também escolhida pelos adêlos para as suas lojas de pocira desde a entrada.

Não negociava sósinho o Mal das Vinhas. Auxiliava-o a irmã Teresa, pelo irmão qualificada de "herculana mana". A adjetivação do Mal das Vinhas era especial. Ao pai tratava de "delicioso"; deliciosa, era logico, não podia deixar de ser a progenitora.

Na porta da loja fechada permanecia aviso conhecido por toda a cidade: *Bale-se na porta. Desobedecer era não comprar.*

Anunciando na imprensa, o Mal das Vinhas estampava os reclamos do seu estabelecimento com o titulo de *Meditem e Lucrarão*. Para troçar, houve quem usando o pseudonimo de Bob compusesse fabula instantanea intitulada *UM NEGOCIO BEM PENSADO*:

*Cogita Augusto o interesse excelente
D'um negocio. Vem um ladrão audaz
Rouba-lhe a casa Elle nem o pressente.
Medita e lucrarás.*

Ao Mal das Vinhas, porém, não se lhe dava de fabulas instantaneas e trocistas. Era bastante "herculano" para despreza-las. A humanidade que meditasse se queria sacarolhas a seiscentos réis.



O Irmão Universal, inventor da Bisnaga.
Desenho de 1864.

Meditando o Mal das Vinhas em 1854 conseguiu "divisar o abstracto" e o tendo alcançado descobriu a salvação dos paizes vinhateiros em luta continua contra pragas danosas ás videiras e aos reprodutores bacêlos.

Ao mundo universo sobram vinhos de seleção, o lacrima-cristi das vinhas do sopé do Vesúvio, o Tokai côr de ouro, o vinho do Porto de garrafas compradas por bom preço. Que o diga a Inglaterra.

Portuense de primeirissima, o Mal das Vinhas preocupou-se com o tormento e o prejuizo dos vinhateiros da terra natal fornecedora de regalos a gastrônomos e de utilidades a farmaceuticos, na epoca ainda boticarios, preparadores de medicamentos enóllicos.

Descobriu! exclamou o negociante da rua da Carioca. O verbo português traduzia o *eureka* de Arquimedes ao sair do talvez mais celebre dos banhos no qual o geometra desobstruindo póros encontrou o peso especifico dos corpos.

Eureka na rua da Carioca foi o sulfato de ferro ou caparrosa verde salvador das vinhas, segundo "o Irmão Universal", como todo inventor alvo de ditêrios. Queixou-se deles, pela imprensa, "o Irmão Universal". "Por causa dos beneficios por mim derramados nas parreiras e mais vegetaes, vejo que me chamam Mal das Vinhas, o que bastante me admira, pois eu não sou o mal das vinhas como até sou contra ele, sendo por todos sabido que de ha muito o combato".

O carioca é sem piedade. Rio-se a valer quando anunciada uma applicação vitoriosa do poderoso sulfato. Levado a varias parreiras, no Porto salvára quatro cachos de uvas, pelo que o Snr. Freitas ou o Mal das Vinhas manda a celebrar festa solene na greja N. Sa. da Vitoria.

Não se limitava o Mal das Vinhas a beneficiar as uvas. Filologo, fiel á "classiquidade" para melhor abraçar a pretensão que se devia escrever "almirante" e não almirante. Higienista, o Mal das Vinhas preconizou o girasól como destruidor ou neutralizador de miasmas, para tanto girasóis e girasóis plantados Rio de Janeiro afóra e até no interior das casas.

"Esforços contra a Morte" chamava-se a receita heliotrópica.

Atento á guerra marítima, o Mal das Vinhas propunha que em vez de torpedos se utilisassem "grades á imitação de espadas, reunidas, fixas ou por fortes para-fusos, com foguetões ao lado, cujo fogo arda debaixo do mar reduzindo a nada máquinas e fios electricos".

Inclinado á terapeutica, "o Irmão Universal" propagava o uso da bisnaga para curar as de certos males. Não se tratava da bisnaga predecessora do lança-perfume, sim da planta pertencente ao genero das umbelíferas.

Inventando hora a hora, nada egoista, o Mal das Vinhas acudia com receitas maravilhosas a padecentes de toda ordem. Havendo noticia de padecer Napoleão III da espinha e da bexiga, entendia o Mal das Vinhas que "o mal da espinha era sintomatico, como em medicina nós definimos". Por que Napoleão III não entraria em uso da bisnaga, não sabia o "Irmão Universal".

O lojista da rua da Carioca servia fregueses da janela, desta lhes fazendo descer as compras, e a publico tão original e respeitavel o Mal das Vinhas participou que Pio IX se restabelecera depois dos conselhos que ele, Mal das Vinhas, lhe dera a bem da saude pontificia.

"O Irmão Universal" propagador da bisnaga por largo tempo ocupou a atenção carioca, merecendo até as honras de opusculo narrador dos seus feitos. Grande tipo popular não foi pequeno o seu officio de desopilar o figado dos cariocas com lucros dos balcões de imprensa taxando por linha.



EXTREMOZ

Por J. ALVES DE MELO

A mais antiga vila do Rio Grande do Norte, fundada no decorrer do século XVII, pelos padres Jesuítas encarregados da catechese dos índios.

A princípio, aldeia de Guagirú, depois também chamada Extremoz.

Ali foram construídos um hospício, uma cadeia e uma igreja sob a invocação de São Miguel do Guagirú.

Em 1760 (3 de Maio) a povoação foi elevada a vila com a denominação de Vila Nova de Extremoz do Norte, pelo Ouvidor Bernardo Coslho da Gama e Casco, especialmente comissionado para erigir em vila todas as aldeias sob a direção religiosa da Companhia de Jesus, expulsa do Brasil por força do alvará de 3 de Setembro de 1759.

Quando ali esteve em 1839, o bispo de Olinda, D. João da Purificação, foi visitado por muitas pessoas, sendo a maior parte índios e habitantes dentro e fora da vila.

A esse tempo a paróquia tinha por órgãos N. S. dos Prazeres e São Miguel.

Extremoz conservou por muitos anos a categoria de Vila, até que, em 18 de Agosto de 1855, a Lei Provincial Nº 321 transferiu a sede Municipal para a povoação da Boca da Mata, elevada a Município com o nome de Ceará-Mirim.

Hoje existem somente ruínas do convento onde viveram os Jesuítas. A igreja de São Miguel do Guagirú caiu três vezes antes que a derrubassem, na quarta vez derrubada pelos sonhadores de tesouros encantados. Os escombros cobrem quasi a imensa praça solitária, tendo ao lado esquerdo a Santa Cruz, signo devocionario, com seus inéditos coloridos, numa magestade de incomparável eloquência muda, e o Pelourinho feito de pedra e tijolo com as armas reais de Portugal, atestando a existência da Justiça do Reino.

Todas as vilas norte-riograndenses tiveram pelourinhos.

O de Extremoz, o mais antigo, ainda mostra a base, perto do Cruzeiro, olhando para as ruínas da Igreja destruída.

Junto ao Pelourinho de Extremoz, o Coronel Joaquim José do Rêgo Barros desfraldou a bandeira da Revolução de 1817.

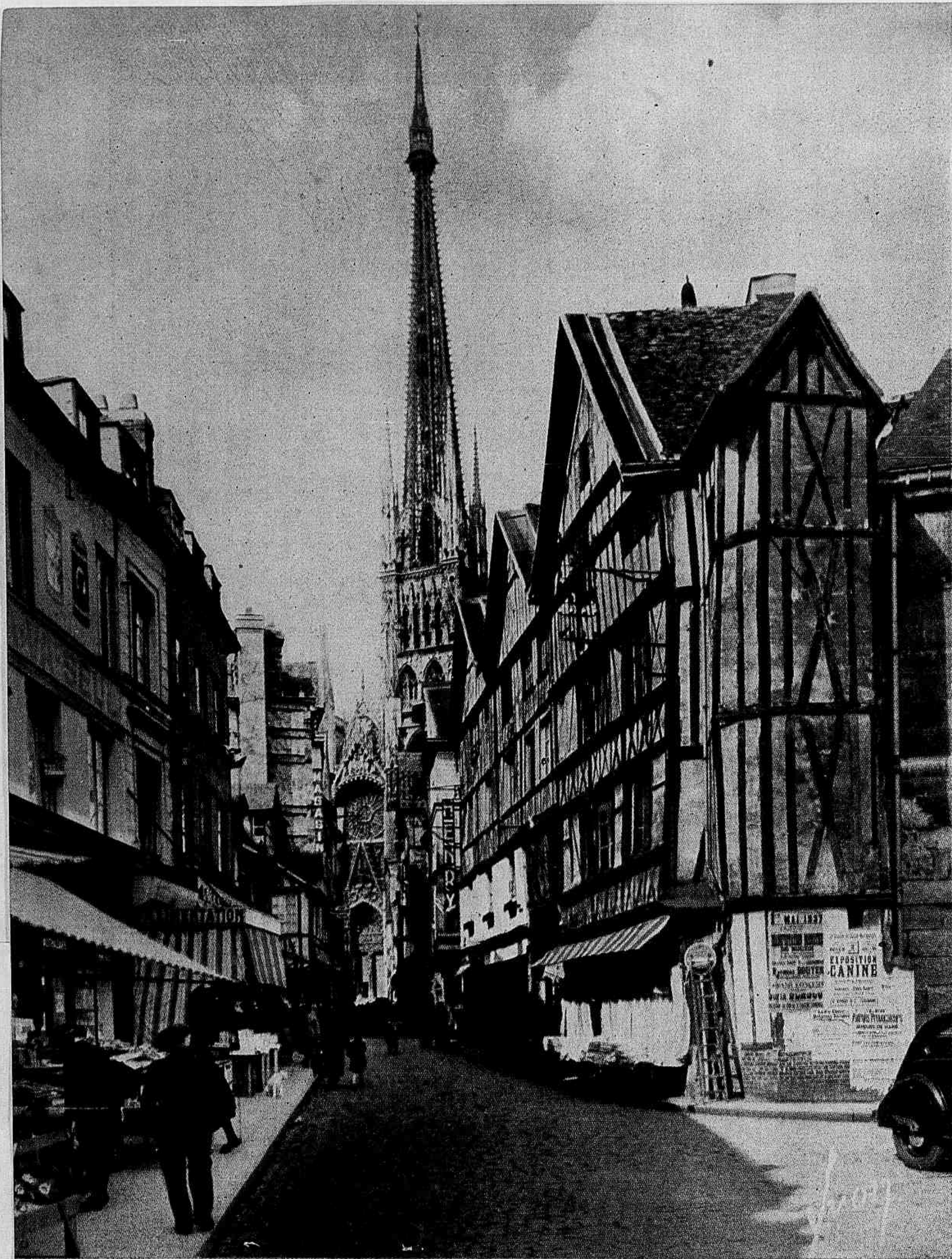
NOSSA TERRA, NOSSA GENTE



VAQUEIRO DE MARAJÓ

Desenho de Percy Lau

(Gentileza do Conselho Nacional de Geografia).



Karel Capek, escritor tchecoslovaco, é um nome ainda pouco conhecido no Brasil. No entanto, poucos escritores da sua geração mereceriam uma voga mais ampla, pois tudo na sua bagagem literária tem um sabor de novidade, um "cachet" de originalidade sem cheiro de exotismo que vale pela melhor atração para as suas letras, sejam as espirituosíssimas e sagazes "cartas", da Inglaterra, da Holanda e do Norte (Escandinávia), sejam os seus raros contos, ou suas peças teatrais, como "A peste branca", "Robot" e "A Mãe". Dotado dum intenso e penetrante espírito de solidariedade humana, toda a sua obra, mesmo aquela de mais cintilante ironia, é tocada dum emoção que bem explica a rapidez do seu fim, o traumatismo moral que apressou inegavelmente sua morte, depois da anexação da Tchécoslováquia. Esta página comovida vale bem como a melhor apresentação de sua arte, para aqueles de nossos leitores que ainda ignorem este fino prosador moderno que foi o autor da "Primeira turma de salvamento", página lancinante da crônica dos mineiros.

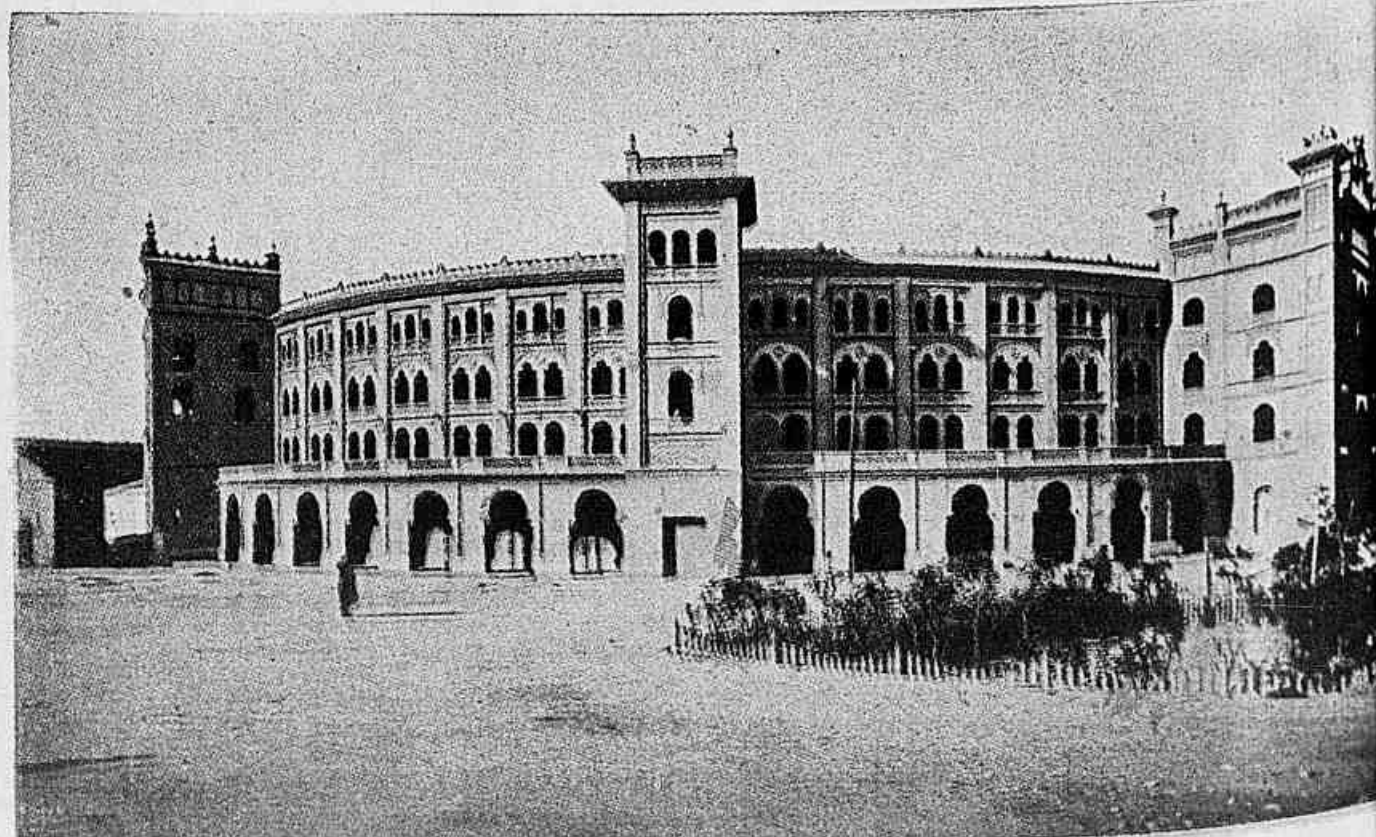
Póde-se pensar tanta coisa a respeito dos povos... coisas de que, por vezes, o povo visado não teria muita razão de se sentir orgulhoso. É um hábito estabelecido: identificais mais ou menos o país, o povo, pela sua política, seu regime, seu governo, sua "opinião pública" — chameis a isso o que quiserdes. Mas ter no espírito uma certa imagem desse povo é bem diverso. Essa imagem não podeis absolutamente criá-la nem construí-la: é por si mesma que ela se apresenta, na lembrança duma coisa vista, duma coisa absolutamente comum e apanhada ao acaso. Sabe Deus por que justamente essa impressão e não outra se fixou tão vivamente na vossa memória. Basta por exemplo que penseis na Inglaterra, para que vejais...

Evidentemente, ignoro o que haveis de vêr, e até mesmo se vereis alguma coisa. Para mim é simplesmente uma casinha vermelha do duca de Kent. Não tinha nada de particular e mal pude entrevê-la, no espaço dum segundo, enquanto o trem desfilava de Folkestone a Londres. Ainda mais, as árvores a escondiam quasi completamente. No jardim, um senhor de idade podava uma sebe e, do outro lado da muralha verde, uma pequena seguia de bicicleta pela estrada em linha reta. Nada mais. Eu seria incapaz de dizer-vos ao certo como era essa pequena. Quanto ao velho senhor vestido de negro, era talvez o pastor local ou então um comerciante retirado dos negócios o que aliás pouco importa. A casa tinha chaminés altas e janelas brancas, como todas as casinhas vermelhas da Inglaterra e eu não poderia também descrevê-la. Entretanto, desde que pronuncio a palavra Inglaterra, revejo claramente essa casinha comum da região de Kent, o senhor de idade manejando seu ancinho, a pequena pedalando sempre, gravemente, na sua bicicleta, e experimentando um leve apêto no coração. Vi por lá muitas coisas: castelos, parques e portos, vi o Banco da Inglaterra e a Abadia de Westminster e tudo o que se pôde imaginar em matéria de monumentos históricos, mas nada disso, para mim, significa a Inglaterra integral. Toda a Inglaterra é somente essa ingênua casinha no meio da verdura, com o senhor de idade e uma rapariga de bicicleta. Porque, não sei dizer. Limito-me a dizer que é assim.

ENCONTROS

De KAREL CAPEK

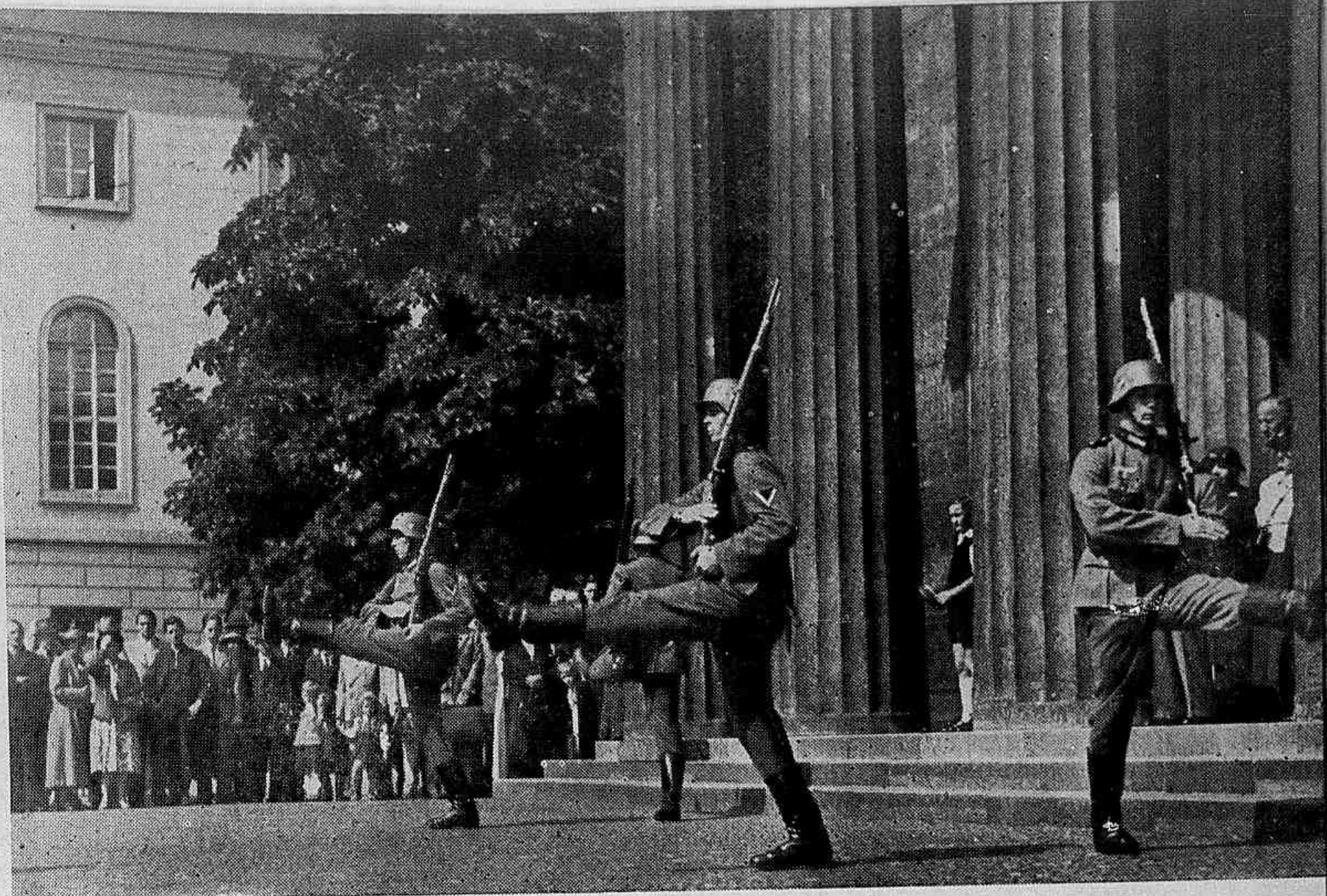
Ou então, quando quero evocar a Alemanha, é um velho albergue da Suabia que me vem ao espírito. Não é por minha culpa se não é antes a porta de Potsdam ou uma parada militar. Aliás, nunca entrei nesse albergue, apenas o entrevi do trem, num lugar qualquer depois de Nuremberg. Era ao cair da tarde, e não se via vivalma por lá. O albergue aparecia, alto e destacado, tal uma igreja, dominando uma pequena aldeia insignificante, apertada como que numa palma de mão. Lilases desabrochavam no pátio, e degraus de pedra levavam á entrada. Era quasi comico, vêr ali um albergue tão grande e de aspecto quasi solene. Fazia pensar numa grande galinha sonolenta, instalada num buraco bem té-



pido. Na Alemanha, vi, palavra de honra, coisas muito mais curiosas e muito mais alemãs que esta antiga Gasthaus suábica: casas, catedrais, monumentos, tudo isso vi por lá, mas, sobre todo o resto, é esse albergue venerável e quasi esvaído que a domina. Não sei por que, mas, para mim, é isto que é a Alemanha.

Ou então, tomai tudo o que se pôde imaginar quando se pensa na França. Eis a imagem de que não posso libertar-me: uma rua de Paris, mas situada muito fóra do centro, bem perto ao limite do suburbio. Acham-se ainda por lá algumas tavernas e bombas de gasolina entre os jardins frutíferos. Deante dum pequeno café que tem numa tabolêta a inscrição: "Ao rendez-vous dos chauffeurs", acha-se parada uma pesada "charette", puxada por um cavallinho de pelo claro. Um camponês de blusa azul, com um grande chapéu de palha, está sentado na "terrasse" e bebe lentamente vinho branco num copo de bordas grossas. Não se passa mais nada, é só isto, apenas o sol dardeja uma luz deslumbrante e o camponês de face rubicunda acaba de beber seu copazio. Não posso impedir que seja assim: isto é a França.

Ou então a Espanha: ainda um café, na Puerta del Sol. Na mesa ao lado, está sentada uma



fregar os olhos com a grossa pata e te diz qualquer coisa — lembras-te? Mas tu não compreendeste e o olhaste com desconfiança. Então, lentamente, ele levou a mão ao bolso, tirou um pedaço de queijo enrolado em papel e, com o gesto mais natural, te convidou a cortar uma fatia. E' o costume do lugar. E é o bastante: esta mão calosa estendendo um pedaço de queijo de cabra, é, para ti, toda a Italia em resumo.

Hoje, sei bem, os povos estão terrivelmente afastados uns dos outros... Em si mesmo cada um pensa em muitas coisas, guarda rancor a muitas delas e diz: nunca, nunca será possi-

(Continua na pag. 42)



jovem mãe de cabelos negros, tendo nos braços um bebê de olhos negros, com uma cabecinha redonda, a olhar com expressão muito grave. O pai, o grande chapéu de feltro jogado para a nuca, contempla com um ar de orgulho e uma carêta de malícia, seu *niño* de olhar sombrio. Nada de extraordinário nisto. Mas, sabeis, á medida que desceis para o Sul, as jovens mães se parecem mais com Madonas, os pais com guerreiros, e todos os pequeninos com brinquedos mais misteriosos, do que em outra parte qualquer. E' assim; que eu leia a palavra Espanha ou a ouça pronunciar, não são os Alhambras nem Alcazares que evoco, mas o *niño* solene nos braços da Madona de cabelos negros.

Ou então a Italia. Poder-se-ia representar o Coliseu, pinheirais, o Vesúvio, que sei mais. Mas, não! E' um tremzinho, um pobre trem emperrado que vai, creio eu, de Orvieto a Roma. Já é noite. Defronte de vós, está sentado um operario adormecido, cuja cabeça esguedelhada balança surdamente, como um corpo inerte. Depois o italiano desperta, põe-se a ressoar, a es-

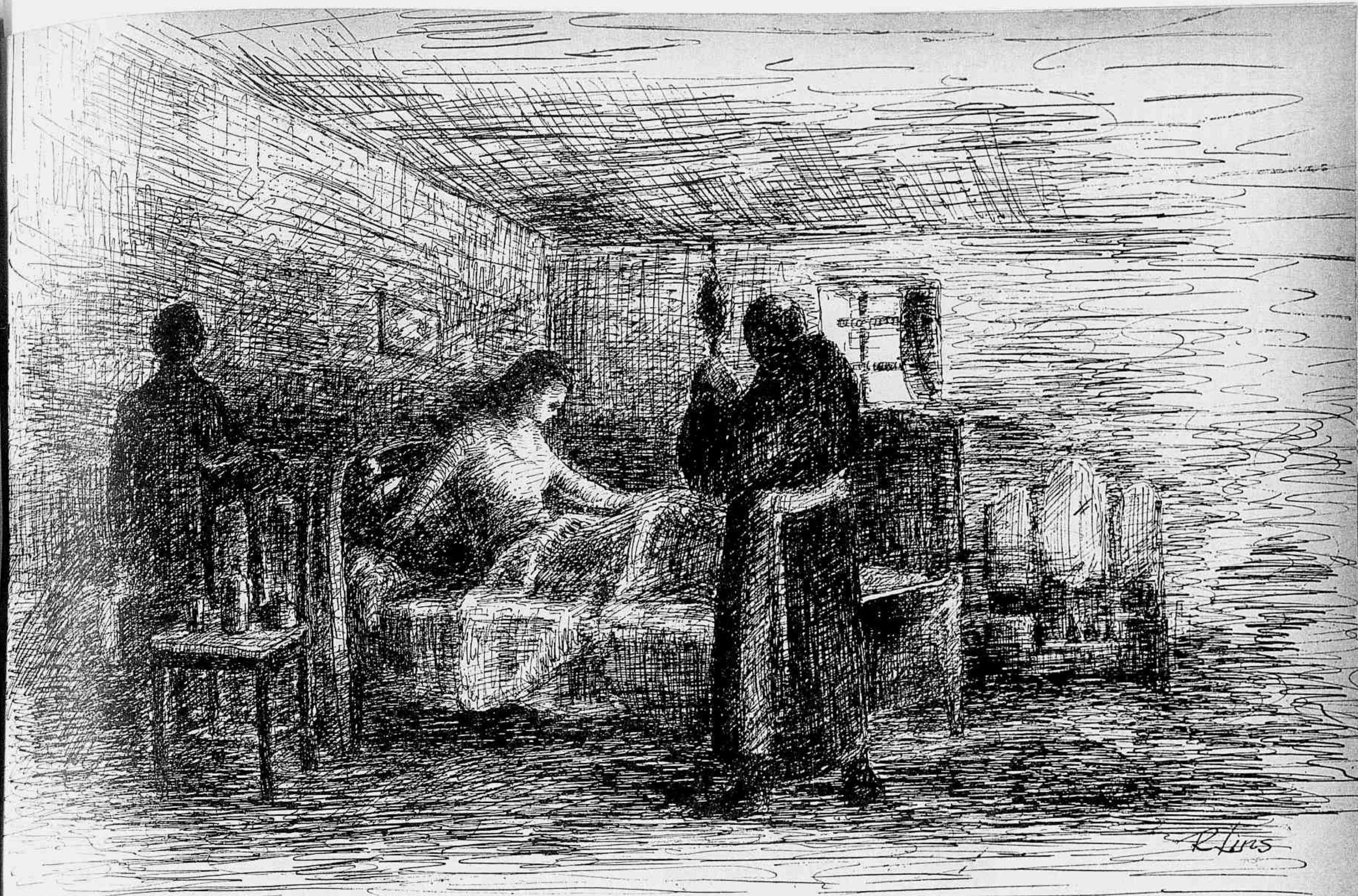




ÉCOS DO CARNAVAL

Bailes infantís

Os ecos do carnaval estão quasi extintos. Breves se foram, como os três dias loucos. Entretanto, não é demais recordar ainda um dos seus aspectos mais gentís, ou seja o carnaval dos pequeninos, que aqui trazemos para esta página, com a nota pitoresca de suas vistosas fantasias.



CONTO BRASILEIRO

SÃO JOSÉ

(LENDAS CRISTÃ)

(A. R. B.)

por THOMAZ LOPES

I

O velho cura morava na aldeia, e só muito raramente, com mais sacrifício do que esforço, arrastava a sua velhice pachorrenta e a sua discreta virtude até o borborinho da grande cidade tão cheia de fortuna e de miséria, eternamente escabujando no volutábro do vício. Chamava-se Bernardin, e era um homem de altura meã, quasi gordo, com um ar sadio de campo, olhos pequeninos e claros, cabelos brancos e faces ainda de punicea cor, onde começava a sulcar o vale das rugas.

A sua casa no campo era o certo abrigo dos pobres, porque nunca lamento ou suplica, sono, tristeza ou fome tinham ficado esquecidos á soleira como cães sem dono e sem destino. A amigo ou estranho, era sempre de bom rosto que o velho dava pouso. Era uma singela casa no meio de um tosco jardim onde chorava a múrmura e sonóra queixa de um regato; e esse regato era de certo a única lamentação que repetidamente passava á sua porta. Na primavera as flores perfumavam toda a casa; brancas santas e alvos santos de gesso e de mármore surgiam do oratório durante os três meses da suave estação, como flores nascendo de flores; no inverno, quando o céu era gris e os caminhos eram brancos, á boca do seu calorifero vinham os pobres aquecer-se do rude frio.

O doce Bernardin, homem simples e bom, sem a enredada sabedoria dos magnos sacerdotes, sem largos vôos de imaginação, pouco se aprofundara em dogmas e conceitos; cumpria fielmente as leis de Jesus com a mesma facilidade inocente com que um fruto sai de uma flor. Assim, não mal dizia porque de ninguém se queixava; era esmolér porque se condoía de quem era pobre e tinha fome; não mentia por ignorar que outra coisa além dos beijos e da verdade pudesse poisar em humana boca — nem mesmo as abelhas que esvoaçavam em torno dos lábios de Platão; não praguejava porque de nada serve a blasfêmia; não odiava porque todos o amavam; era casto porque tinha bons pensamentos. Lêra pouco durante a longa existência; sabia que no principio Deus creou o céu e a terra, depois separou a luz da treva... Não conhecia histórias de raças e de conquistas, nem crônicas de guerras religiosas, nem falsidades e manhas d'inimigos. A Inquisição com todos os suplicios e todas as vítimas era uma espécie de lençol para amedrontar os atêus, assim como o papão era uma fantasia para intimidar as crianças; o Papa era um padre muito santo e muito sábio que morava em Roma; Roma era uma cidade visinha de sua França. Com o latim do Seminário dizia missa, fazia citações ao amigo farmacêutico, preitava às vezes no púlpito e ensinava declinações e conjugações: *ancilla, ancillae; fero, fers, tulli, lutum, ferre...*

Costava de passar bem porque dizia que não era santo; e quando sentado á mesa, com a porta aberta para quem tivesse fome e quizesse entrar, tendo dado esmola e distribuido pães (mais pão do que conselhos), orava e acalmava o estomago com o pão que é o corpo, com o vinho que é o sangue de Jesus, muitas vezes pensava:

Coitadinho de São João que comia gafanhotos!...

É tranquilo e mênigo; qualquer sofrimento lhe causava pena, para

toda esturdia encontrava uma desculpa, e para os crimes tinha sempre um perdão.

Certa vez, numa tormentosa noite de inverno, quando lá fóra caía o gelo e rugia a furia do sudoeste degladiando as árvores nuas, ele deitado, acomodado começava a dormir; de repente escancarou-se a porta e entrou pelo seu quarto um homem todo coberto de sangue e de medo.

— Meu Padre!

— Que é, filho?

E o assassino tremendo como si já estivesse deante da máquina sinistra e fatal da guilhotina:

— Matei meu irmão!

O Padre Bernardin olhou-o, mal compreendendo as suas palavras loucas:

— Teu irmão?

— Sim, meu irmão!

Com uma infinita calma e uma suave ternura, o velho sacerdote acrescentou:

— Que horrível crime, meu filho! Deus te perdoe!

Perseguiu-se — e como tinha sono continuou a dormir.

Toda a aldeia o estimava; havia moças que batisára e casára; quando saía, já se apoiando a um trêmulo bordão, as mulheres vinham dos casais á porta, á espera de sua bênção, e ele passava sem se apressar e sem se admirar, como si estivesse em casa ou como si a aldeia fosse a continuação de sua casa. E quantas vezes, quando havia lua no céu, as crianças se reuniam á sua porta, e o Padre, ingênuo e bom, começava com sua voz repousada e tranqüila:

— Era uma vez uma camponesa que se chamava Joana...

II

Foi nos primeiros dias de Fevereiro que uma vez, por uma tarde fria, quasi á hora da noite, um homem pobremente vestido de calça e blusa, com uma espécie de gorro de operario, entrou em casa do Padre Bernardin. A classe terminára. Bernardin estava só no seu quarto, quando duas pancadas discretas ressoaram á porta. Tão habituado estava o Padre a todas as visitas que nem de leve se admirou, e calmamente disse:

— Entre!

O homem tão modestamente vestido de marceneiro penetrou no seu quarto.

— Meu Padre, eu sei que vai amanhã á cidade, e lhe venho pedir um favor.

Tanta doçura havia nas palavras do desconhecido, tanta certeza, tão amavel e boa era a sua fisionomia que o velho sacerdote teve a exquisita vontade de lhe beijar as mãos.

— Mas como soube que eu vou amanhã á cidade?

O carpinteiro tirou o gorro, passou a mão pelos cabelos e pela barba castanha, e falou com uma voz persuasiva:

— Não lhe posso dizer ao certo como tive noticia de sua visita amanhã a Paris; mas o que é verdade é que ha mais de quinze dias eu ando á sua busca para lhe pedir a graça a que vim. Sempre, infelizmente tem havido desencontro entre nós; aqui estou porém; e mesmo que o Padre quizesse adiar a viagem, é tão caridoso o que lhe vou pedir que certamente acederá a obra de tanta misericórdia e caridade!

— Fale, irmão!

— Depois de amanhã é o Carnaval; é a loucura da embriaguez e da orgia. Num dos centros mais populosos e vergonhosos da cidade mora uma pobre pecadora que ha seis meses definha, vencida pelo mal terrível da tuberculose. A casa em que habita é muito mais que suspeita; desde Janeiro até São Silvestre estrebucha entre as quatro paredes uma horrenda bacanal; é lá a reunião dos vadios, dos alcaïotes, dos companheiros do vício, dos sodalícios da orgia. É a vilança da intelligencia e do carater, a pande-ga pulha e ignobil de bordel e de taverna! A criatura de que falo muito me

Thomaz Lopes pertence ao numero dos escritores brasileiros mortos ha bem pouco tempo e injustamente esquecidos. Raro seu nome surge ainda no nosso repertorio literário e no entanto ele foi um verdadeiro homem de letras, de alta cultura, fina sensibilidade e preciosos dotes de prosador.

Romancista de "Vida", contista de "Historias da vida e da morte" e de "Contos simples", cronista de viagens de "Corpo e alma de Paris" e "Paisagens de Espanha" — em tudo o que deixou havia a marca de um claro espirito e dum seguro observador das almas e das coisas.

Seus contos, principalmente, formam um conjunto bem

merecedor de perene relêvo, como esta "Lenda cristã" revela tão bem. Esta não é contudo exceção na sua vasta obra literária, pois muitas de suas páginas se lhe podem equiparar, em graça, vigor de narrativa e comovida emoção no tratar os tipos e as situações humanas. Outros exemplos do mérito desse amavel estilista são as histórias intituladas "O ultimo cigarro" e "O defunto", ambas dignas de qualquer antologia do gênero.

Neste principio de quaresma, os leitores da REVISTA DA SEMANA gostarão de encontrar um espirito sutil que lhes saiba comunicar a doce e melancólica sugestão desta história de sofrimento e de beleza.



PERGUNTE às Sras. de bom gosto...

NÃO causa inveja a mulher sedutora? A mulher que sempre se veste com bom gosto — que nunca deixa de parecer sadia e encantadora, em qualquer situação — e que traz sempre consigo a impressão indescritível de bem estar? Observe-a atentamente. Verá que o cuidado esculpido dos dentes é uma de suas primeiras preocupações. O brilho natural de dentes como pérolas, em gengivas rosadas e sadias, torna possível esse sorriso radiante — realça a personalidade e o encanto! E' porisso que tantas mulhe-

res inteligentes usam o Creme Dental Squibb. Elas adoram a maravilhosa sensação de frescor que lhes produz na boca. O hálito purifica-se, os dentes não só parecem mais limpos, mas, estão mais limpos. O Creme Dental Squibb passa por 100 rigorosas provas de pureza antes de ser posto à venda. Nada contém que possa arranhar o esmalte ou irritar as gengivas. É, também, feito com um eficaz anti-ácido — o Leite de Magnésia Squibb. Porque a senhora não experimenta este puro e delicioso dentifricio?

Creme Dental Squibb



ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de TODOS os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.

interessa; parece-me que no mafo, descobri um remédio que si não é cura, é ao menos um alívio ao doloroso mal dos pulmões. Mas me diga, irmão: eu, um pobre carpinteiro posso entrar assim de blusa, sem chamar a atenção numa casa de tanto pecado e tanto luxo? O meu amigo é um sacerdote; e para que não desperte suspeita, quando levar o remédio ouvi-la em confissão, pois a creatura, enferma ha muito, anda agora a morrer. Bastará que chegue á sua casa ás dez horas da noite, quando os rapazes e as mulheres saírem em algazarra para o ruido do Carnaval. O seu quarto é no segundo andar, num corredor, terceira porta á esquerda. Vá, meu irmão, e fique certo de que faz uma grande obra de caridade. Vá, ela o espera...!

E o marceneiro deu a rua e o numero da casa.

Com tanta firmeza ele falara que o Padre não pensou em pôr a menor objeção; apenas com um sorriso que a tristeza severisara indagou:

—E o remédio que lhe devo dar, onde o encontro?

Quedou-se alguns instantes pensativo com o sobrececho carregado o desconhecido; parecia que uma grande máguia lhe lancinava a alma; por fim, murmurou:

—Irmão, ela já está desenganada pelo médico!

—Sim, mas o seu remédio descoberto no mafo?

O carpinteiro meneou a cabeça negativamente.

—E' inutil levar-lhe remédio! Vejo que é tarde! Leve-lhe a extrema-
unção!

Bernardin curioso ainda perguntou si ele a vira ultimamente.

—Não, eu nunca a vi!

Até hora alta da noite os dois homens conversaram; um do outro se agradara na simplicidade que os fazia parecidos; e era tão simpática a convivência dos seus espiritos que nem um reparou na madrugada que vinha nascendo no céu...

III

Paris estava no deslumbramento da festa louca. Explodiam por toda parte orquestras de assovios, faiscavam iluminações, retumbavam clamores de orgia. Já passavam os grupos para os bailes numa ruidosa algazarra onde se sentia o vinho. Era o dominio do regabofe e da troça, da pandega desconjuntada, da pilhéria, da chalaça, da chacota, da laracha, do insulto mascarado a que se chama geralmente espirito... Passavam "pierrots" arlequins, "clowns", dominós; todo mundo tinha uma fisionomia mais ou menos mascarada; tilintavam guizos, sacudiam-se canções lascivas de bordel. Era o Carnaval. Era a intriga elegante para a gente fina, era a pilhéria boçal para os rudes; eram os vinhos Champagne para os ricos e "club-men", era a agua-ardente para os pobres e goliardos. Para muitos era a verdade. Vinham os grupos e os carros de todas as ruas e penetravam ruidosos nos "bouvelards" festivos. A grande, a gloriosa, a imortal cidade parecia toda entregue á momice e á graçola do entrudo. Onde estava o grande cerebro de Paris produzido por centenas de edições, em milhares de brochuras, a seiva fecunda do seu grande espirito pelas artes e pelas ciências? Onde os cursos em que se aprendem todos os conhecimentos do saber humano, em que se prevêem todas as hipóteses, em que se investigam todas as causas, e se determinam todos os efeitos? Paris descansava; o Carnaval se estendia sobre a opulenta cidade como um grande polvo que abre tentáculos...

Caía a neve; choviam policromias de "confetti"; e pairava no ar um cheiro de harém, e subia no espaço um perfume de absinto...

A's dez horas da noite, de uma casa da rua dos "Petits Carreaux" saiu um grupo alegre de mascarados e mascaradas; carruagens se aproximaram; hcuve uma grulhada de vozes, uns risos e uns gritinhos nervosos, um ar de coxixo e sêgrêdo que ha sempre entre máscaras para que toda gente saiba que eles se conhecem entre si; depois um ajuntamento de curiosos, e os carros partiram. Aquele trecho da rua ficou por instante silencioso; nesse momento, um carro modesto parou; desceu o Padre Bernardin acompanhado pelo acolito, e os dois entraram na casa donde haviam partido os mascarados. Defronte, um homem de blusa de operario e que parecia um marceneiro, rondava.

IV

O velho Bernardin sentiu-se contrafeito ao penetrar naquele corredor, ao subir aquela escada onde pairava um ar de mistério e de orgia, onde havia pouco roncavam deboches e bebedeiras, onde passaram homens sem fé e mulheres semi-nuas, e onde entrava agora com Jesus-Cristo para dar a extrema-unção a uma moribunda. Mas lembrava-se das palavras do seu visitante: "Ela o espera!" Ela o esperava; mas onde? Todas as salas estavam vazias; por toda parte, em vez de remédios, jaziam garrafas esgotadas de vinhos. Seus pudicos olhos surpreendiam interiores deshonestos de alcovas lascivas... O acolito lembrou que era no segundo andar, terceira porta á esquerda. Subiram uma nova escada, chegaram ao corredor; mas pairava o mesmo silêncio, descansava o mesmo abandono. O velho padre estava receioso; temia que entrasse alguém e o visse conduzindo o Salvador áquela casa de pecado e de vicio! E si voltassem de repente aquelas mulheres e aqueles homens? De certo o desrespeitariam, tontos pela loucura da bebida e do Carnaval. Foi com uma vaga esperança de fugir áquela casa sem fé e sem Deus, que ele disse ao companheiro:

—Parece que nos enganámos! Não ha ninguem na casa!...

Mas este não respondeu: com a mão em concha sobre a orelha parecia ouvir atentamente.

— Que é que fazes?

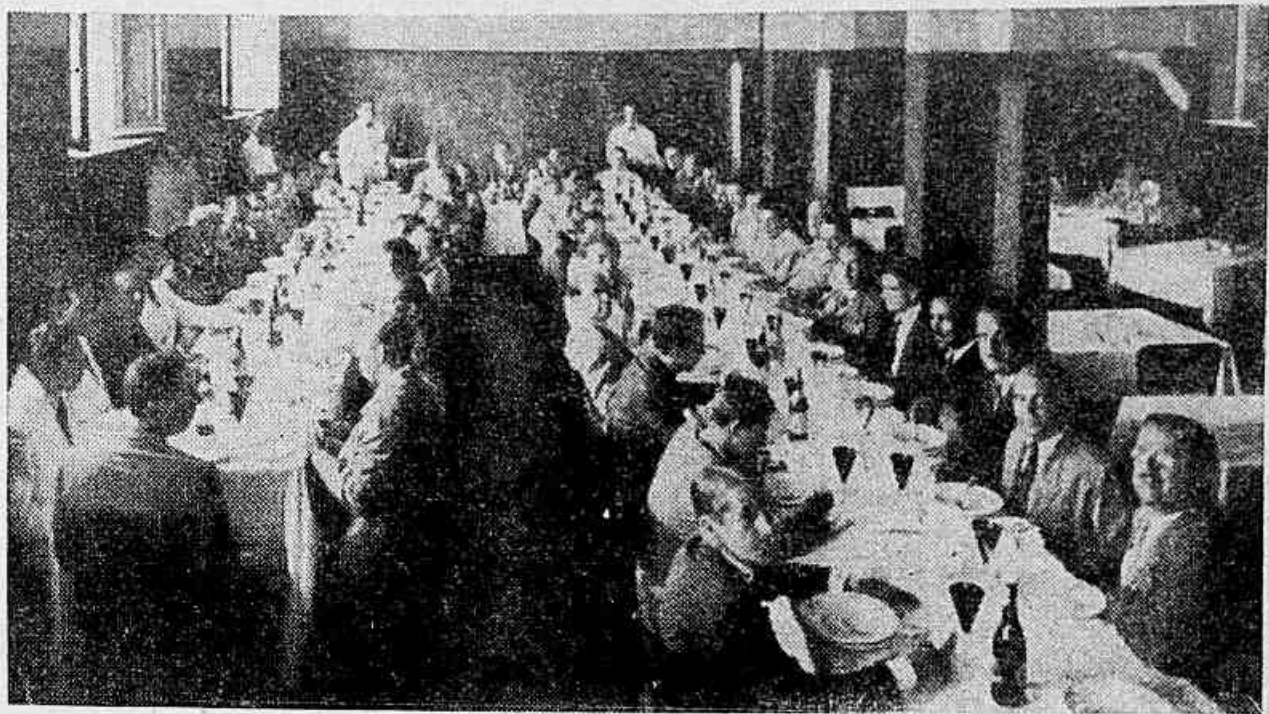
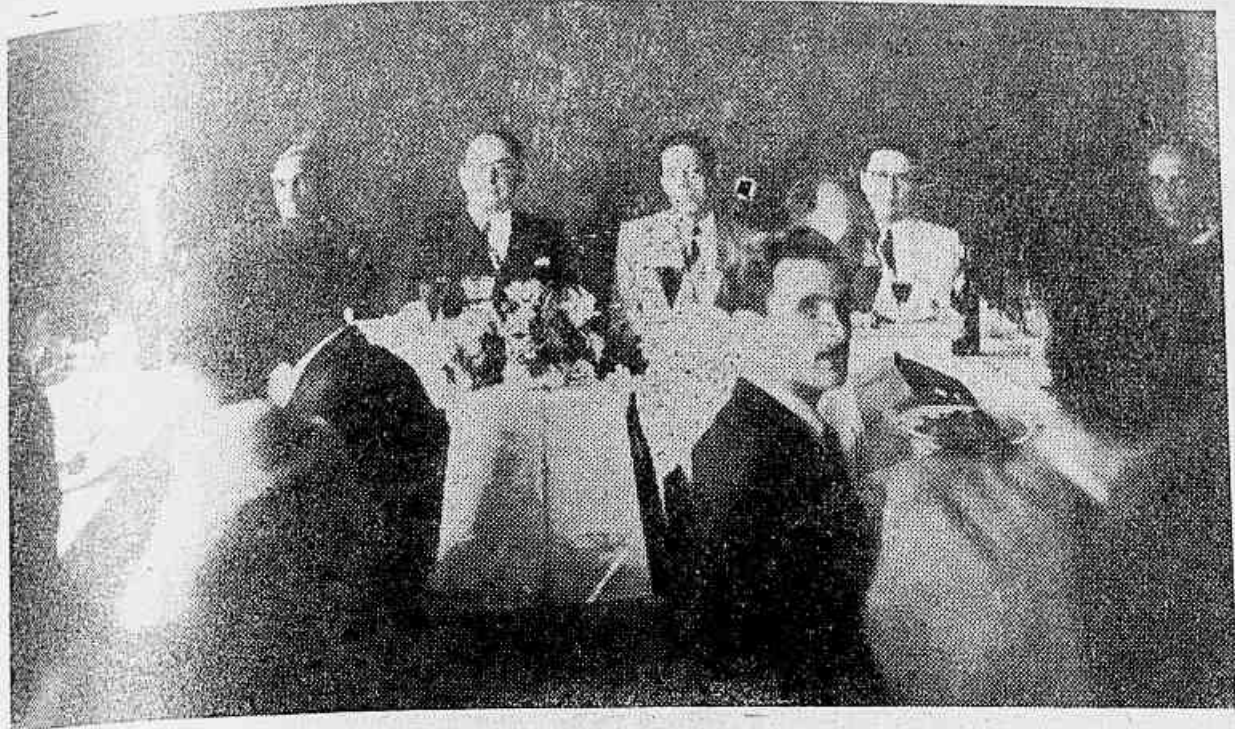
— Não está ouvindo um rumor que parece um gemido?

Efetivamente aos ouvidos do Padre chegavam agora uns dolorosos e abafados ais. Encaminharam-se mais para a porta, e bateram de leve; ninguem respondeu; outra vez, com os nós dos dedos, Bernardin de mansinho fê-la ressoar; também não houve resposta, mas aos dois amigos pareceu que o sussurro cessara. Por fim o rapaz entreabriu a porta, e o Padre entrou sózinho.

V

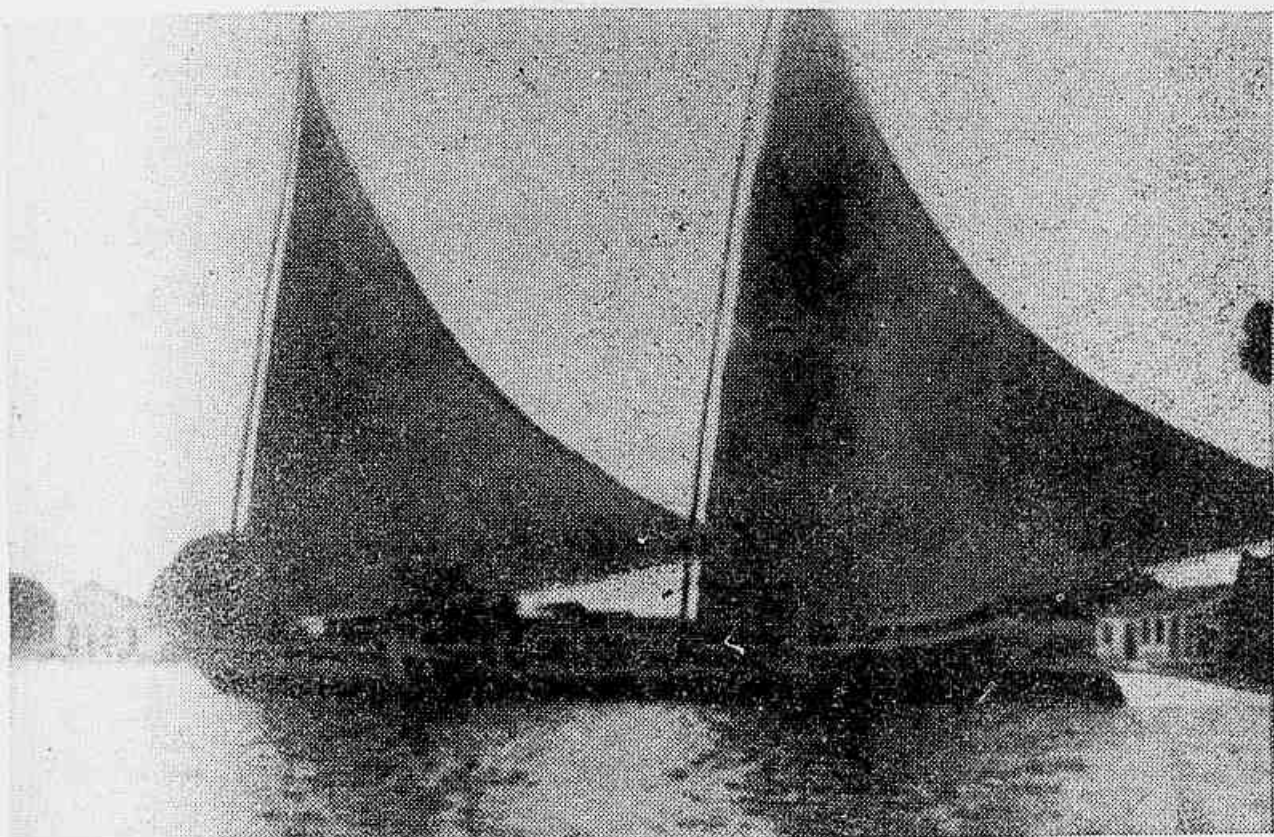
Longo tempo durou a confissão.

Quando o Padre abeirou-se do leito da enferma, quando ela o viu, não mostrou o menor espanto nem o mais ligeiro sobressalto; apenas nos seus grandes olhos muito fundos e sofreadores, fulgiu rápida e fugace uma centelha de alegria. O velho sacerdote olhou em volta de si. O quarto era pequeno, mas conservava um luxo atrevido e convencional de veludos e sedins; o leito largo, fofo, sensual, era encimado por um baldaquino de seda vermelha como sangue; e á cabeceira, pregado á parede, um grande espelho refletia o quadro triste de uma doente quasi na agonia. O Padre que vencia facilmente a vergonha de entrar naquela casa suspeita, esculpallou deante daquele cristal de serrallo, luzente e obscuro, e desviou os castos olhos. Perto da porta um divan ostentava a sua cor vermelha também; havia espalhadas duas ou três cadeiras largas; o lavatorio estava cheio; transbordando de frascos secos de essências e caixas vazias de pó de arroz; do lado do um atril onde descansavam os três volumes do "Chevalier de Faublas", e uns numeros velhos de "Sans-Gêne", "L'Indiscret", "Culotte Rouge", "La Dame aux Camélias", e uma história de Napoleão I; perto da porta estava a mesinha; havia frascos-de-remédio — e uma vela iluminava uma



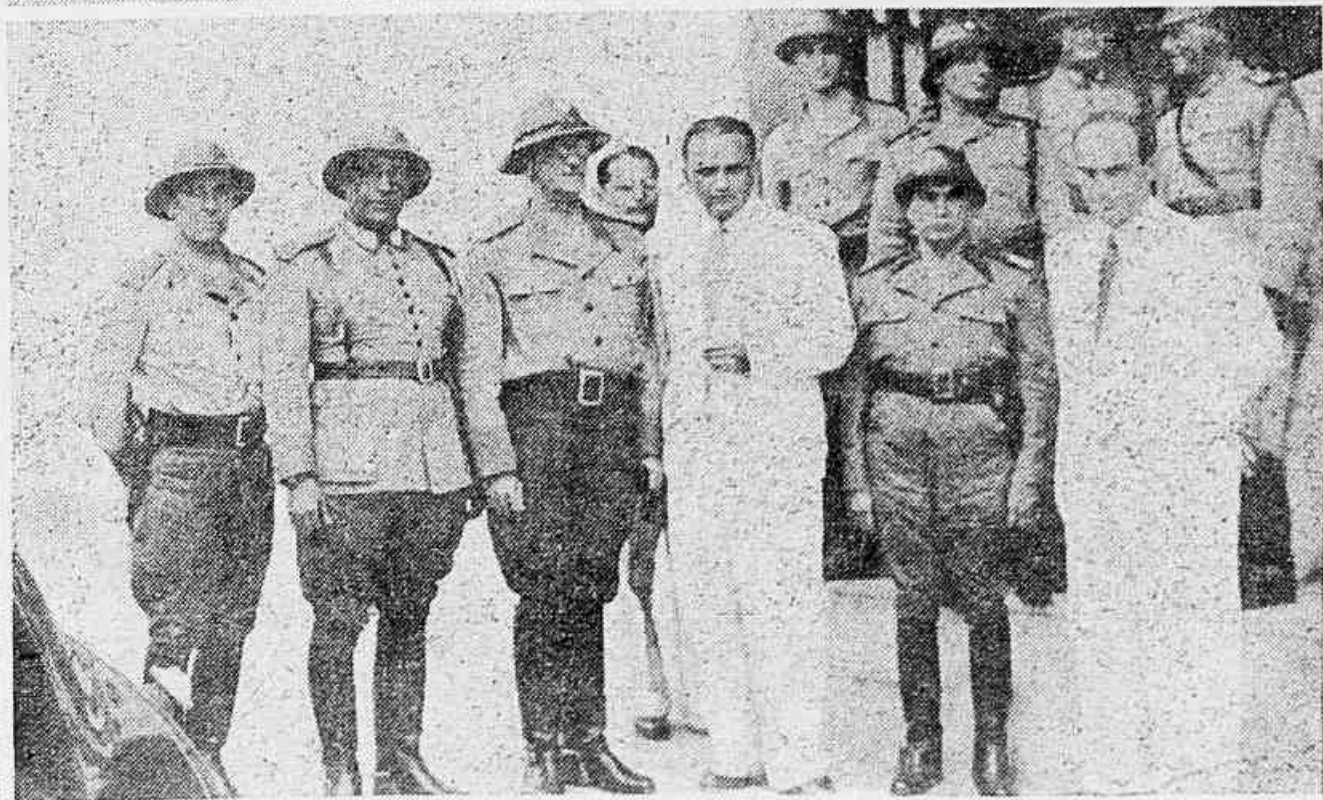
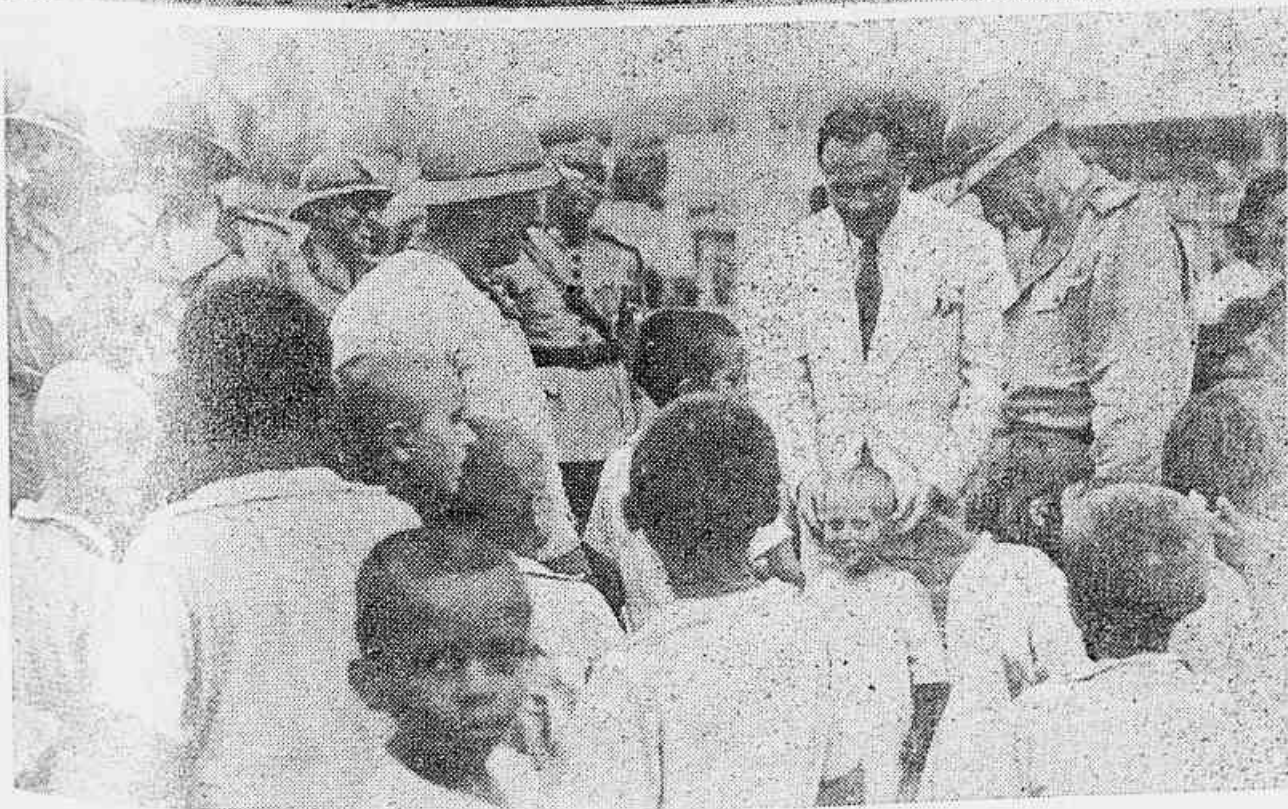
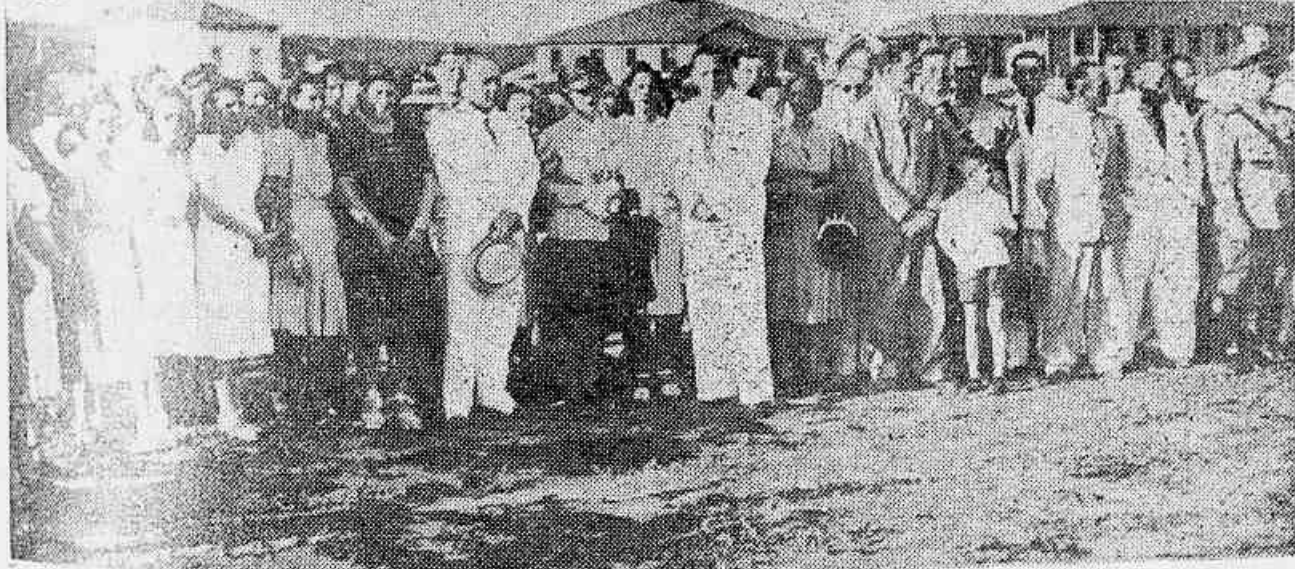
DOS ESTADOS

Estado de Goiás VISITOU GOIÂNIA UM MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL — Em companhia de sua esposa e filha, esteve em Goiânia o ministro do Supremo Tribunal Federal, Filadelfo de Azevedo, que, durante a sua permanência ali, foi alvo de expressivas homenagens do governo e do povo, destacando-se o banquete oferecido pelo Interventor Federal e pelo Tribunal de Apelação. Dessa homenagem são as duas fotografias acima.



SERGIPE Durante a tremenda cheia do rio S. Francisco, ultimamente verificada, as águas invadiram grande parte da cidade sergipana do mesmo nome, sendo possível navegar em plenas ruas e praças em grandes barcas a vela, como demonstram estas fotografias.

Estado da Paraíba



JOÃO PESSOA — Em cima, á esquerda, flagrante tomado no Aeroporto de João Pessoa, por ocasião do embarque de D. Alice Carneiro, Exma. esposa do Interventor Raul Carneiro, que aparece entre as numerosas pessoas presentes. A segunda fotografia fixa um aspecto da visita do General Newton Cavalcanti, ao Asilo de Mendicidade da Capital. No segundo plano vemos, em primeiro lugar, outra visita do General, desta vez á Colonia de Férias da Praia de Tambahú; á sua esquerda está o Interventor Raul Carneiro. No último lugar, os generais Newton Cavalcanti, Boanerges de Sousa e Cordeiro de Faria, em companhia do Interventor Federal, á porta do Palácio do Governo.

VELHAS PAGINAS, SEMPRE NOVAS

ALMA BRASILEIRA

De GRAÇA ARANHA

A nossa alma é multipla, misteriosa e estranha. Ela tem no seu firmamento uma infinidade de deuses. Quando eu quero buscar as divindades que me agitam as celulas inconscientes, e me exaltam e me governam, não ergo os olhos para o céu, volto-me para o abismo insondavel do meu espirito. Curvado sobre este mundo longinquo, ora sou deslumbrado, vendo desfilar formas luminosas e docemente plásticas, ora espio, curioso, sombras satânicas que se embuçam nas trevas, me atormentam com os seus esgares infernais, ora de horror se me fecham vertiginosas, devorantes, as pálpebras dos meus olhos, ávidos ante as visagens tremendas e escancaradas de mons-

tros de formas nunca imaginadas. Tudo é a minh'alma, tudo é a alma tenebrosa da minha raça... E neste caos as divindades se confundem, se emaranham, se combatem ferozmente. Os meus olhos se habituaam a trevas, ao espanto, á agonia. Quando as sombras passam, elas me fitam amorosamente numa ansia de posse exclusiva e dominadora. O meu corpo é o desejo de cada uma. Todas procuram seduzir-me, vencer-me, e eu sou o pasto de suas ambições e perfidias. Quero arrebatar-me de mim mesmo e fico delirante, chamando-as. Ao meu apelo, elas correm súplices.

Lá no fundo do circulo, umas são embaciadas, quasi, indistintas e como se fossem as almas

nebulosas geradoras, outras fluidas mandam-me o seu hálito sem forma como a alma dos ventos, outras deslizam como águas, aquelas surgindo do limo da terra, tão verdes como as árvores... E aspectos, vastidão de séculos entorpecem na nevoa sem fim. Mas, perto, surgem outras. Aquela é negra e tingida de sangue, primitiva e ardente, tem na retina aguda a visão do deserto devorador que a persegue implacavel; aquela é negra também e é branda, é um feitiço, que se despeça eternamente para dar a vida que outros lhe bebem no sangue generoso...

Essa é a alma rubra que se enche da voz do trovão, que se amedronta ao rumor da floresta, que encarna a sua força e que se destruiu sem nunca ter cedido ao afago de almas estranhas... E os meus olhos chamam sempre, e tudo é luz, tudo é glória, tudo é criação. Veem vindo almas nobres, altivas que me avassalam, que me inspiram. Uma confabulou com a divindade no deserto, solene, severa, mostra-me a imensidade cheia do Espirito. E os meus olhos inquietos se desviam do seu olhar duro e matador e sorriem volvidos para a alma branca que infiltrou de sono o mundo das águas e o mundo das terras, que se cobriu de neve para ser mais pura e mais alma, e viveu na carne das mulheres douradas. Esta outra cresceu na solidão, de onde tudo surge agudo e intenso, entendeu os astros na noite maravilhosa, e, dócil, balbuciou orações submissas á fatalidade, e, meiga, na lubricidade do sol, impregnou de volupia o mundo todo e o próprio céu. E a alma grega, a alma latina, magestática e senhora que venceu, dominou e agasalhou o Universo...

Tal é o ser estranho e numeroso da minha raça. Assim, não será mais o espirito da sua infinita posteridade.

HOJE ESTOU REJUVENESCIDO, ALEGRE e CONFIANTE
mas veja o que se passou comigo!
UM DIA O DIRETOR CHAMOU-ME AO SEU ESCRITÓRIO...

O SNR. ESTÁ FICANDO VELHO, SNR. TEIXEIRA, E O CARGO QUE OCUPA EXIGE ENERGIA E AÇÃO, BREVE TEREI QUE SUBSTITUI-LO POR OUTRO FUNCIONÁRIO MAIS MOÇO.

MAS... EU...

MEU MARIDO, DESDE HÁ ALGUM TEMPO, ANDA PREOCUPADO E TRISTONHO... NÃO SEI A QUE ATRIBUIR ISSO!

NÃO TE PREOCUPES, MEU AMIGO, SI E' ESSE O MOTIVO, NÃO PERDERÁS O EMPREGO. ÉS VELHO SÓ NA APARÊNCIA, POR CAUSA DOS CABELOS BRANCOS, MAS AINDA TENS ENERGIA E MOCIDADE À VALER. SI PASSARES **ASO** NA CABEÇA TERÁS, COMO EU, OS CABELOS TAL QUAL OS TINHAS AOS 20 ANOS.

PÓDE USAR **ASO** COM CONFIANÇA PORQUE NÃO SENDO TINTURA MAS SIM UM AZEITE, É ABSOLUTAMENTE INOFENSIVO, NÃO QUEIMA OS CABELOS E NÃO MANCHA A PÉLE. POR ISSO TODOS O PREFEREM.

DÁ CÁ UM ABRAÇO, QUERIDA, ESTOU RADIANTE! HOJE O DIRETOR ELOGIOU A MINHA EFICIÊNCIA E AUMENTOU-ME O ORDENADO. TODOS ACHAM QUE REMOCEI 20 ANOS. ISSO GRACAS AO **ASO**.

...E ASSIM O
Azeite Vegetal Perfumado
ASO
DEU NOVOS HORIZONTES À MINHA CARREIRA E NOVA FELICIDADE AO MEU LAR!

PECAM PROSPÉTO GRÁTIS AOS LABORATÓRIOS **ASO**
R. DOMINGOS FERREIRA, 92 - RIO DE JANEIRO

CURIOSIDADES LITERARIAS

AUTOBIOGRAFIA DE MONTEIRO LOBATO

Pedindo-lhe um amigo uma noticia biográfica, Monteiro Lobato forneceu-lhe as seguintes notas, que achamos interessante publicar:

"Nasceu em Taubaté, aos 18 de Abril de...1884. Mamou até 87. Falou tarde, e ouviu pela primeira vez aos 5 anos um célebre ditado:

"Cavalo pangaré
Mulher que... em pé
Gente de Taubaté
"Dominus libera mé"

Concordou.

Depois, teve cachumba aos 9 anos. Sarampo aos 10. Tosse comprida aos 11. Primeiras espinhas aos 15.

Gostava de livros. Leu o "Carlos Magno" e os doze pares de França", o "Robinson Crusoe" e todo o Julio Verne.

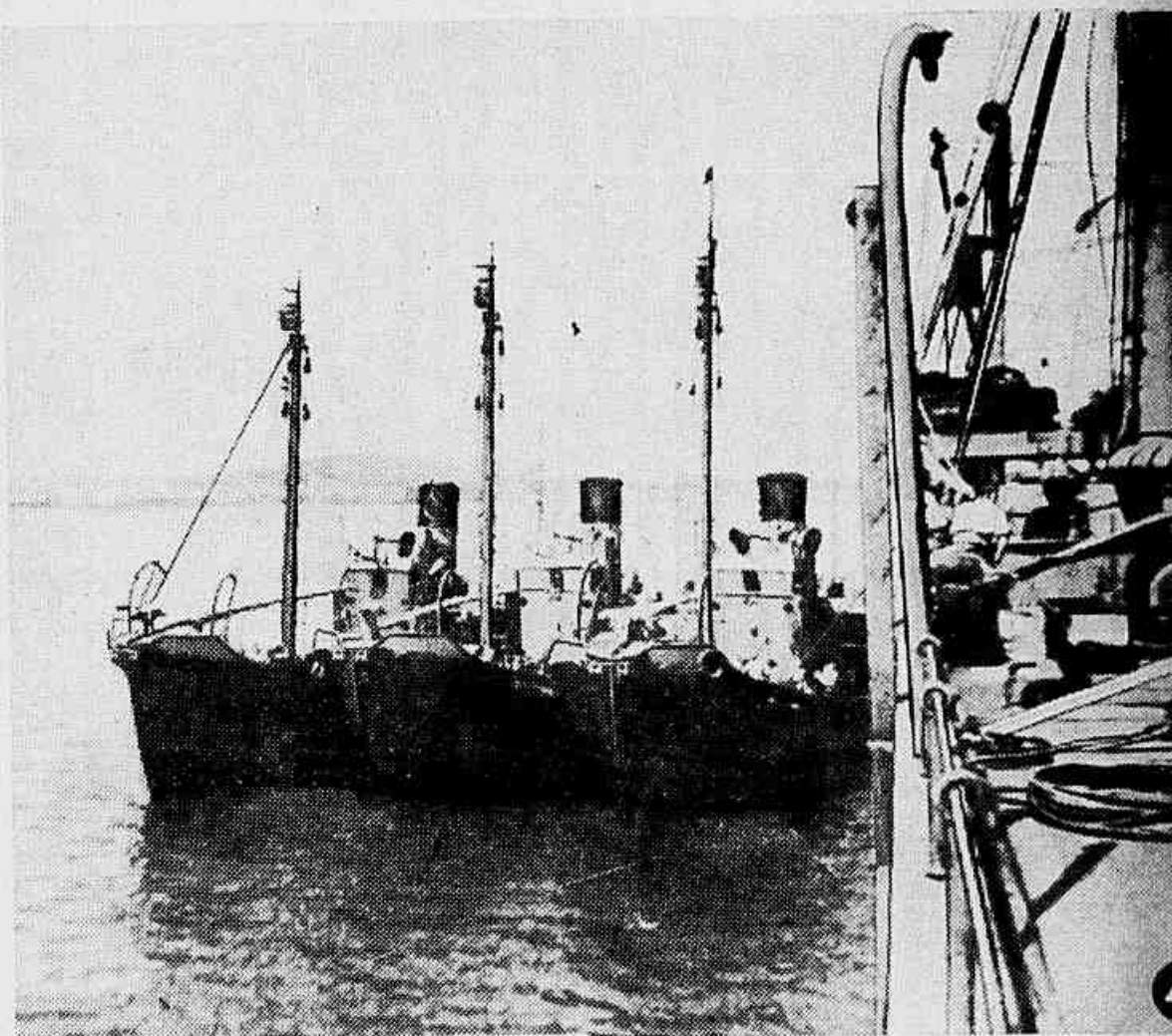
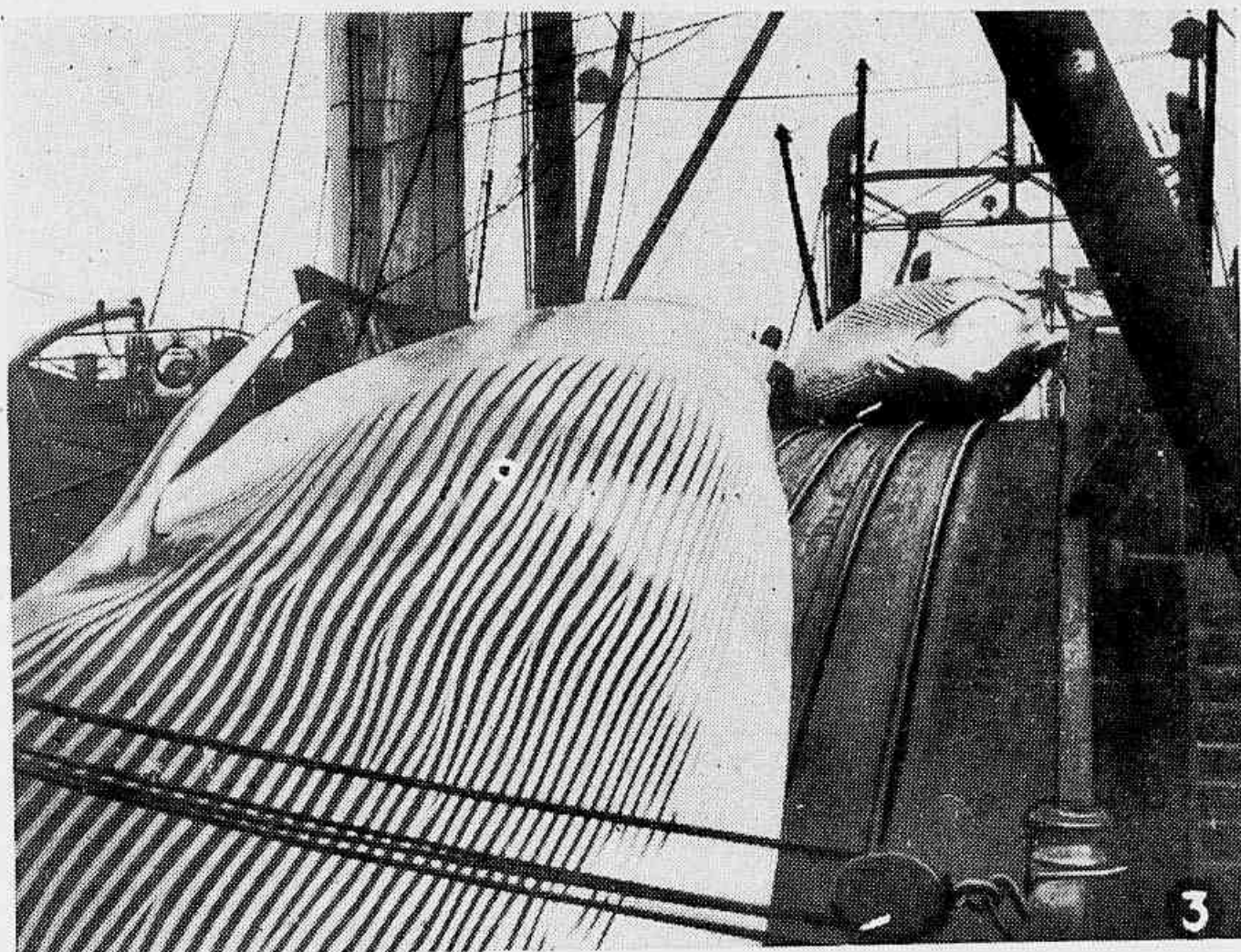
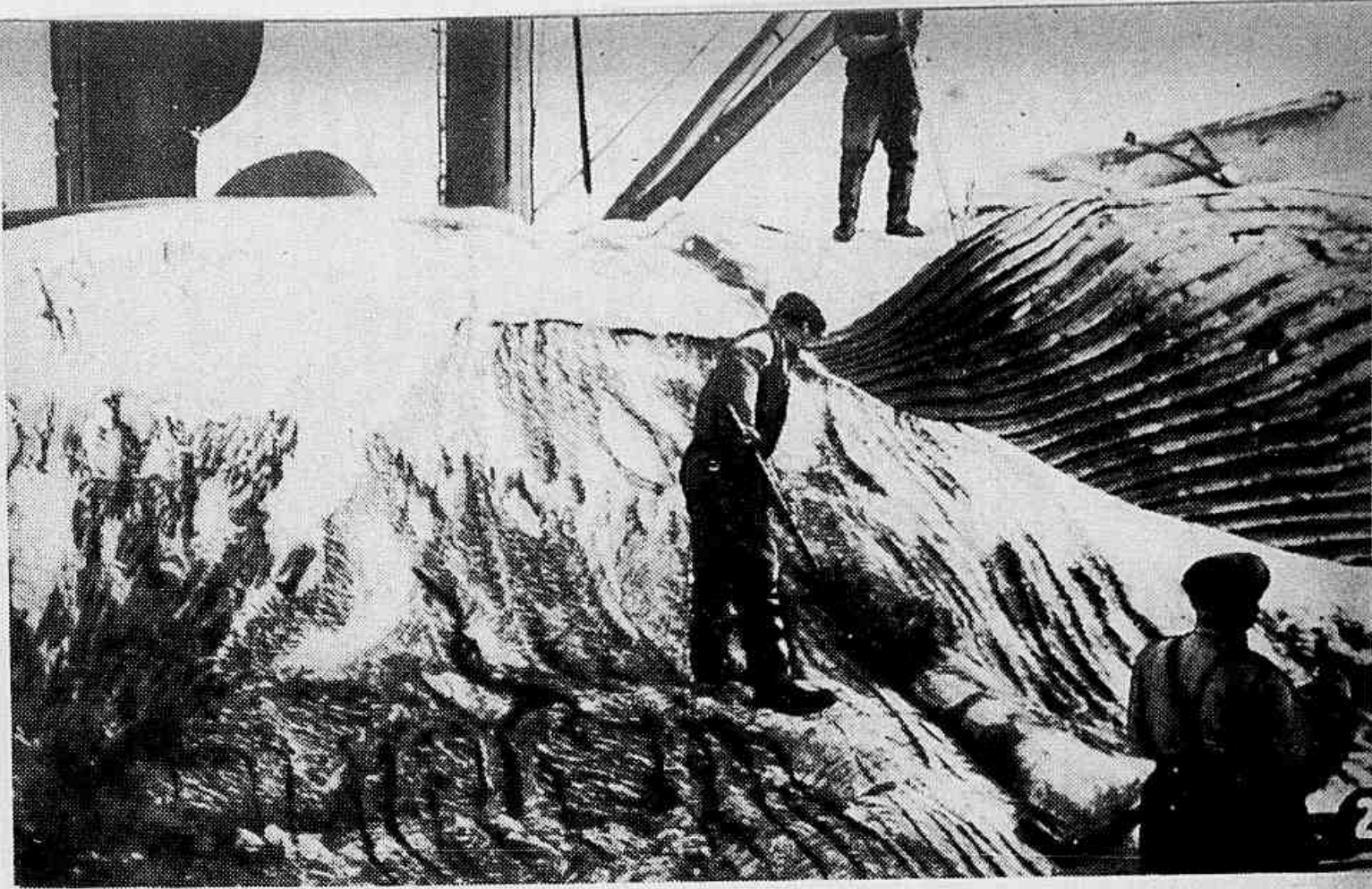
Metido em colégios foi um aluno nem bom nem mau — apagado. Tomou bomba em exame de português, dada pelo Freire. Insistiu. Formou-se em direito, com um simplesmente no 5º ano — merecidissimo. Foi promotor em Areas mas não promoveu coisa nenhuma. Não tinha geito para a chicana e abandonou o anel de rubi (que nunca usou no dedo, aliás).

Fez-se fazendeiro. Gramou café a 4.200 a arroba e feijão a 4.000 o alqueire.

Convenceu-se a tempo que isso de ser produtor é sinonimo de ser imbecil e mudou de classe. Passou ao paraizo dos intermediários. Fez-se negociante, matriculadissimo. Começou editando a si próprio e acabou editando aos outros. Escreveu umas tantas lorotas que se vendem — Urupês, gênero de grande saída, Cidades Mortas, Idéas de Geca (sub-produtos), Problema Vital, Negrinha, Narizinho. Pretence publicar ainda um romance sensacional que começa por um tiro: — "Pum! E o infame caiu redondamente morto..."

Nesse romance introduzirá uma novidade de grande alcance, qual seja a de suprimir todos os pedaços que o leitor pula. Particularidades: não faz nem entende de versos, nem tentou o "raid" a Buenos Aires.

Físico: lindo "



A PESCA DA BALEIA EM TEMPO DE GUERRA

Por GEORGE EDINGER, do B.N.S.

Especial para a REVISTA DA SEMANA,

Certa vez, Napoleão comparou sua guerra mortal contra o Imperio Britânico a uma luta entre um elefante e uma baleia. Essas palavras não deixam de ser hoje interessantes, pois a baleia constitui um elemento de grande importância na guerra actual. Em cada estação de pesca, são mortas no mundo cerca de 30.000 baleias, sendo 14.000 pelos noruegueses (que dispõem de 134.000 toneladas de navios destinados a tal pesca) e 8.000 pelos britânicos. Essas 22.000 baleias produzem 2 e meio milhões de barris de óleo, sendo a maior parte usada para a fabricação de margarina e uma parte para a fabricação de explosivos. A pele da baleia é aproveitada para a fabricação de calçados destinados aos soldados britânicos. Os ossos são utilizados para fertilizar os campos e do resto do corpo também são extraídos fertilizantes e cola.

Nunca foi a pesca da baleia tão perigosa quanto atualmente, com os submarinos e aviões inimigos patrulhando os mares. E também nunca foi mais importante, pois o resultado de uma estação de pesca póde ter influência sobre a guerra.

Provavelmente, as virtudes da baleia foram descobertas quando as ondas lançaram a carcaça de um desses monstros marinhos nalguma praia pré-histórica. Mas o fato é que, desde meados do século XVIII até que as pescarias na Groenlandia terminaram, virtualmente, no princípio do século XX, os ingleses foram os mais notáveis e constantes pescadores de baleia. Os pescadores de baleia da Groenlandia costumavam chegar em fins de abril àquelas paragens e passar um e, às vezes, dois anos nas águas setentrionais. Seus navios eram de cerca de 300 toneladas e levavam pequenos botes, pontudos em ambas as extremidades, com 9 metros de comprimento, mais ou menos. Nesses botes, os pescadores iam arpoar as baleias, muitas vezes três vezes maiores que os próprios botes. Mas os resultados eram compensadores. O navio "Resolution" de pescador escossês Peterhead, regressou de uma de suas viagens com um carregamento no valor de 11.000 libras. Isto em 1814, quando a Grã-Bretanha, em luta contra Napoleão, tinha tanta necessidade dos produtos da pesca de baleia como hoje.

Em 1860, todos os navios ingleses que se dedicavam à pesca da baleia eram veleiros. Por coincidência, a introdução dos navios a vapor foi contemporânea da decadência das pescarias na Groenlândia. Houve quem ligasse os dois fatos, afirmando que as máquinas a vapor envenenavam as baleias. Mas a evolução continuou e os navios a vela acabaram por ser inteiramente substituídos pelos navios a vapor.

Por outro lado, acentuava-se também a decadência da indústria de pesca de baleia. Nisso não deixavam de ter influência diversos fatores econômicos. Assim, o uso do querosene, introduzido em princípios da segunda metade do século passado, constituía um rude golpe no comércio de óleo de baleia para iluminação. Também o osso da baleia começou a perder a utilidade, substituído pelo aço.

De fato, há cerca de 80 anos atrás, a pesca da baleia estava ameaçada de completa extinção, quando dois fatos a reanimaram de novo. Um deles foi notícia, trazida em 1839 pelo explorador inglês Sir James Clark Roos, de que a baleia denominada da Groenlandia era muito abundante nas águas

do Oceano Glacial Antártico. Outro foi o aperfeiçoamento introduzido por Svend Foyn no canhão destinado á pesca da baleia, mediante o qual era lançada uma bomba, conduzindo um arpão, que penetrava profundamente no corpo do animal. Desde 1880 essa invenção foi empregada largamente.

Enquanto os antigos barcos de pesca da baleia somente podiam atacar algumas espécies daquele mamífero, a nova invenção tornou possível alcançar as espécies mais velozes e maiores, como a baleia azul e o "finner", esta ultima muito procurada pelo seu óleo. Pelo fato de ser um animal de sangue quente forçado a viver nas aguas polares, a baleia tem em torno de todo o corpo uma camada protetora de gordura, donde é extraído o óleo em questão. Durante a guerra passada, quando havia grande escassez de gorduras na Noruega, o óleo da baleia mostrou-se um excelente sucedâneo, e seu gosto é muito semelhante ao do toucinho.

A camada de gordura da baleia e sua espessura variam bastante, podendo chegar até cerca de 30 centímetros. Logo que a baleia é apanhada, essa camada é dividida em tiras da largura de meio metro até um metro, mais ou menos, em toda a extensão do corpo do cetáceo. Em seguida, essas tiras são divididas em partes menores que, por meio de um elevador mecânico, são levadas para as caldeiras, onde é extraído o óleo. Ao mesmo tempo, a carcaça da baleia é separada em várias partes, para o aproveitamento dos ossos, da pele, etc.

Todas essas operações são feitas num posto situado em terra ou em navios especiais, dotados de todos os maquinismos necessários. O principal posto para o beneficiamento de baleia no Antártico está situado na Geórgia do Sul. Quanto aos navios dotados do aparelhamento necessário para o beneficiamento e aproveitamento da baleia, trabalham com auxílio de três ou quatro embarcações encarregadas da pesca, que ficam sob sua direção e controle. Esses navios não são, como é fácil prevêr, lugares muito agradáveis. O óleo, a gordura e o sangue se espalham por toda a parte e seu cheiro chega até 20 milhas de distancia.

E, contudo, a vida dos marinheiros desses navios ainda é muito melhor que a das tripulações dos navios encarregados da pesca. Durante sete meses essas embarcações vogam através das águas geladas e o trabalho de sua tripulação é, pôde-se dizer, incessante. Barbear-se ou trocar de roupa são coisas quasi impossíveis. Muitas vezes, nas contorsões da morte, as baleias arpoadas danificam a embarcação, aumentando ainda mais a falta de conforto. O gelo acumulado sobre a superestrutura do navio aumenta o seu peso, criando a possibilidade de um afundamento. Esses são apenas os perigos comuns, do tempo de paz, mas não devem ser esquecidos as minas, os submarinos e os aviões.

Mas a pesca da baleia prossegue. Nas veias desses marinheiros britânicos e noruegueses que desafiavam os gelos do Oceano Antártico e as armas inimigas, corre o mesmo sangue daqueles homens que atacavam monstros de 20 metros de comprimento num barco de menos de 6 metros. Não serão os alemães que impedirão que se prossiga a epopéia anônima que, de há muito, se escreve nos mares glaciais e que nem a fúria dos elementos conseguiu dominar.

E hoje, mais do que nunca, os marinheiros ingleses e noruegueses lutam e se sacrificam, cheios de confiança e de ardor, porque sabem que estão contribuindo para a vitória das forças do Bem contra as forças da tirania e da opressão.



A odisseia dos comboios

Exclusivo da Interamericana para
a REVISTA DA SEMANA

Na ponte de comando dum "cutter" guarda-costas americano, já bastante açoitado pelas intemperies do alto mar, está em pé o comandante. Seu barco, que tinha partido dum porto qualquer de léste, acompanha o levantar e abaixar das enormes ondas. É este o campo de batalha: o mar que separa os Estados Unidos das outras Nações Unidas.

Há pouco encanto, e ainda menores glórias nesse tráfego no Atlântico norte. Tudo é governado por ordens e horários, tudo planejado. A hora de largar, os sinais na sala de máquinas nos fundos dos navios mercantes

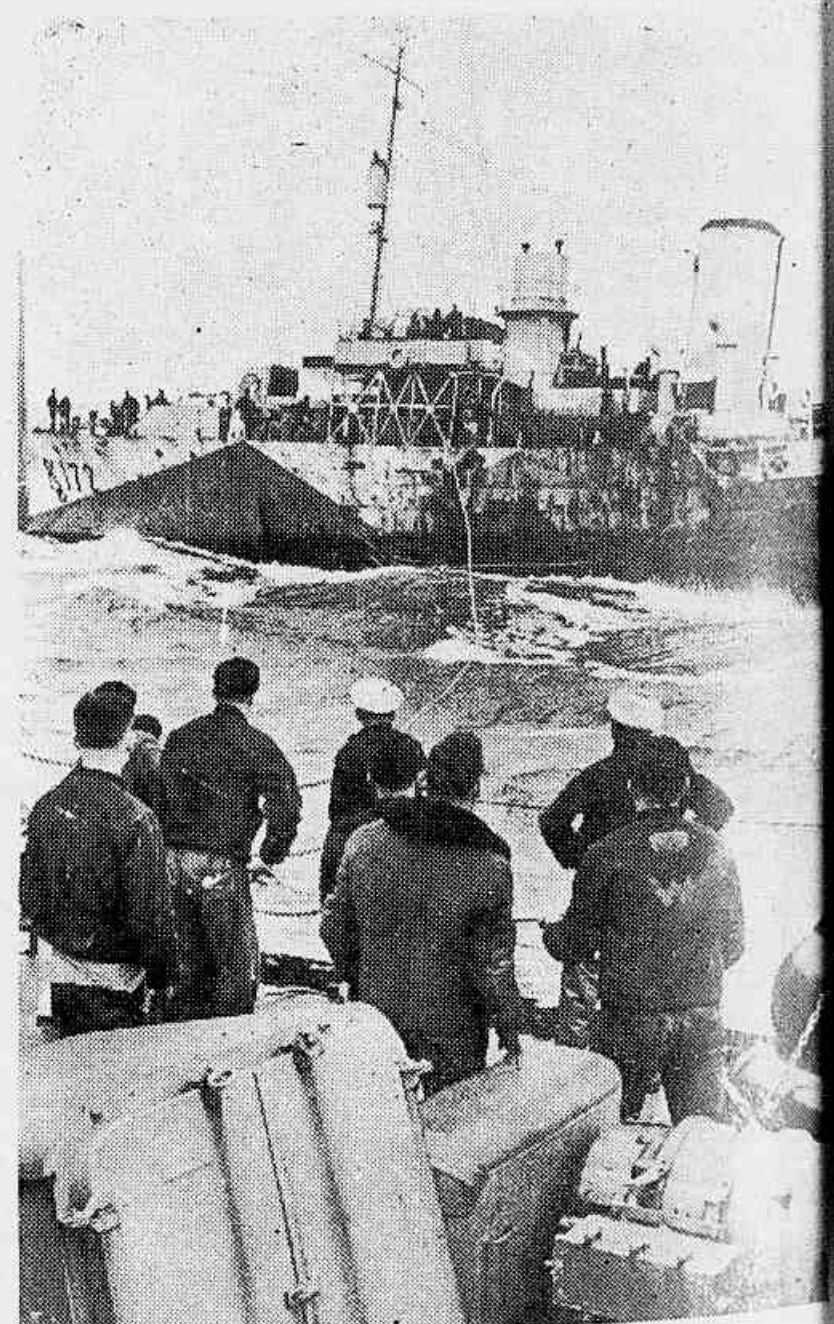
Apenas discernível á distancia está a terra. Mais algumas milhas e eis que mais outro comboio chega a salvo ao seu destino.



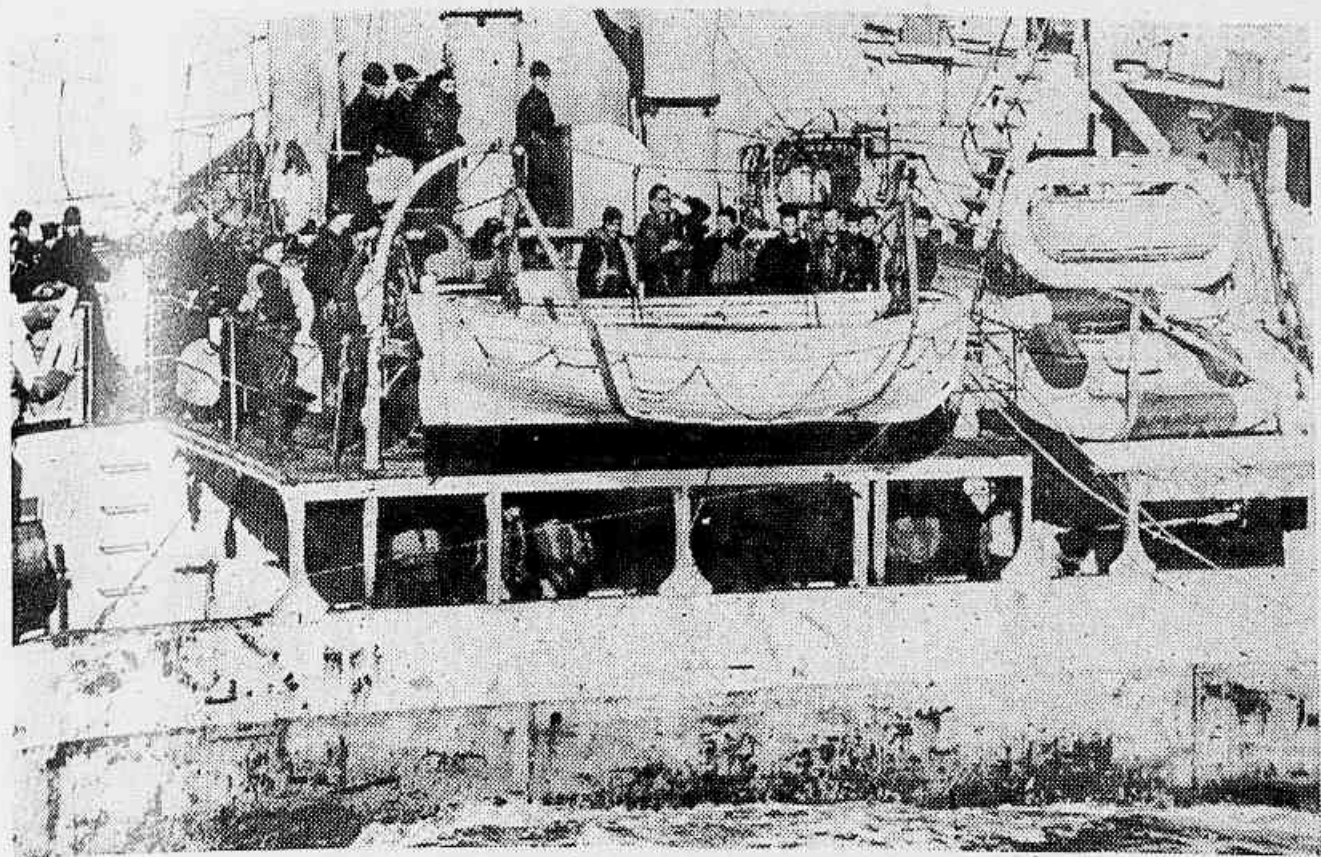
Homens de transporte de gasolina contemplam estoicamente o que o médico de um navio guarda-costas americano pôde fazer em seu benefício no mar. As mãos desses marinheiros não estão simplesmente sujas de óleo, mas carbonizadas desde as unhas até os punhos.



Alarme geral. As sentinelas em descanso saltam fora da cama. O alarme, um furioso bater de metais, significa que foi percebido um submarino.



No meio do Atlântico um navio acosta um "cutter" americano para receber ordens secretas, transmitidas ao longo de um cabo.



Sobreviventes enchem o convés quando um "cutter" guarda-costas americano se aproxima. Cabe a navios deste tipo, menores do que os "destroyers", aguentarem os serviços mais duros ao acompanhar comboios no Atlântico. Já equipados com água potável e alimento os salva-vidas estão de prontidão para serem lançados ao mar.

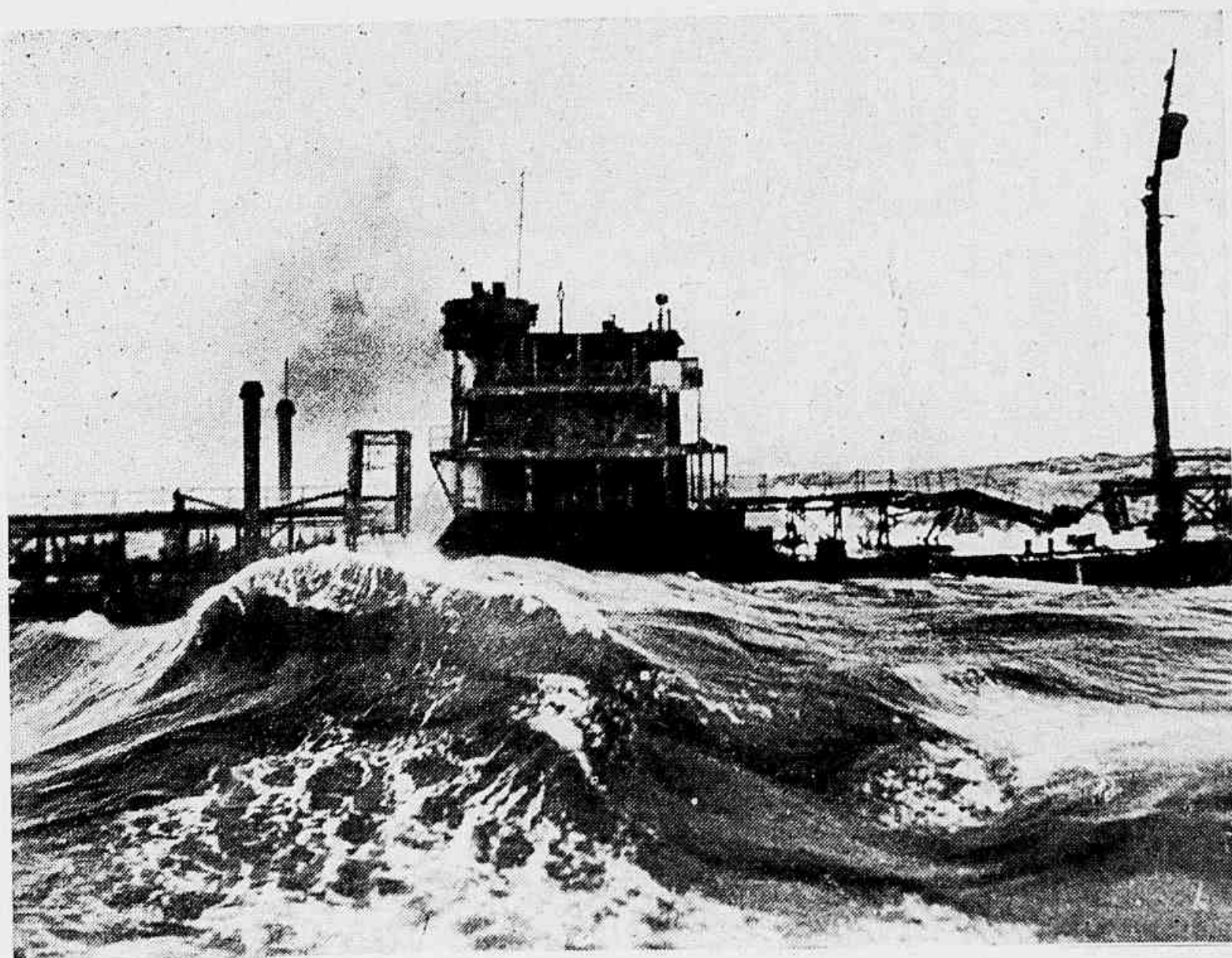
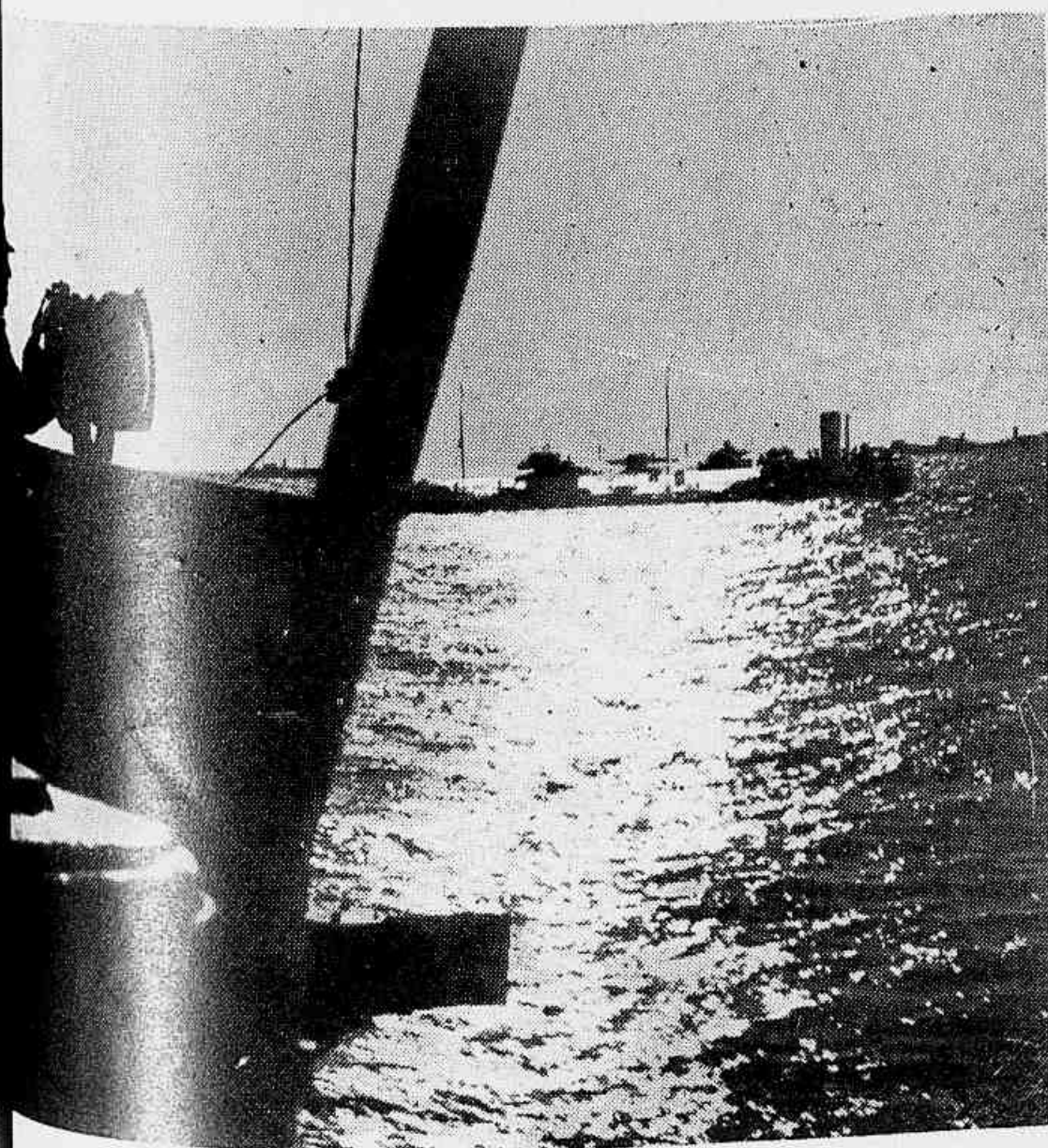
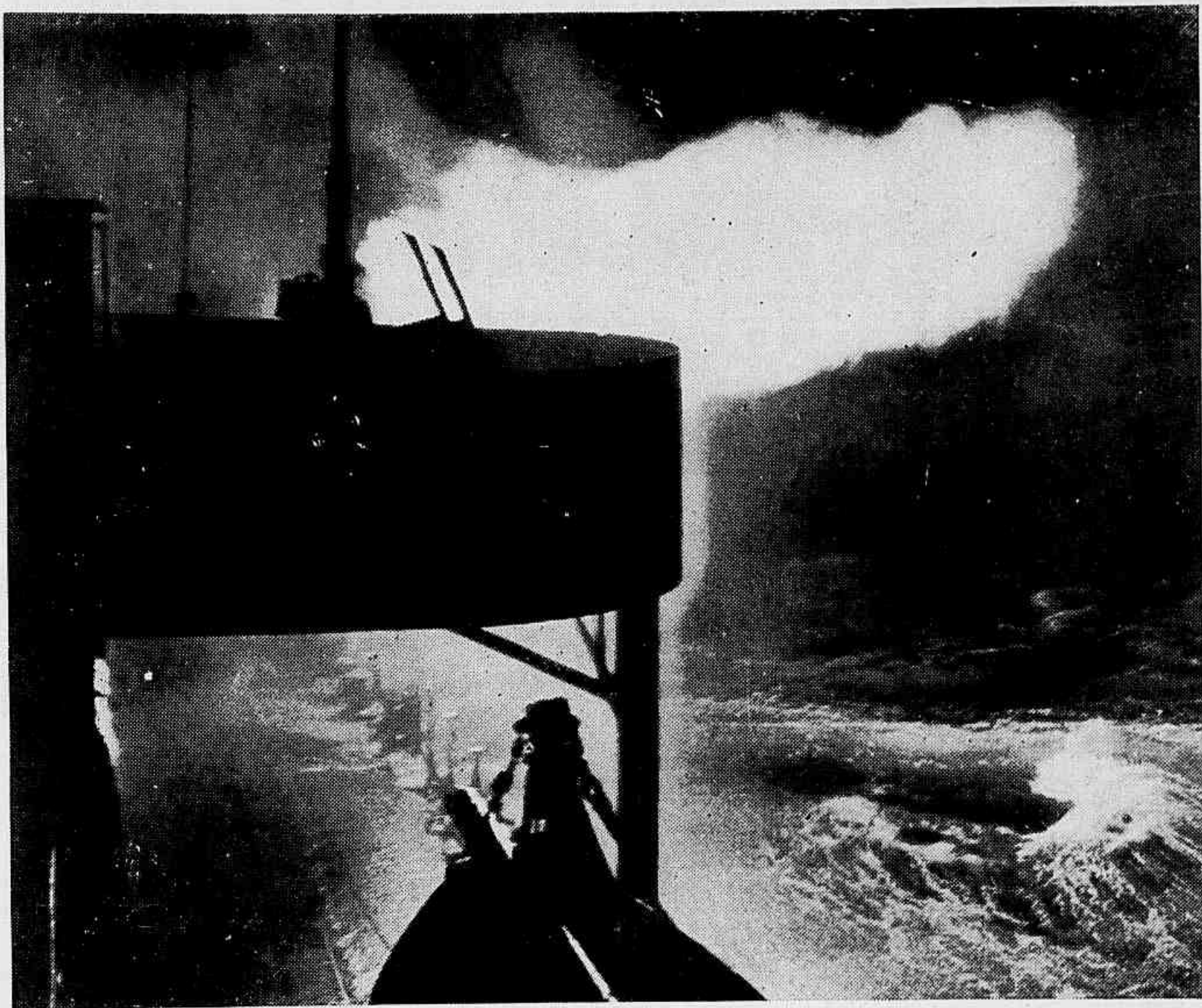
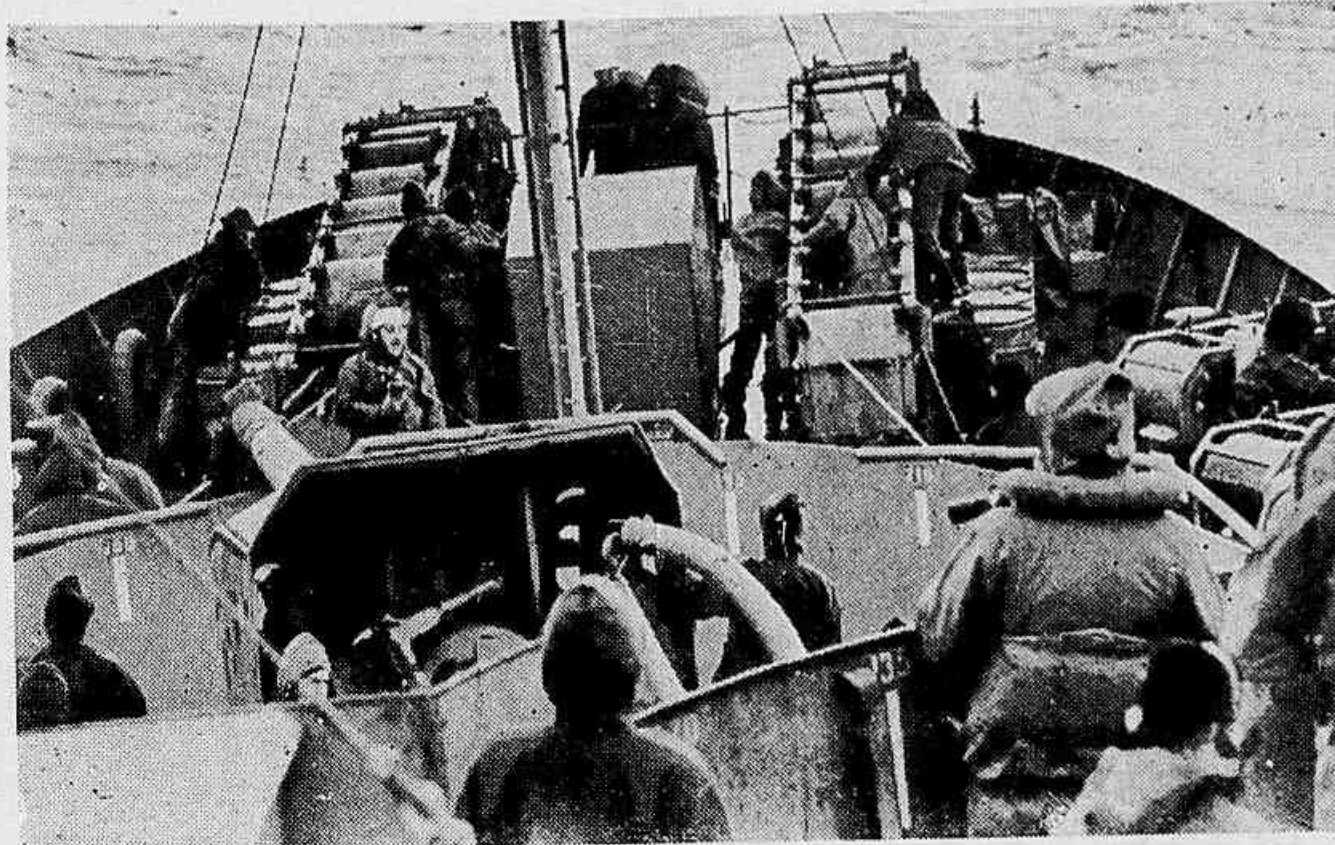
Em cima, à direita — Colocado ao longe, atrás dos limites do comboio sob sua guarda, o "cutter" procura discernir pelos sons o ponto de esconderijo dos submarinos inimigos. Tudo faz supor que um submarino nunca está sozinho, posto que a miude atacam em conjunto.

pesadamente carregados marcam: "Devagar para Frente", e daquele momento até se aproximar de um porto, o comboio dirige-os para o oriente, até o sinal de "Parar as Máquinas".

Apeza da vigilância incessante dos vasos de guerra protetores do comboio, pôde acontecer que um navio-tanque rebente em chamas que iluminam os céus na noite alta. O comboio porém, não pôde nem deve deter-se. Morrerão os homens, mercadorias preciosas vão para o fundo do mar, porém outros homens apertam com mais força ainda a roda de direção, e fôrçam seus olhos, para tirar mira e apontar os canhões. Os navios do comboio prosseguem.

As fotos anexas descrevem as atividades dum comboio ao atravessar o Atlântico-norte.

À lado — Batalha noturna. Ao menos um submarino inimigo se terá posto a salvo das cargas de profundidade e, protegido pela escuridão, sobe à tona para despedir um torpêdo contra o bojo roliço de um transporte de óleo das Nações Unidas. O clarão aqui parte da boca de um canhão de três polegadas, disparado pelo "cutter" lançando bombas luminosas para iluminar o mar adjacente ao navio torpedeado. Durante a noite os submarinos afloram à superfície para fazer o disparo, e quando o mar está agitado o fazem invariavelmente.



Oficiais expedindo mensagens com o auxílio de uma lampada Aldis instalada na ala da ponte de um "cutter" guarda-costas americano ao avistar um comboio rumo ao alto mar. O silêncio do rádio é a norma no mar.

Toda a sua carga, quatro e meio milhões de galões de gasolina, arde com o convés varrido pelas ondas. Ao amanhecer o transporte é dado como perdido. O comboio seguiu à frente sem fazer pausa, porém fica atrás um navio para recolher os sobreviventes. Os homens empregados nesses transportes de gasolina ou de altos explosivos, não esperam escapar quando o seu navio é atingido por torpêdo. Muitas vezes acontece que o navio explode de uma vez.

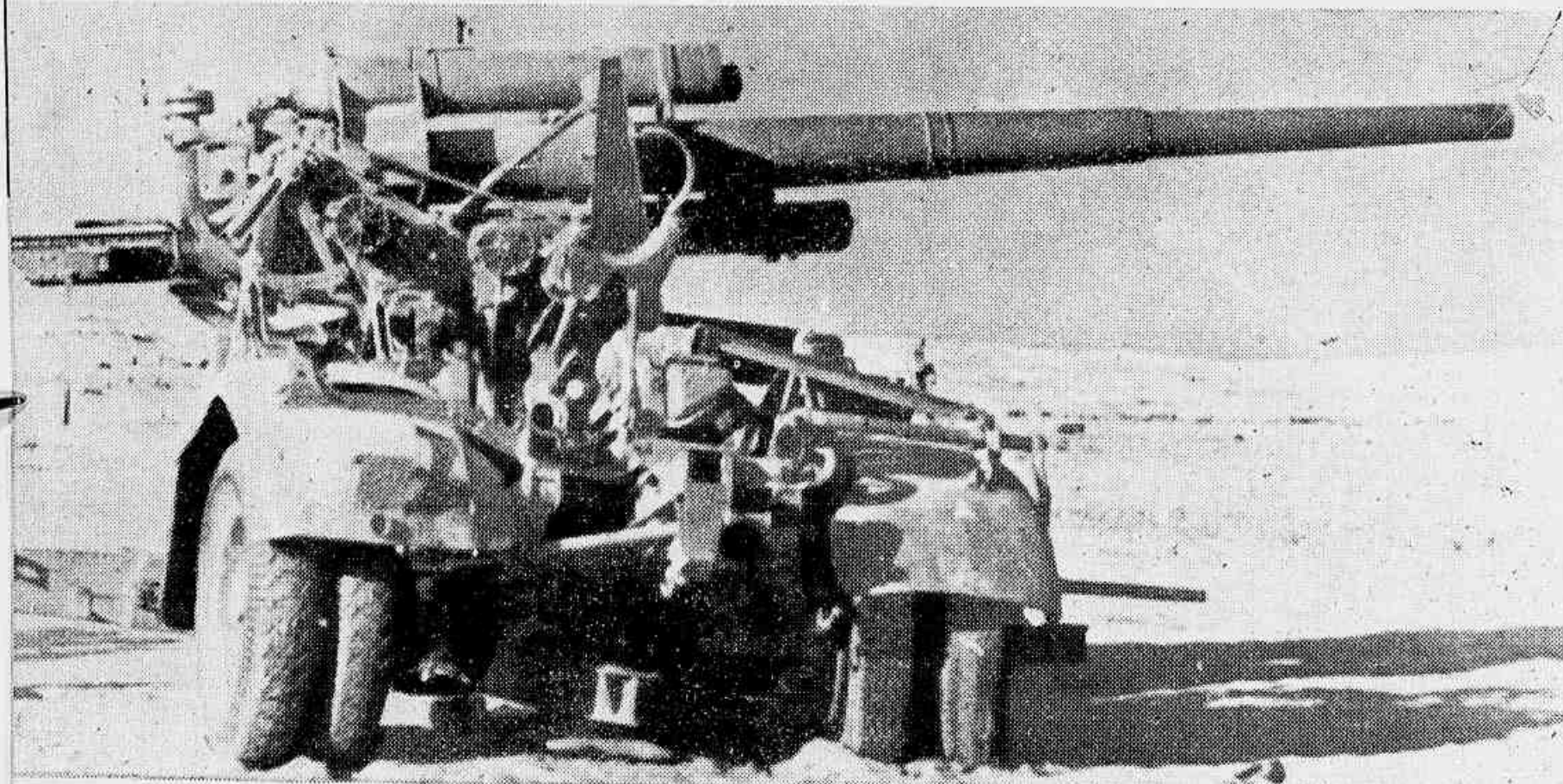


STALINGRADO — O marechal alemão Friedrich Paulus, mandante do sexto exército nazista em Stalingrado, de se ter entregue aos russos, está sendo interrogado pelo general Konstantin Rokossovsky, comandante das tropas frente do Don. Como se sabe, mais de 300.000 nazistas foram liquidados nessa batalha.

MOSCOU — Aqui está uma cena das espantosas batalhas da Rússia. Em pleno ardor da refrega, uma enfermeira penetra na trincheira russa, para tratar dum soldado ferido. A rapariga é da idade em que as moças americanas estão deixando a escola secundária. Esta cena é do filme "Um dia de guerra", apanhado por um dos 160 fotógrafos do exército soviético, 30 dos quais morreram num só dia da filmagem.

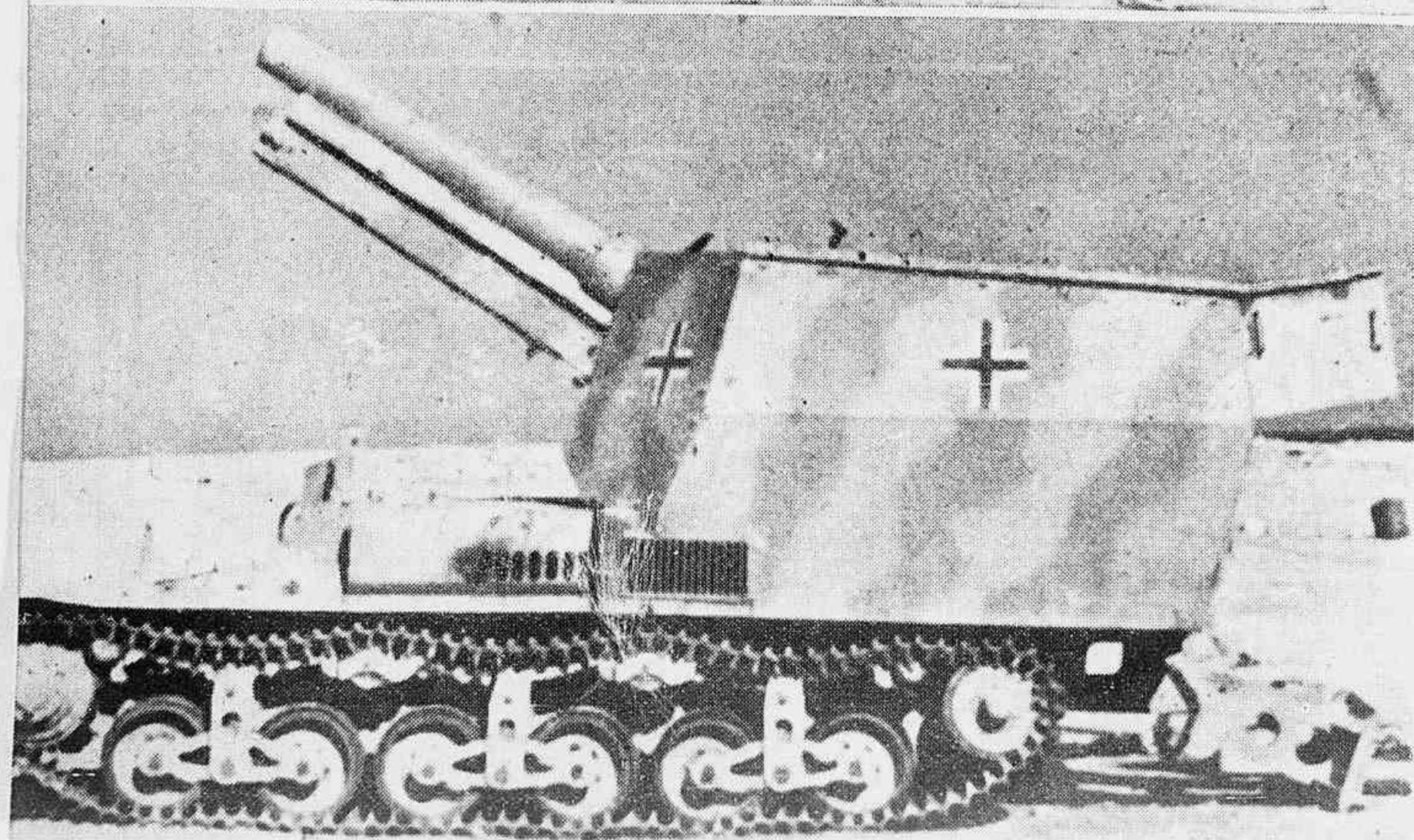
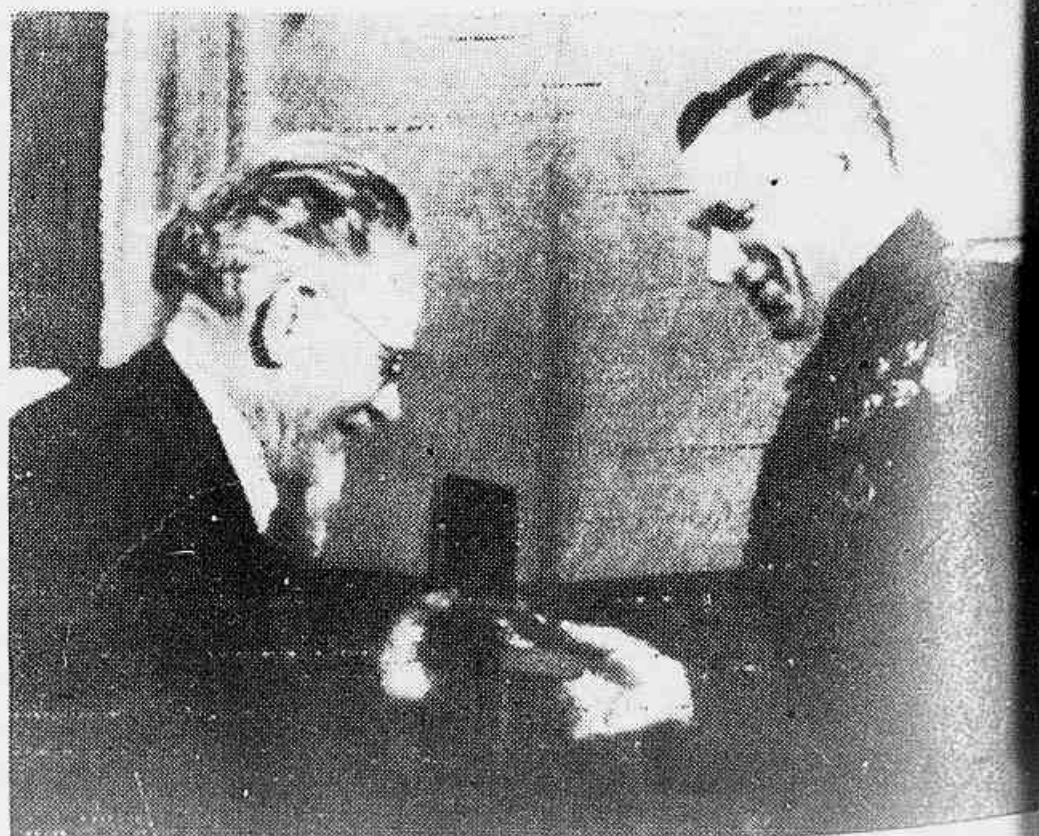
A Guerra em todas as frentes

NALGUM CANTO DA AFRICA — Um fotógrafo americano das forças aéreas fez esta fotografia dos canhões alemães usados no deserto e que possivelmente estão sendo usados contra as forças americanas na Tunísia.



WASHINGTON — A senhora Chiang Kai-Shek, esposa do generíssimo chinês, defronte duma bateria de microfones, falando da tribuna da Câmara dos Representantes ao dirigir-se àquele Corpo legislativo, na sua recente visita aos E. Unidos. Foi a primeira mulher de qualquer país, inclusive os E. U., a ter permissão de se dirigir da tribuna àquele Câmara.

MOSCOU — Mikhail I. Kalinin, presidente do Presidium do Supremo Soviet entregando a comenda da ordem de Surorov, primeira classe, ao general K. Rokossovsky, comandante das forças vermelhas que levantaram o cerco de Stalingrado.





MONROVIA, LIBERIA — O presidente da Liberia, Edwin Barclay, a quem o presidente Roosevelt visitou, depois de seu encontro com Churchill. O Presidente também passou em revista um grande destacamento americano, acantonado na Liberia.



ADANA, TURQUIA — Depois de seu encontro com Roosevelt, em Casablanca, Churchill aparece aqui, em Adana, na Turquia, em conversa com o presidente turco, Ismet Inonu.

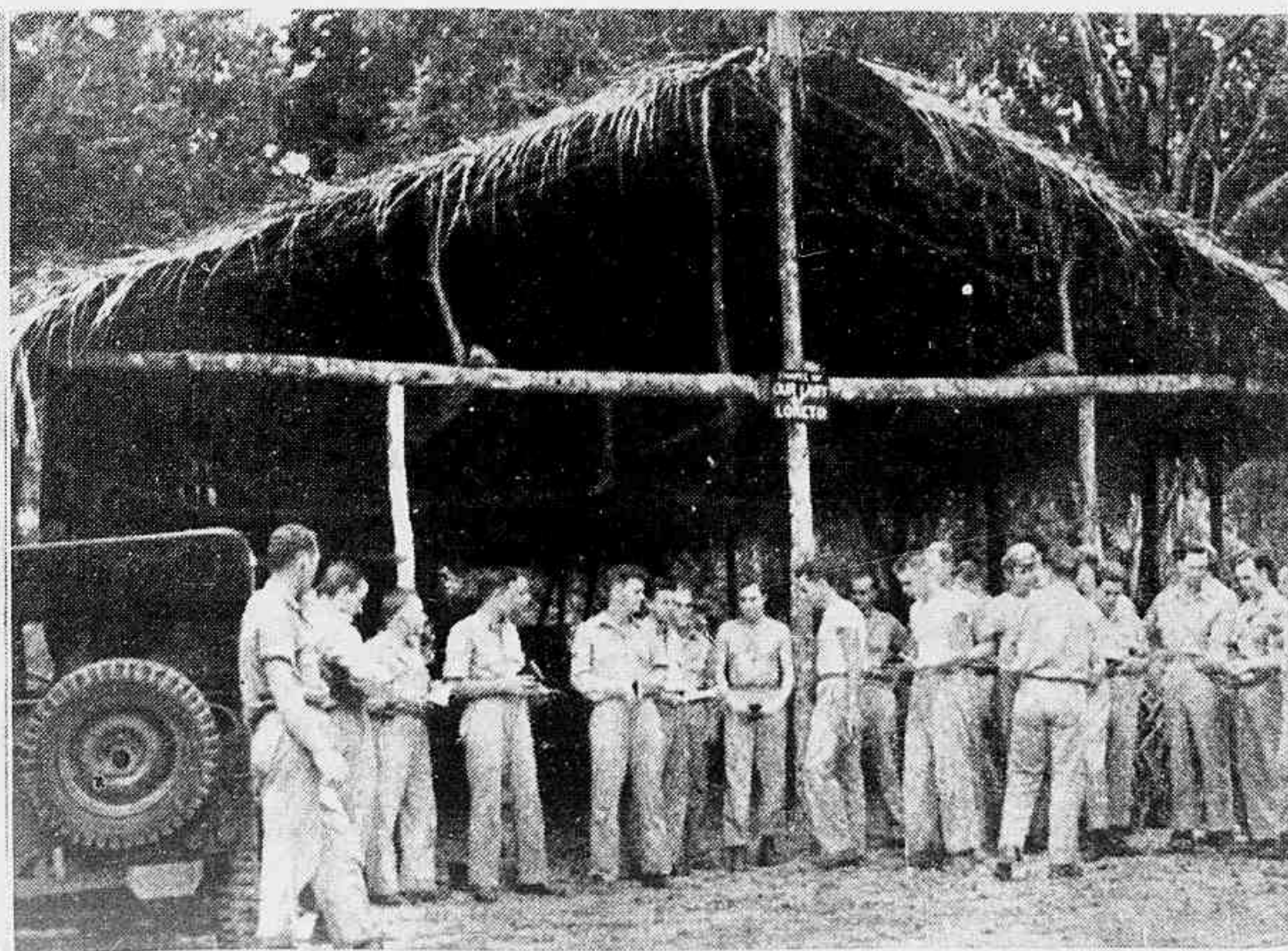


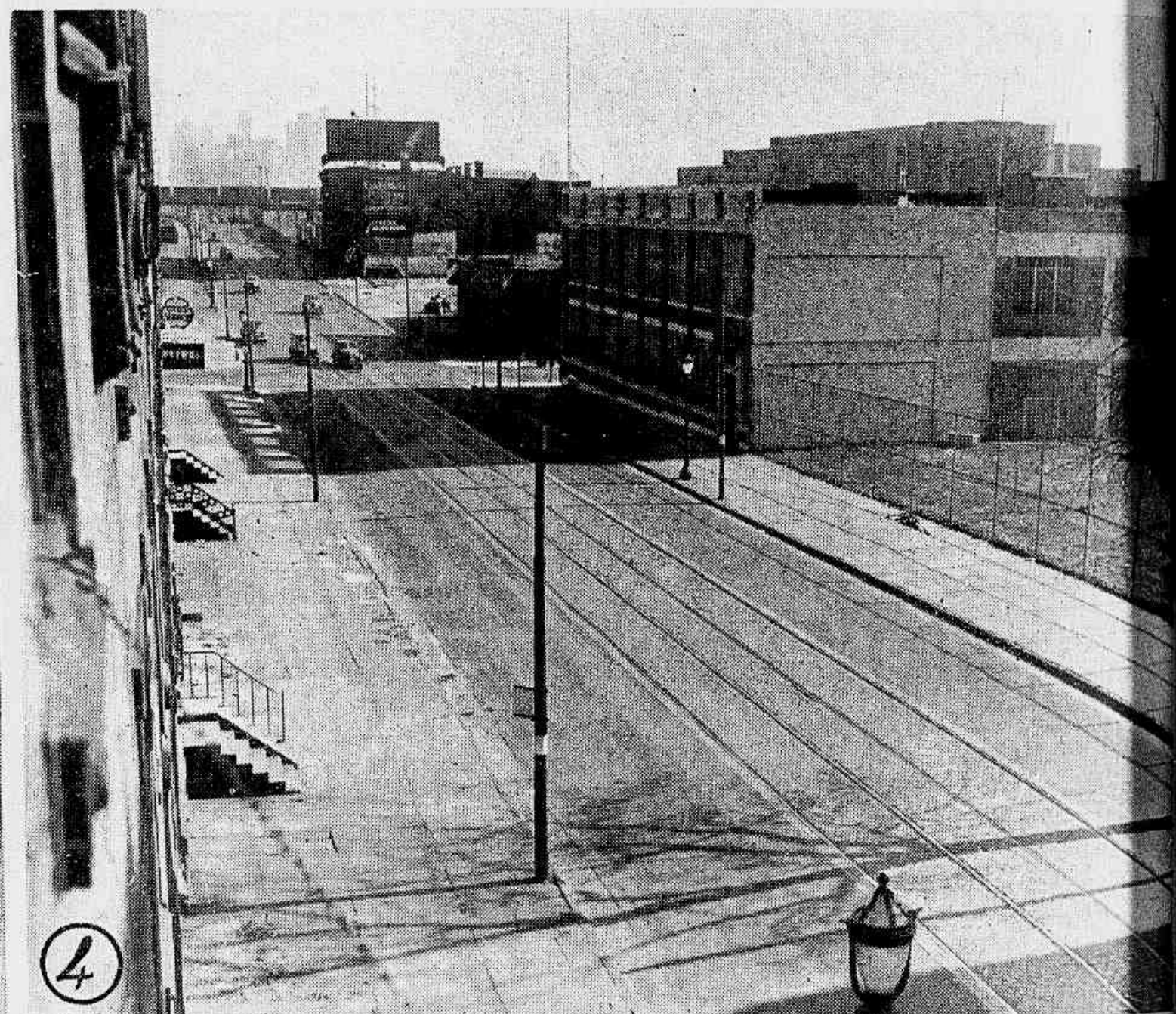
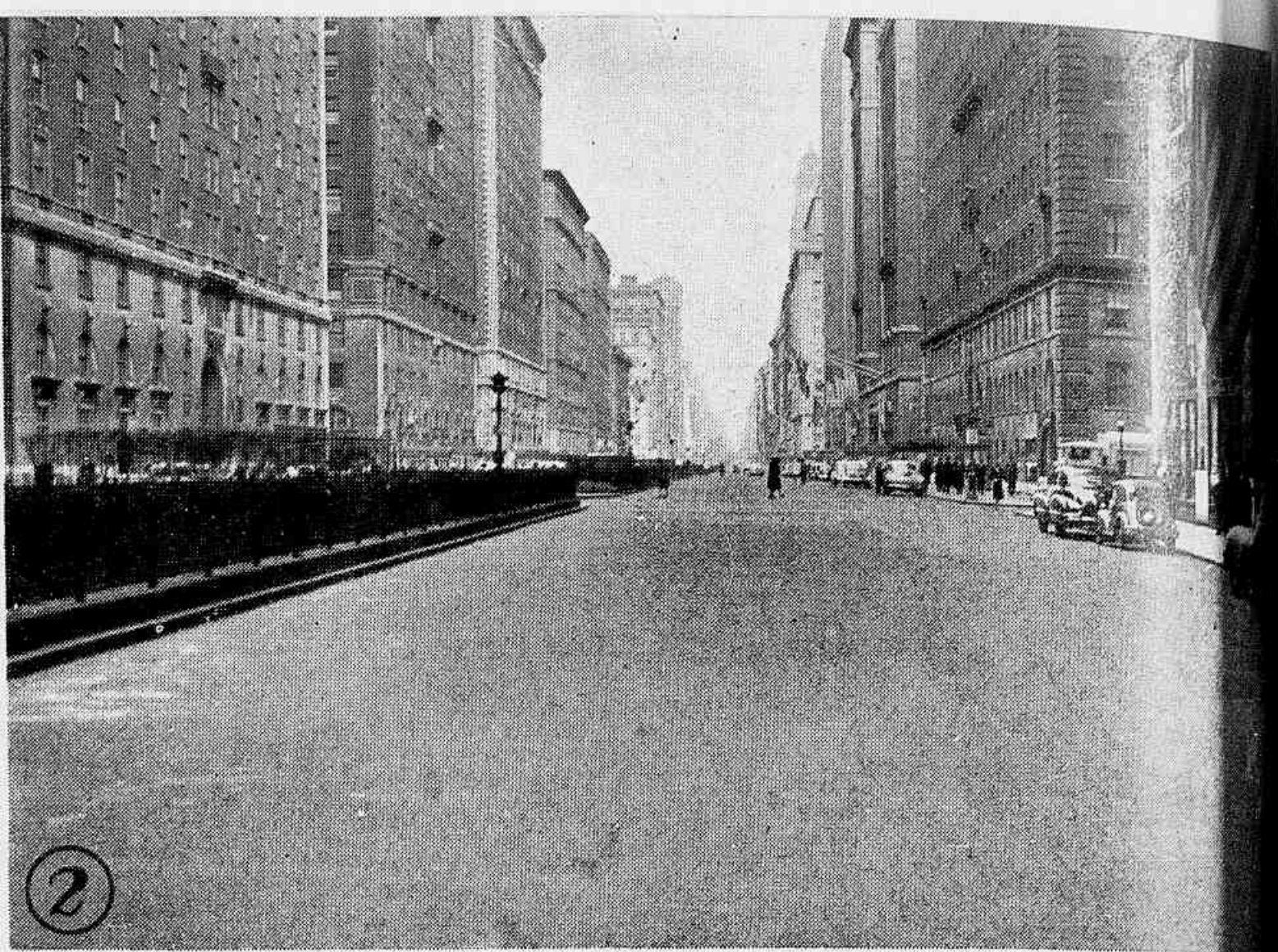
NEW YORK — Esta fotografia, tomada da ponte de Manhattan, mostra o grande cruzador Richelieu, ao passar sob a ponte de Brooklyn. A cidade de New York, com a sua linha de arranha-céus ao fundo, forma um cenário digno da rainha das belonaves francesas.

TRIPOLI — Parada triunfal dos "tanks" ingleses, através das ruas do porto de Trípoli, depois da queda dessa cidade. Nativos e soldados observam a passagem dos monstros de aço, vencedores das forças de Von Rommel.



PACIFICO — Esta capelinha de folhas de palmeira foi erguida em plena jungla do Pacífico. E' dedicada a Nossa Senhora de Loreto e foi levantada pelos soldados numa base americana do sul. A capelinha é utilizada tanto pelos católicos como pelos protestantes, e tem seus officios divinos bem concorridos.





OS ESTADOS UNIDOS SEM AUTOMOVEIS DE PASSEIO

(Fotos especiais da INTER-AMERICANA)

A suspensão do uso superfluo de automoveis na região leste dos Estados Unidos está provando ser tão útil que cerca de 1.350.000 galões de gasolina diariamente estão sendo economizados, depois que o Presidente Roosevelt ordenou uma redução de 40 por cento na quilometragem de carros oficiais do Governo. Nesta página, vemos o reflexo dessa medida de emergência, através de algumas das principais artérias americanas.

1 Os suburbanos de Nova York, afeitos a irem de auto para o trabalho, percorrendo estradas como esta antes do racionamento de gasolina e pneus, fazem agora o revezamento dos seus automóveis, cada qual conduzindo uma leva de passageiros. Numa semana um determinado carro faz a viagem levando lotação completa; noutra semana outro carro, e assim sucessivamente até que cada carro tenha feito a sua viagem de contribuição. Desta forma se verifica boa economia de gasolina e pneus.

2 Sem o costumeiro atropelo dos automóveis a Park Avenue de Nova York nos mostra este cenário pacífico.

3 A Walnut Street, em Philadelphia, outrora uma artéria congestionada de autos, vê-se varrida do tráfego de automóveis.

4 Washington, a capital dos Estados Unidos, que sempre estava entulhada de trabalhadores federais, também sente agora os efeitos do racionamento de gasolina e pneus no momento em que as facilidades de trânsito diminuem para o transporte de indivíduos do lar ao escritório. O trecho foi tomado na Pennsylvania Avenue, uma das principais ruas que vão ter ao Capital Building.

5 A Praça do Times, a Meca dos caçadores de prazer na cidade de Nova York, geralmente ingurgitada de carros de passeio, mostra agora um aspecto de pedestres em tráfego diminuto de veículos.



As eleições no Clube de Engenharia

Deveras impressionante foi o espetáculo oferecido pelas eleições que se verificaram a 15 p. p. no Clube de Engenharia.

Classe eminentemente pacífica, sempre absorvida pelos números e pelos projetos, os engenheiros esqueceram-se por um instante dessas tradições e deixaram-se empolgar, apaixonadamente, pela eleição. Até pareciam advogados. Ou mesmo políticos, políticos profissionais, daqueles da velha escola. No vasto salão da Avenida, representantes notáveis da engenharia brasileira subiam e desciam escadas, esquecendo-se, às vezes, da própria idade, discutindo, gesticulando, numa inquietação surpreendente.

Mas não eram apenas os velhos. Longe disto. Também as novas gerações, os moços recém-formados compareceram, em massa, à memorável competição. Basta dizer que o quadro social da instituição, ganhou, em poucos dias, cerca de 500 novos membros! Muitos eleitores vieram de avião, procedentes dos Estados.

Espalhados pelos salões do Clube, alguns divertiam-se. Achavam graça nos colegas mais novos, "entusiasmados como meninos de colégio". Outros, um pouco alheios, confessaram que nem conheciam o nome dos três candidatos. Terceiros, queixavam-se de que tinham perdido o dia. Um, a quem indagamos a opinião sobre tudo aquilo disse-nos, em tom de confissão: "meu caro, isso tudo é saudade de eleição; nos clubes de futebol é a mesma coisa..."

Neste clima desenrolou-se a votação, de 12,30 às 20,30, comparecendo um total de 802 associados. À mesa, sentaram-se o sr. João Gualberto Marques Porto, presidente interino, sr. Saturnino de Brito Filho e sr. Mário de Sousa. Finalmente, às duas horas da madrugada do dia seguinte findou a apuração dos votos da eleição para a diretoria, com a vitória da candidatura Edson Passos por 411 votos, contra 186 obtidos pelo sr. Jurandir Pires Ferreira e 146 do sr. Eugênio Gudín.

As fotografias desta página mostram aspectos do pleito.



Antes do pleito os associados deviam receber o visto na carteira. Devido ao grande número de pessoas, foi um instante de atropelo e de confusão.



Trocando ideias sobre a eleição, aí vemos os dres. Raja Gabaglia, Gustavo Lutz, Philápio Corqueira Rodrigues, Joaquim Caktramby.



Engenheiro Jurandir Pires Ferreira, entre colegas, aguardando os acontecimentos.



O presidente interino, engenheiro Marques Porto, no momento em que assinava o livro da eleição.



Distinguiu-se particularmente nos debates o sr. Mauricio Joppert da Silva. Nesta fotografia ele aparece quando apresentava uma proposta à mesa.



A fotografia acima dá uma idéia bem eloquente do que foi a eleição no C. E.; um pleito movimentado e barulhento...



Dr. Antonio Mollica, primeiro eleitor que depositou a cédula na urna.



Nota de arte

IRA ARI E OS SEUS BAILADOS BRASILEIROS

Ira Ari é uma artista polonesa que chegou até nós, batida pela tormenta totalitária.

Assim como existem os mártires políticos, sofredores, heroicos e obstinados, também vivem e sofrem, por todos os recantos do mundo, os artistas da terra de Chopin: os criadores de grandes ritmos, os escritores, os poetas e as estranhas bailarinas.

Ira Ari é uma dessas criaturas. Nascida às margens do rio Dnieper, ainda pequena rumou para Varsóvia, onde recebeu educação artística. Os seus ritmos se espalharam e a sua dança traçou ângulos vivos e indeléveis no coração do povo polonês por toda a Europa.

Depois... as botas de Hitler esmagaram o território da Polónia, enquanto os Stukas, do alto, despejavam bombas sobre os hospitais e as crianças inermes.

Ira Ari alistou-se como enfermeira. Deixou temporariamente a dança para atender a seus irmãos. Quando a Polónia foi amordaçada definitivamente, sentiu um grande vazio. A sua arte era incompatível com a violência, a escravidão.

Peregrinou pela Europa. A Europa era um caos e Ira Ari não podia continuar distante dos seus ritmos, daquela chama interior que era o motivo de sua vida, do seu destino.

Finalmente, os seus pés encontraram novos espaços. Os palcos brasileiros se abriram e a notável artista passou a enchê-los com os ritmos da nossa arte. Da arte que Ira Ari vive agora, na exaltação de uma vida livre, dedicada ao mundo largo e belo que os seus bailados estranhos crearam.

Ira Ari apreendeu e aprofundou-se nos motivos brasileiros. Escolheu moças inteligentes, despertando-lhes a vocação, e agora a vemos em pleno triunfo, com o seu "ballet" nacional, interpretando admiravelmente motivos indígenas do Brasil.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSÁRIOS :

20 Senhoritas: Genny Guimarães Machado, Maria José Dias Martins, Maria Monte Serrat de Almeida, Dalila Prata; senhoras: d. Zita Viana de Sá Pereira, d. Luciana Ruffier, d. Lina Príncipe da Silva, d. Marília Fontes de Almeida Portugal, esposa do dr. Almeida Portugal.

21 Senhoras: d. Mar'a Isabel Vernieri de Castro, d. Elvira Marchesane, esposa do sr. Humberto Marchesane; senhores: Waldemar de Oliveira Paulo, sócio proprietário e membro do Conselho Administrativo do Tijuca T. C.; coronel Ernani Augusto Corrêa; tenente-coronel Artur Joaquim Pau iro; tenente-coronel Edgar do Amaral; dr. Sabino Teodoro; o escritor Bérilo Neves, nosso colaborador; o jornalista Barros Vidal.

22 Senhoritas: Helena Maria, filha do dr. Henrique Waldemar de Brito Cunha; Cleonice Daudt,

filha do sr. Francisco Daudt e de d. Alda Daudt; senhora d. Dina Soares Brandão, esposa do dr. Aldo Brandão, médico da Central do Brasil; d. Belkiss Darcy Sparano, esposa do dr. Luiz Sparano; senhores: dr. Manoel Paulo Filho, jornalista e ex-deputado federal pela Baía; dr. Antonio da Veiga Faria; dr. Plácido Teixeira de Melo Moraes; dr. Azevedo Lima; coronel Orozimbo Martins Pereira; dr. Antonio de Paula Chaves.

23 Senhoras: d. Maria José Alvarenga Peixoto; d. Maria Botafogo do Rio Branco, esposa do ministro Gastão do Rio Branco; d. Amélia de Rezende Martins, esposa do dr. João de Assis Lopes Martins; senhores: dr. José Rodrigues Barbosa Filho; dr. Gilberto da Silva Porto; almirante Alvaro Rodrigues de Vasconcelos; dr. Gomes de Paiva Filho; dr. Carlos Niemeyer; tenente-coronel Francisco Agra Lacerda de Almeida; comandante Gerson Macedo Soares; tenente Augusto Scherer Ferreira.

24 Senhores: escritor Olegário Mariano, da Academia Brasileira; dr. Demétrio Xavier; dr. Alfredo Regulo Valdetaro, diretor geral do Tesouro, aposentado; jornalista Asdrubal Cardoso.

25 Senhora d. Julieta de Andrade Pinto Jataí, esposa do dr. Pedro Gusmão Jataí. Senhores: Ministro Zacarias de Gois Carvalho; dr. Miranda Rosa, nosso colega de imprensa.

26 Senhores: comendador Manoel Thedim Lobo; professor Alvaro Frois da Fonseca; dr. Alexandre Soares de Mel, diretor geral do Ministério da Justiça, aposentado; Henrique Moreira Corrêa.

RICARDO ODNOPOSOFF NAS "ONDAS MUSICAIS"

Ricardo Odnoposoff, artista de tensor de grande renome perante as plateias da Europa e das Americas, está atuando no corrente mês de Março, nas Ondas Musicais, conceituados programas radiofônicos patrocinados pela Cia. de Carris, Luz e Força do Rio de Janeiro, Ltda.

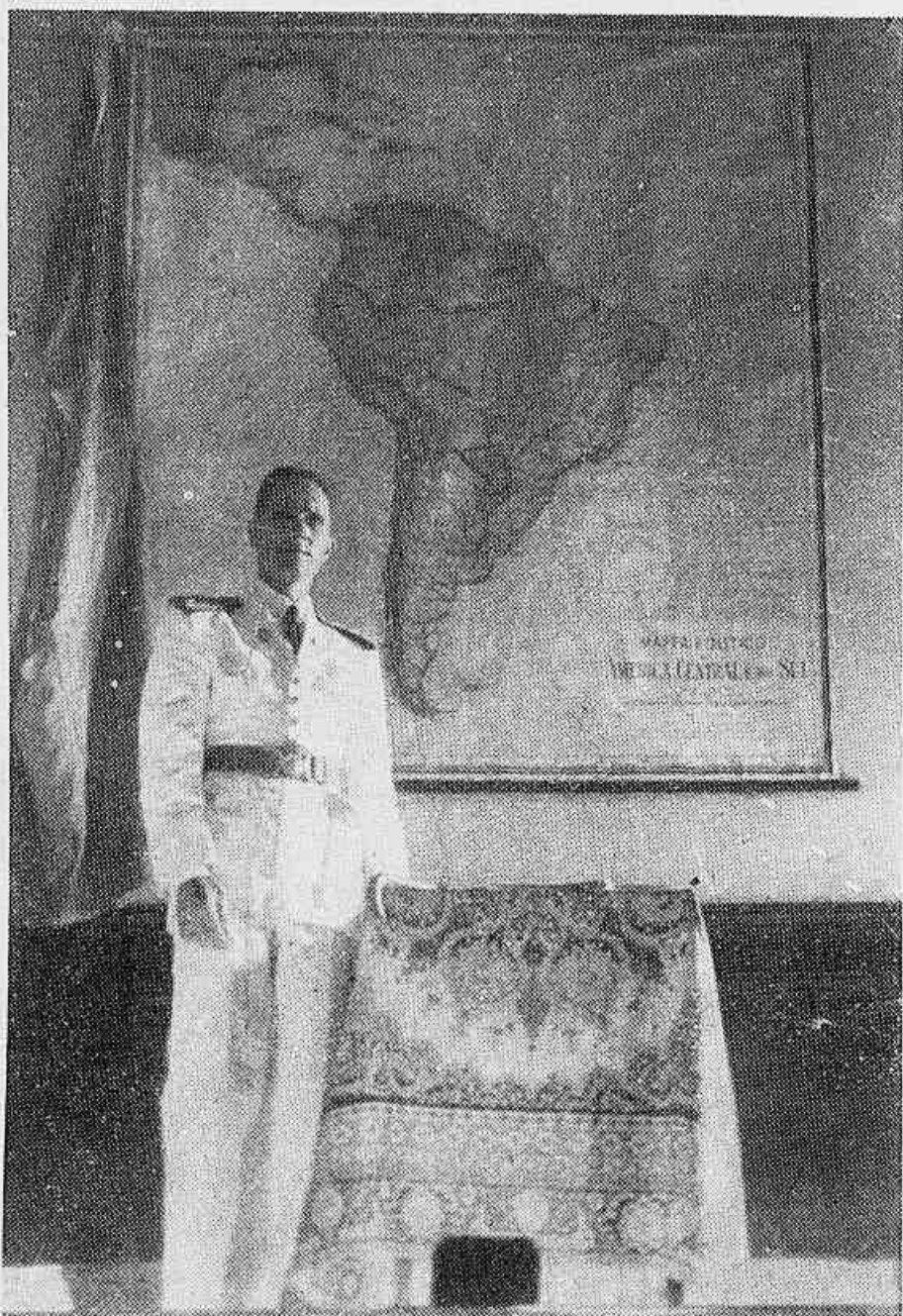
O insigne violinista argentino, que cursou com o maior brilhantismo a famosa



Ricardo Odnoposoff

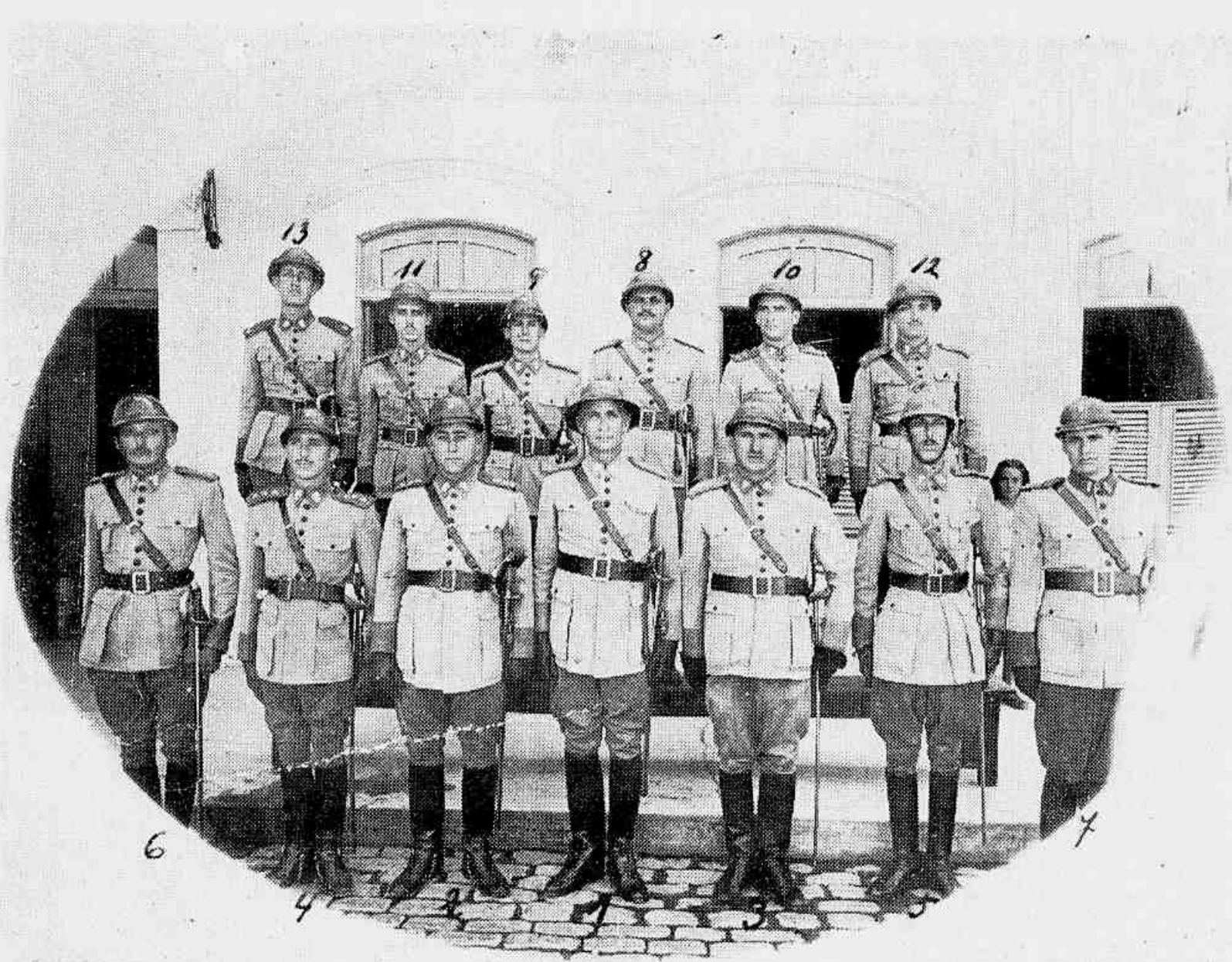
escola de Carl Flesch, e que obteve dois grandes premios em concursos internacionais, realizados em Viena e Bruxelas, acaba de efetuar uma excursão ao Prata, onde logrou magnifico sucesso.

Vida Intellectual nos Quartéis

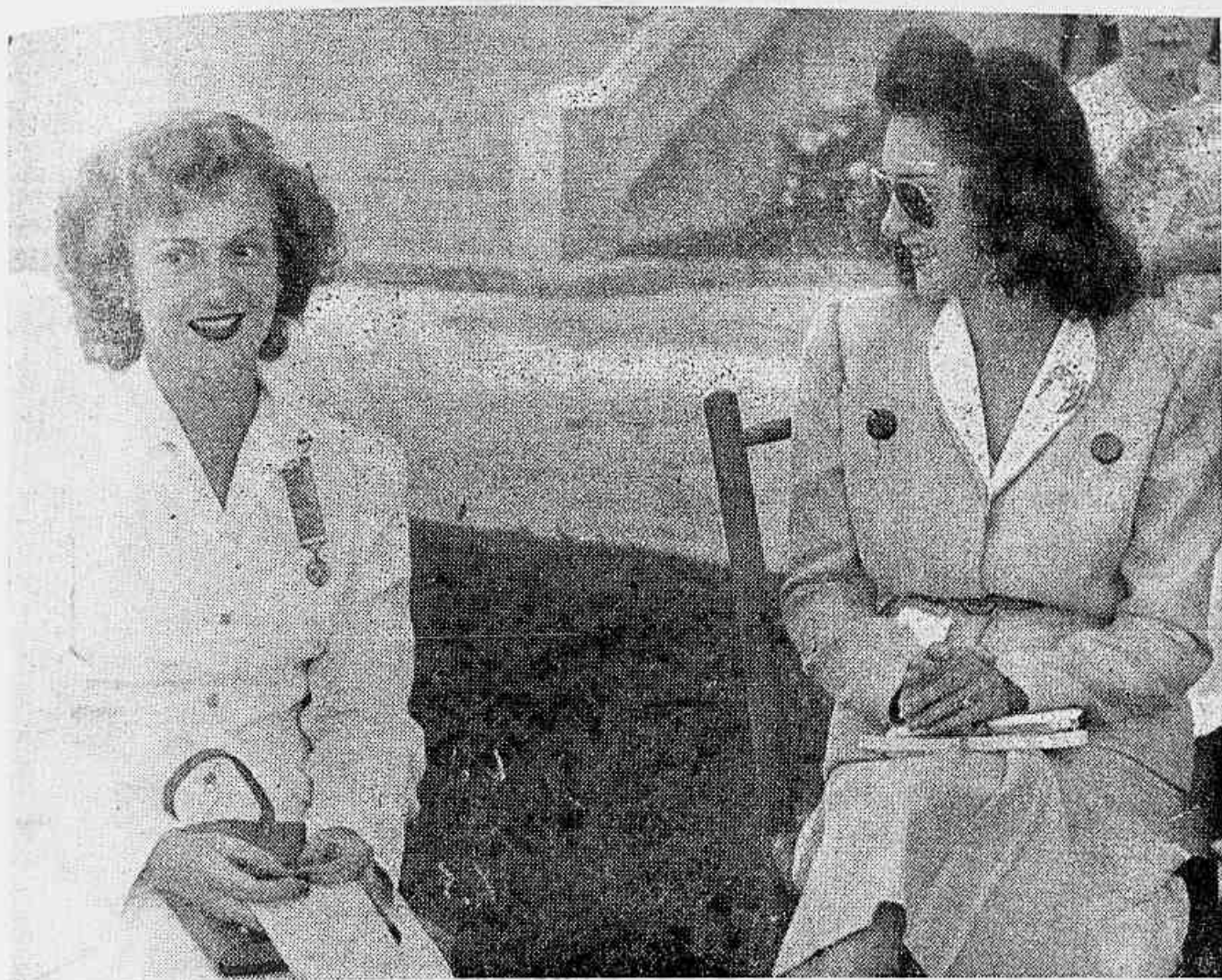


Flagrante colhido após a conferencia de cultura geral que o capitão Venturelli Sobrinho, intellectual patricio, por designação oficial do coronel Comandante do 8.º Regimento de Artilharia Montada, realizou recentemente no "Cine Gloria" de Pouso Alegre, sob o titulo de "Vida Amazonica", nos seus multiplos aspectos, fisiográficos, potamográficos, economicos, militares, lendários, etc.

Ecos do Centenario de Taunay

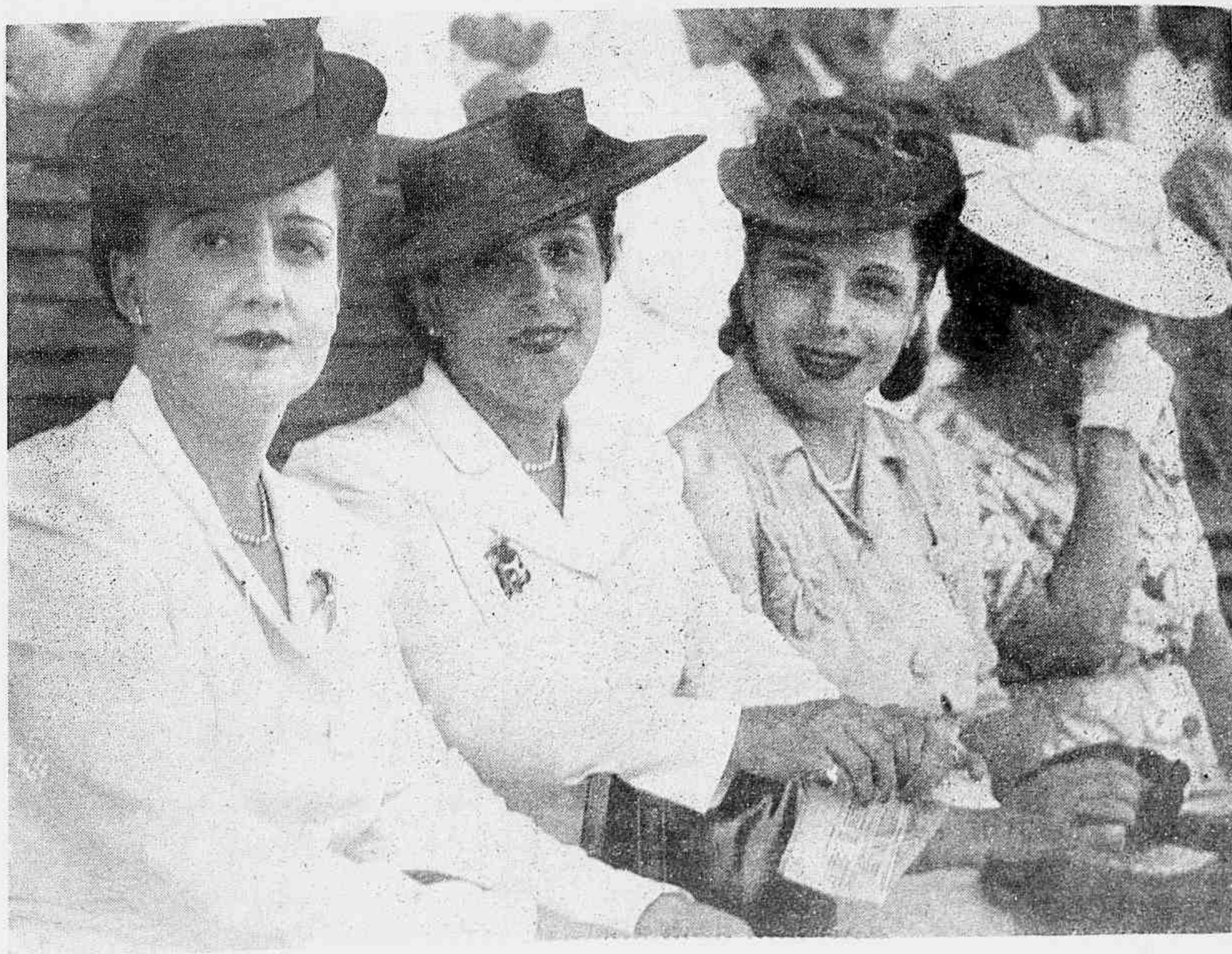


O 1.º Grupo de Artilharia de Costa e Fortaleza de Santa Cruz comemorou o centenario do Visconde de Taunay, com expressivas cerimoniaes militares, realizadas no interior do quartel e uma conferencia sobre a personalidade do grande brasileiro, proaunciada pelo 1.º tenente Leobaldo Rodrigues de Carvalho. Esta fotografia representa a actual officialidade do Grupo, a saber: — 1 — Ten. Cel. Osvaldo Nunes dos Santos, Comte.; 2 — Maj. Manoel da Nobrega, Sub-Com. e Fiscal Adm.; 3 — Cap. Mauricio Kicis, Ajte.; 4 — Cap. Plinio d. Azevedo, Comte. da 2a. Bia.; 5 — Cap. Sá Nogueira, Comte. da 1a. Bia.; 6 — 1º Ten. Leobaldo Rodrigues de Carvalho, farmaceutico e bibliotecario; 7 — 1º Tenente Gilberto Pacheco, Médico; 8 — 1º Ten. Ewaldo Ramos, Tesoureiro; 9 — 1º Ten. Otto de Oliveira, subalterno da 2a. Bia.; 10 — 1º Ten. Osvaldo Ebcken, subalterno da 1a. Bia.; 11 — 2º Ten. Fernando Penna, subalterno da 2a. Bia.; 12 — 2º Ten. Jayme Junqueira Drummond, subalterno da 2a. Bia.; 13 — 2º Ten. Jorge Punzini, subalterno da 2a. Bateria.



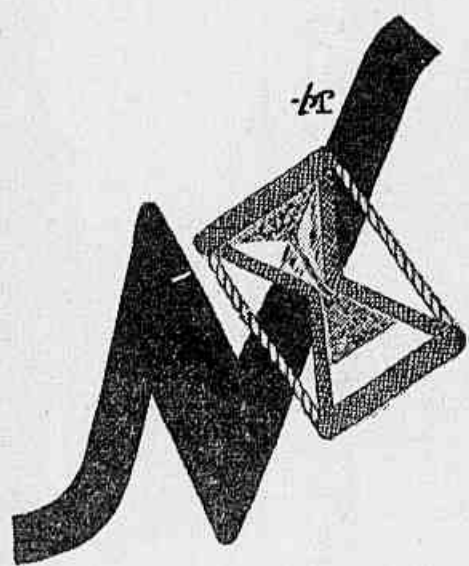
JOCKEY CLUB MUNDANO

Foi grande a afluência de elementos destacados da sociedade carioca no Hipódromo da Cávca no último domingo. A atenção geral convergia para a prova que servia de estréia para a nova geração de potros nacionais. Confirmando a expectativa geral, venceu-a «Gállo», em belíssima performance. São da tarde esportiva de domingo último os instantes aqui reproduzidos.



A Lição da Morte

Por SEBASTIÃO FERNANDES



NUNCA mais pude esquecer uma passagem do livro *Classe 1902*, de Glaser. Era um período da guerra, um rapaz seguia por uma vila, quando apareceu um aeroplano de bombardeio. Rapidamente, atirase por terra para evitar possíveis consequências, e, com a cara voltada para o chão, vê, num montículo de areia numa displicência construtiva, uma formiguinha carregando uma folha. Tudo se arrebatando, tudo morrendo e desaparecendo, e aquela formiguinha trabalhando, prevenindo-se do inverno próximo...

Rolam astros e planetas pela imensidade de ao sabor de forças cósmicas completamente alheias aos homens, eternas formiguinhas, cheios de presunção construindo castelos inferiores aos dos atícos insetos. É assim, desde que o mundo é mundo, vivemos numa luta desesperada de construir e destruir como crianças que entre cânticos, risos e choros, armam as mais futeis caraminholas. Inventamos tanques e logo depois armas anti-tanques com a mesma insensatez com que preparamos venenos poderosíssimos para destruir os nossos semelhantes, numa desfaçatez de espantar, como se alguma coisa ainda nos espantasse. Os professores falam em trogloditas e continuam dando aulas de história da civilização...

Perde-se um tempo imenso com floreios inúteis enchendo a cabeça de jovens que deviam estar brincando no campo à sombra de árvores ainda não mutiladas pelos machados.

Em vez de estudos de marcha-a-ré da suposta civilização, devíamos e tadar a lei intranferível da morte, a lei fatal que nos faz apodrecer a carne. Desde a infância, devíamos receber lições de desencanto para não termos tanto egoísmo e tal apêgo a uma trajetória tão rápida e inquietante. Perdemos muito tempo com coisas frívolas, uma imensidade de estudos que nos prendem aos bancos escolares, na época em que a vida devia ser mais vivida sem a prisão dos horários e das canseiras de decorar História de povos que foram bárbaros e vivem repetindo a mesma canção...

Na juventude devíamos apreciar mais a natureza com todo o esplendor e não ficarmos decorando verdades e mentiras que fatigam os olhos e a memória. A mocidade é época preciosa que não volta nunca e jamais poderá ser imitada. Devíamos aprender nos ginásios o desinteresse do poder para não sermos depois assim apegados à vida, na luta idêntica à dos seres primitivos. Todas as religiões e todas as filosofias não puderam abrandar no ser pensante o excesso de animalidade que transparece no menor gesto e na mínima ação. A capacidade para a guerra de alguns povos é o sintoma perfeito da vitória da matéria sobre o espírito. Tudo se constrói, mas também tudo se destrói no mais espantoso desrespeito pelas coisas do bem. A vida é morrer, bem sabemos. Toda a existência se resume em desaparecer. Mas somos erradamente educados no desejo de ficar para sempre, incapazes de raciocinar sobre a pequenez de nossa permanência nesse envoltório tão fácil de apodrecer, e teimando em prolongar o efêmero, procuramos meios de eliminarmos mais depressa os semelhantes. E quando alguém desaparece vem a lamúria dos que estão apegados à carne e se batem e choram pelo que foi. Aos que ficam, aos inconsoláveis, de novo, a luta de toda espécie para demorar mais um minuto em ansiedade e aflição de toda espécie.

A guerra veio avivar em nós a esquecida noção que tínhamos da vida: a guerra veio mostrar que a vida não vale nada. Por isso é que o conceito da morte deve ser modificado. Aliás as contingências de momento é que nos fazem apreciar os fatos. Reparem como os doentes dão um valor incalculável ao minuto que passa porque estão na cama medindo com mais vagar a vida que foge. Na época de paz, o sentido da morte quase passa despercebido; no entanto sempre todos os nossos passos são para a morte e em vão nos debatemos para fugir apavorados do inexorável.

Por herança ou educação errada, tememos a transformação da

matéria. Povo tão sábio, os gregos punham máscaras nos defuntos, tudo perfumavam na câmara ardente e só realizavam enterros durante a noite para que a cidade sempre jovial não fosse perturbada. Sendo a morte uma solução definitiva, inapelável, vivemos a combatê-la eternamente, eternamente apavorados. Lutamos contra ela como lutamos contra o animal que dorme dentro de nós. O animal vence sempre provocando os choques guerreiros. Sabemos que nossa carne se transformará em seiva fecunda e os poetas aproveitam sempre êsse motivo para poesias mais ou menos metafísicas; mas, saindo da literatura, todos se mostram horrorizados mesmo da transubstanciação própria em lírios ou borboletas.

Vivendo e sentindo falamos no "*Vale de lágrimas*" mas ninguém quer fugir dele. Gozamos ou sofremos e principalmente odiamos, mas sempre tratando da carne com um cuidado de planta delicada e procurando o mais possível sobreviver. Supomos que só as rosas vivem o espaço dum dia e com uma simples rajada de vento se desfolham e vivemos inventando rajadas de metralhadoras para vivermos menos do que uma rosa...

Vivemos e ansiamos por uma seleção do agradável, e acabamos inventando túmulos enfeitados. Fazer duma campa, não um lugar para recolhimento mas um monumento de arte, para luxo e vaidade eis ao que nos levaram tantos séculos de doutrinas filosóficas. Render culto aos mortos, é herança constante dos antepassados, e tanto sabemos de nossa fraca memória que inventamos toda espécie de monumentos chegando à simples placa da rua, confiando que os outros farão o mesmo conosco.

Não aceitando a idéia de morte, apegamo-nos a tudo que for perpetuação da vida.

Quando doentes, teimamos em não morrer num apêgo desesperado ao fio de vida, num horror a "passar para o outro lado". A teimosia de ficar...

Desde crianças nos educam mal no medo à alma-do-outro-mundo que não é mais nem menos que o pavor à morte. Indaguemos dos conhecidos a opinião quasi unanime de repulsa a enterros, fazer-se presente em câmara ardente, visitar moribundos... Junta-se a isso a idéia de nos vestirmos de preto para mostrar que perdemos parentes, e, por isso, a dor deve ser não um sentimento dos mais íntimos, mas a vaidade duma roupa, a ostentação de vestuários exageradamente vaidosos.

Nem o consolo de sermos lembrados podemos ter, porque tudo passa. De nada vale a cautela de deixarmos um traço sobre a terra porque a pátina do tempo desfaz todos os vestígios. As estátuas rolam por terra, porque sobre elas também cairão as árvores e nossos filhos. Tudo passa. De nada valerá a vaidade.

Até temos a presunção de sermos vivos, quando algumas religiões fazem de nós simples sombras, pois outra é a vida.

Nada sabemos quando entramos no verdadeiro reino da vida e gostamos de doutrinar, criar escolas filosóficas, marcar direções como verdadeiros senhores de destinos.

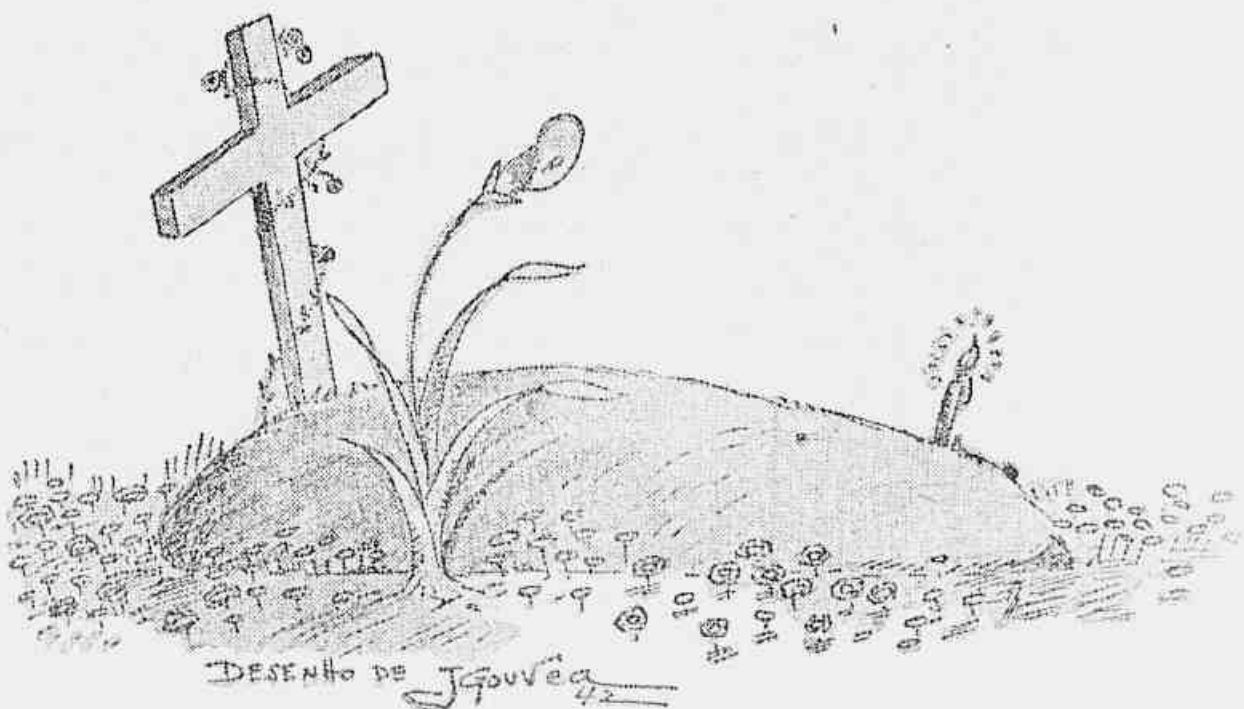
A imaginação humana é que concorre muito para essa fabricação de mundos e classificações de sombras.

O poder humano é fácil e fértil em destruir vidas, mas jamais conseguiu elementos para fazer ressuscitar.

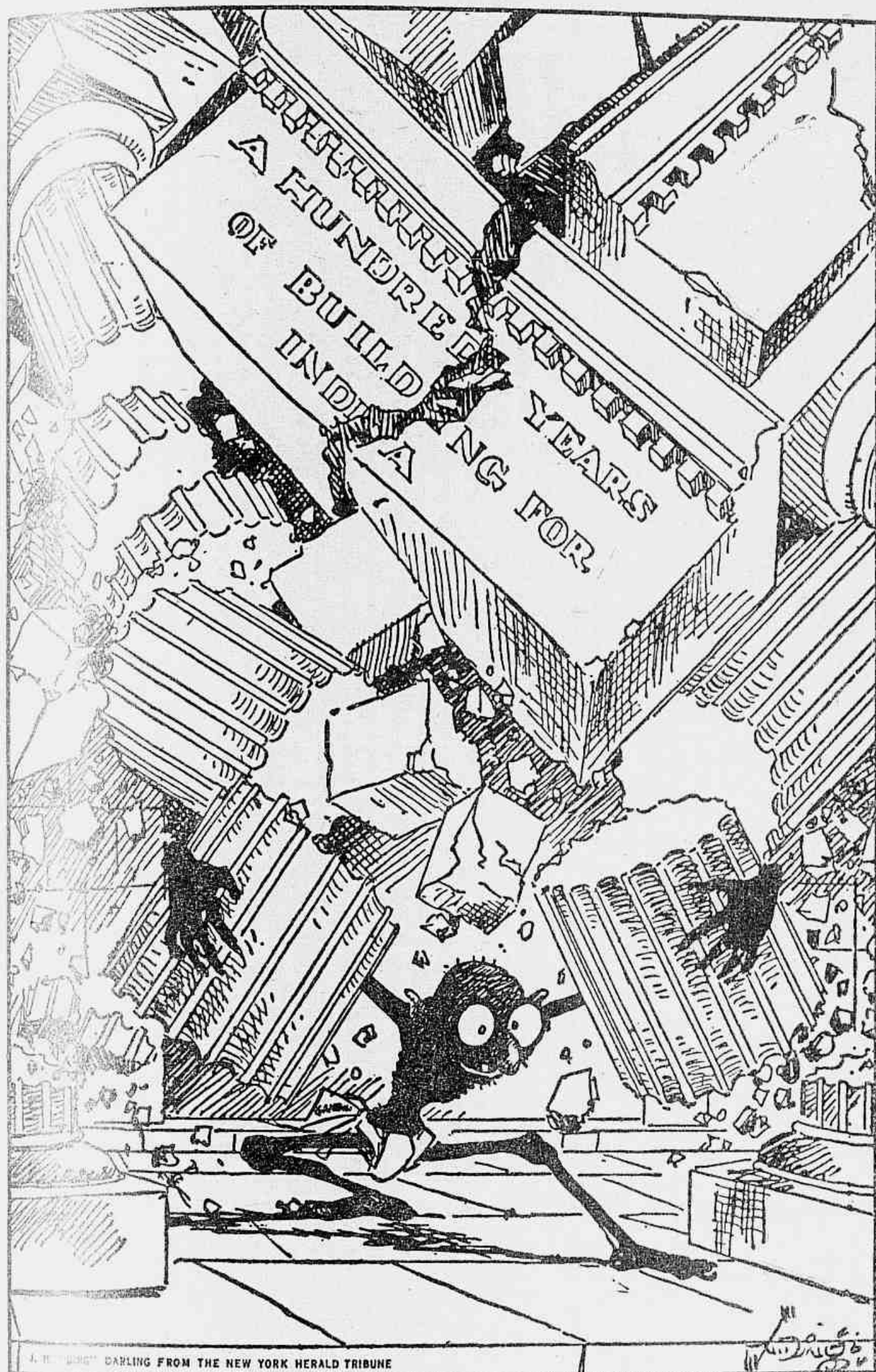
E cheios de poder e ostentação, ao perdermos nossos entes queridos, podemos chorar e nos desfazermos em súplicas, porque aquele ser nunca mais volta como no *refrain* do corvo de Põe.

Vivemos temendo um simples resfriado e vamos cantando para as lutas de morte. Pretendemos vencer o tempo, e vivemos cortando a vida de nossos semelhantes. Falamos em amor, ao som de clarins de destruição. Sonhamos com a felicidade sem sabermos onde ela está. Afinal a vida é a sombra, o verme, o grão de areia, ou aquele pássaro que está cantando preso na gaiola?

Num momento de intranquilidade, vivemos esmagados pelo fardo da vida incerta, onde milhares estão pisados por invasores bárbaros, esperando como libertação a morte, mostrando que o mundo é mau. A minoria que ainda recebe o bafejo da paz e tranqüilidade não impede a regra geral de desbarato. Devíamos ser educados para não encararmos como uma visita importuna, um ato macabro, uma coisa feia. Um simples abandono da carne, em vez da tragédia inenarrável como a pintam os sentimentalistas.



Os caricaturistas americanos atacam o maior homem da Índia



O Sansão da Índia, por "Ding" Darling, para o New York Herald Tribune.

atacam o maior homem da Índia

A propósito dos últimos episódios da campanha de Gandhi contra os ingleses, os caricaturistas americanos puseram o Mahatma no caminho da amargura.

Comentando essa "blitzkrieg" dos jornalistas patricios, LIFE, a grande revista dos E. Unidos, comenta que os artistas do lapis da terra de tio Sam estão equivocados ao tratar os problemas da Índia como se fossem problemas americanos, sem levarem em conta as características fundamentais dos milhões de habitantes da grande comunidade oriental. Além disso, ressalta aquele magazine que é preciso não esquecer que os japoneses estão batendo á porta da Índia, há muito tempo.

As caricaturas mais expressivas da aludida campanha figuram nesta página, aparecendo nelas o Mahatma indiano como um louco, alheio aos perigos da infiltração e do domínio nazista.



Um leve descuido no plano de Gandhi, por Crawford, para o Newark Evening News.



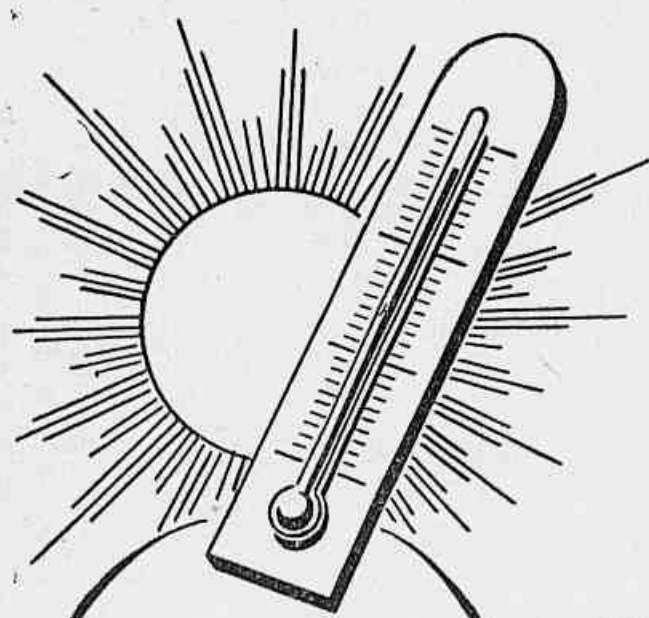
...é que está sendo encantado?
Talbert, para o Pittsburgh Press.



Heil, Santol — por Bart R.
Thomas, para o Detroit News.



Que dentes grandes você tem! —
De Ray, para o Kansas City Star.



Para os dias
de calor,

Regina



TARQUINO



Constitue novidade no momento, misturar tecidos lisos com outro, de tom claro, com pintura feita à mão.

No "cliché" que aqui aparece o modelo de Tina Leser traz um "ensemble" preto de "rayonne" composto de — "short", saia e bolero, combinados com linda blusa branca pintada à mão.

As tintas são apropriadas para ser passadas nãgua... A maneira de fazer essa pintura requer mão leve e certa prática.

Com o motivo que aqui reproduzimos em tamanho natural poderão as leitoras aplicar em vestidos completos, dispondo, aqui e ali, o que enriquecerá qualquer tecido.

Prestam-se muito para ampliar a idéia ramos de "coquelicots" em que se unem espiguinhas de trigo e flores silvestres.

A leitora poderá improvisar também lenços para cobrir os cabelos, lenços para fazer blusas, lenços para fazer casaquinhos...





Para diversas horas

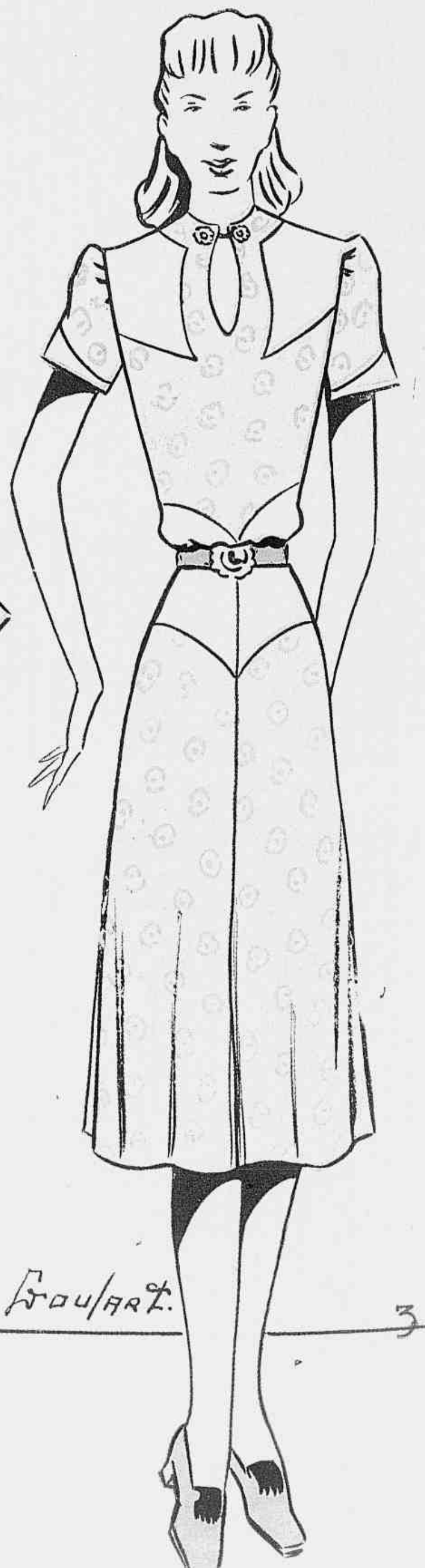
Neste serie da lindas fotografias, a leitora encontra alguns dos mais elegantes e modernos modelos, para soirée, casamento e para as horas de intimidade, como é o precioso "dés-habillé" do alto da pagina á esquerda.

PARA OS DIAS

Com o "struggle for life", que a todos impulsiona, cumpre adaptar a nossa indumentária com modelos e tecidos que se prestem a vários fins, como sejam: compras, trabalho, visitas, esporte, enfim, para qualquer eventualidade. Aqui vão algumas sugestões:

1 — Costume de linho estampado — em branco e azul. Casaco com aplicação de tecido liso, formando pala. Cinto azul do mesmo tecido, pespontado. Fivela e botões fantasia.

2 — Vestido em "rayonne beige" rosado. Camiseta em "mousseline" crème. Cinto de veludo cor de morango, que reaparece no chapéu.



3 — Vestido de crepe estampado. Guarnece-se com tecido liso, formando "corselet" e pala. Sá'a em fôrma, pregueada. Gênero esportivo.

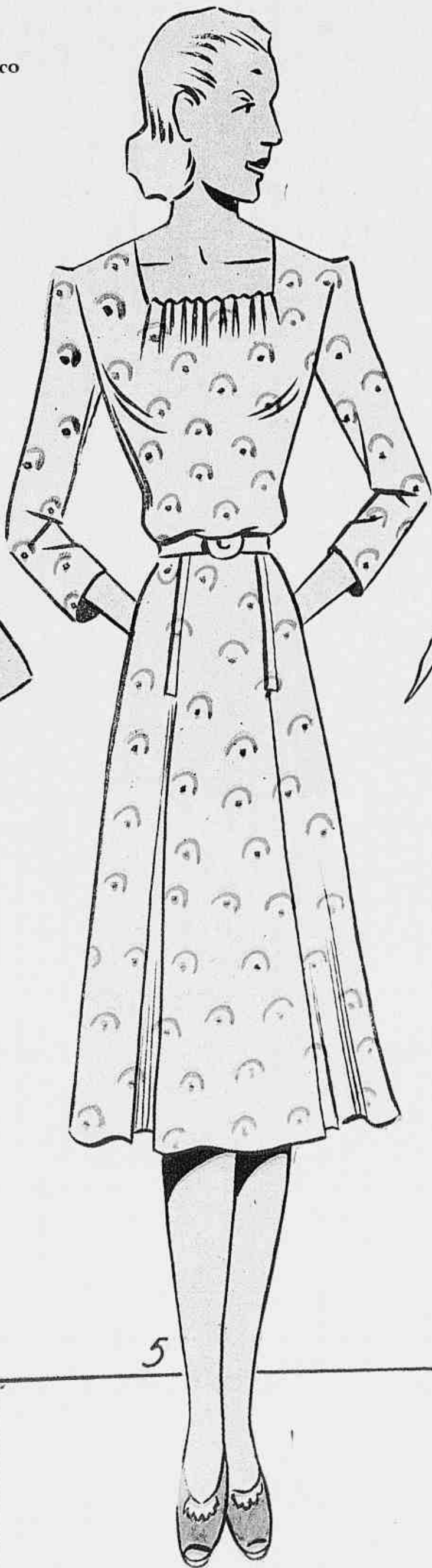
QUE CORREM

4 — Costume de linho branco. Casaco com atacadores em vermelho, que orna também a gola. Pódem ser vermelhas a carteira e o chapéu.

5 — Leve vestido de verão de linho estampado. Sáia em forma com grupo de plissados. Decote "à la vierge". Cinto em camurça de cor lisa, de preferencia no tom predominante dos desenhos.

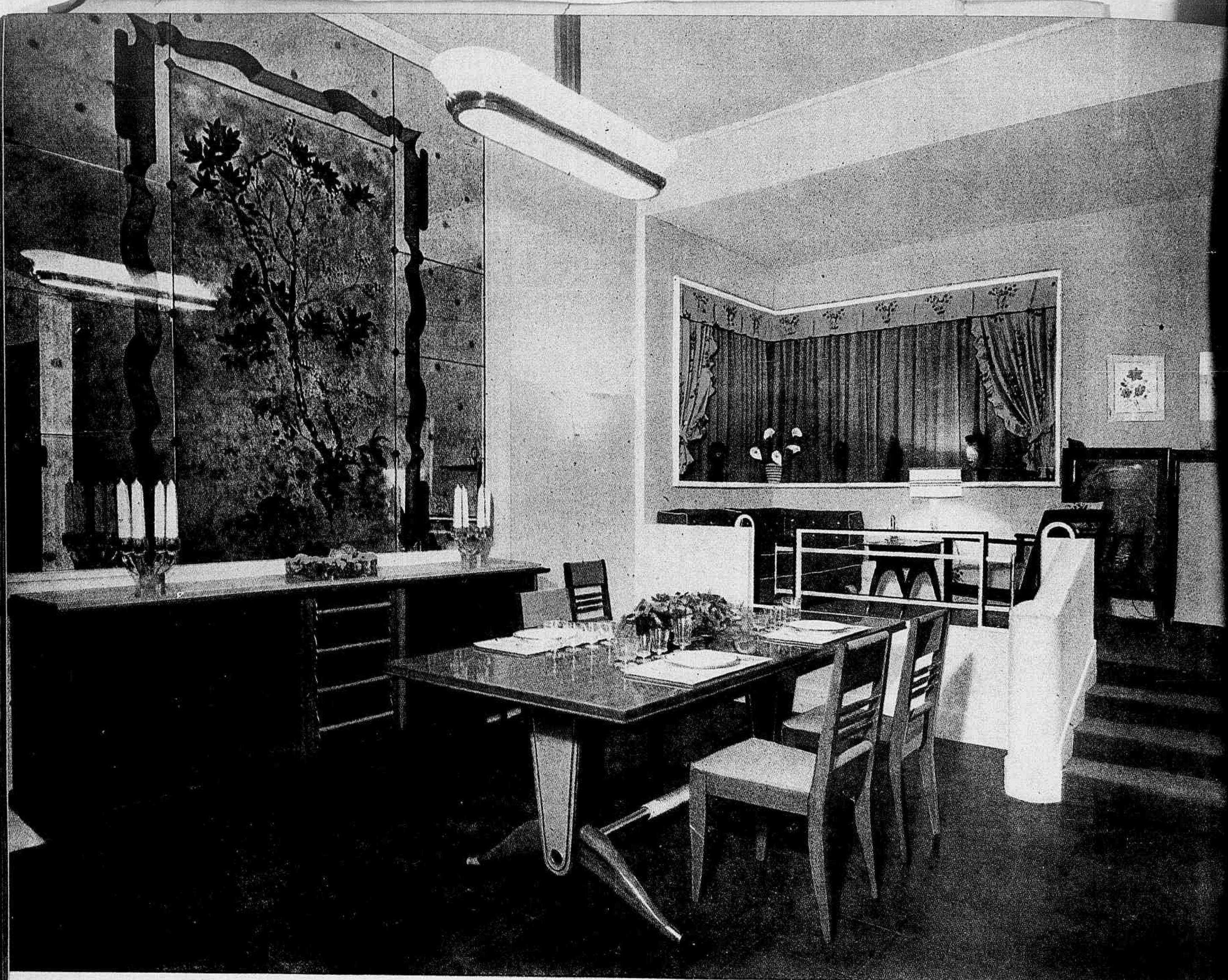
6 — Costume em xadrez largo. Sáia lisa. Casaco mais longo, observando a tendencia do momento.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



INSTITUTO ROENTGEN
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 — Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

Bonbons
VITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente as
melhores.



Sala de Jantar ---- “Fumoir”

UM conjunto destes é difícil de descrever, não só pela variedade das peças ou a originalidade do seu arranjo — como também porque o simples fato de se dar um nome a cada coisa ou, apenas, especificar-lhes os atributos poderia tirar-nos o prazer da sua contemplação.

E' o que geralmente acontece com as legendas das cenas cinematográficas que fazem perder o melhor da fita enquanto estamos lendo.

Basta olhar a gravura para avaliar os recursos técnicos com que o Decorador soube aproveitar e tirar partido dos menores detalhes da irregularidade da construção, disfarçando graciosamente a pequena janela do “fumoir” e, ao mesmo tempo, corrigindo a altura da parede sobre o “buffet”.

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 - RUA DA CARIOCA - 67
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



A VOGA DOS LENÇOS

Nunca foi tão grande, segundo parece, a voga dos lenços como adorno.

Com eles é possível transformar qualquer fisionomia, qualquer "toilette".

No comércio se encontra, atualmente, uma variedade infinita de grandes lenços, nos quais não surgem apenas flores do campo, mas ainda cenas típicas, emblemas de diferentes países.

Com um grande lenço de 80 cm. quadrados, podemos improvisar um coletinho para modificar um costume, fazer um fichu à Maria Antonietta, obter um turbante gracioso, ou ainda com ele substituir o chapéu, para abrigar-nos do sol, durante passeios ligeiros.

Um simples apanhado serve, como demonstra a bela figura do "cliché", para obter uma nota de irresistível graça...



ALVORADA NO CEU E NOS OLHOS...

A beleza matinal, a beleza permanente dos cílios, obtida com o uso continuado do Cilion, é muito diferente daquela falsa beleza dos cílios engomados e cobertos de tinta.

CILION fortalece a raiz do pelo e assim alonga, recurva e dá vitalidade aos cílios.

CILION combate caspas e terçóis.

Cilion

Um produto
MOURA BRASIL

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

Um lindo bolero

Frente esquerda

Com lan c6r de ferrugem tomar 102 m., tricotar em ponto tecido contrariado. No correr do trabalho: 1º — a 2 cm. de alto, começar a enviezar o bordo de baixo do braço, diminuindo 4 vezes 1 m. de 2 em 2 cm. de alto, 5 vezes 1 malha todos os 1 cm. 1/2; 2º — a 18 cm. de altura total, formar a cava, diminuindo de 2 em 2 carreiras; 16 m. 3 mm. 6 vezes 2 m., 7 vezes 1 m., depois 4 vezes 1 m. em todas as 4 carreiras; continuar em linha direita; 3º — quando a manga medir 12 cm. de alto, enviezar o bordo aumentando 3 vezes 1 m., todas os 1 cm. 1/2 de alto; mas 4º — a 32 cm. de altura total enviezar ligeiramente o bordo da gola, diminuindo 3 vezes 1 m. todos os 2 cm. de alto; 5º quando a cava tiver 17 cm. de alto ao todo, enviezar o ombro, diminuindo em 2 em 2 carreiras: 5 vezes 7 m., 2 vezes 8 m.

(5f) Executar a direita igual   esquerda.

COSTAS: Fazer 152 m., No correr do trabalho: 1º a 2 cm. de alto, começar a enviezar o bordo de baixo da manga, aumentando para cada 15 vezes 1 m., em todos os 1 cent. de alto; 2º a 18 cent. de alto, formar as cavas diminuindo de 2 em carreiras: 5 m., duas vezes 1 m. 13 vezes 1 m., continuando em linha direita; 3º quando, as cavas medirem 15 cm., de alto, enviezar cada ombro diminuindo em todas as 2s. carreiras: 5 vezes cada m., 10 vezes 3 malhas (30 m.) mais 30 m., diminuidas para cada uma, formar a gola diminuindo 18 m., no meio do trabalho, depois 5 vezes 2 malhas para arredondar de um lado.

MANGA ESQUERDA: Fazer 128 m. No correr do trabalho: 1º a 3 cm. de alto, começar a enviezar os bordos aumentando para cada de 7 em 7 vezes 1 m., todos os 1 cm. de alto; 2º a 11 cm. de altura total formando alto da manga, diminuindo as malhas 2 carreiras   direita e 2   esquerda do trabalho; para a volta da frente tirar 6 m., 2 vezes 3 m., 4 vezes 2 m., 40 vezes 2 malhas; para a curva de traz 4 vezes 2 malhas, 44 vezes 1 m., restam 30 m., diminui-las todas. A manga direita igual   esquerda, tendo cuidado para que as curvas fiquem de frente uma da outra.

Tem o bolero bolsos, o que   facultativo fazer ou não.

O bolero   completado por um "crochet" em torno.



Para o toque final...



Helena Rubinstein

recomenda

COLÔNIA FLOR DE MAÇÃ



D  ao seu corpo uma sensação de frescor e bem estar... Sinta-se agradavelmente perfumada com o aroma delicado e cativante de Colônia Flor de Maçã de Helena Rubinstein. Gostar  da sua preciosa fragrância e da aura romântica que lhe dará... Fl r de Maçã   uma necessidade para os dias de calor.

CASA CIRIO

Rua do Ouvidor, 181 — Rio de Janeiro

O que   util

A AGUA OXIGENADA   um desinfetante enérgico, completamente inofensivo. Misturada com água fervida e t pida se emprega na desinfecção e lavagem de feridas, ulceras, erupc  es.

Toda a espécie de verduras e frutas destinadas a serem comidas cruas devem ser lavadas com água potável   qual se adiciona cinco por cento de água oxigenada. Desse modo se destro m todos os microbios, causa frequente de numerosas enfermidades.

Durante o ver  o, o leite se conserva inalterável tendo a precaução de adicionar dois por cento de água oxigenada.

A  gua oxigenada   também empregada no curtimento de peles.

A CINZA DOS CIGARROS: Conservar a cinza dos cigarros numa caixa de ferro cromado. Utilizar essa cinza aplicando-a com um pano úmido em objetos cromados para dar-lhes brilho.

A BORRA DO CAFÉ: Serve para (adicionando um pouco dágua e vinagre) para limpar garrafas, vidros, crist is.

Quando o leite fica pr so no fundo da panela, passando um pouco de p  de café com um pano úmido, logo fica limpo o metal.

Dizem que a borra do café esparzida sobre um tap te manchado e depois de retirada com uma escova de raiz, desaparecem todas as manchas e fica renovado o tapete. E' receita a experimentar...

Numeros atrasados desta
Revista em Sergipe

PROCURAR A LIVRARIA REGINA

Rua Jo   Pessoa, 137 — Aracajú



VESTIDOS



DE BAILE

Os chamados vestidos de baile são hoje de extrema simplicidade aparente. Em Paris, donde nos vinha o "mot d'ordre", criadores de modelos — Lelong, Paquin, Schiaparelli recorriam, muitas vezes ao passado, estilizando crinolines, peplums, tunicas, dando novas aplicações aos brocados, tulles, veludos... Com a guerra, a Moda emigrou e que fazer no exílio? Adaptar-se às circunstâncias, simplificando-se.

Aqui o demonstra também o nosso desenhista, com os modelos apresentados.

Vestido em tulle rosa coral com súa muito ampla e longa. No corpete e na cintura em drapé "à bayadère", aparece preciosa renda de Malines bordada a fio de ouro.

Vestido de crepe da China (e por que não em renda negra?) com "volants" em forma de avental, estilo "empire", e grande laço aplicado atrás, na cintura.

Vestido em fino "jersey" branco com uma guarnição original, em três cores feitas em "lamé", formando xadrez. O mesmo "lamé" contorna o decote.

MÁSCARA DE LAMA RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

CREME DE MASSAGEM RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

TANAGRAN



Tônico sexual feminino. Astenia, fúria, memória fraca, insônia, tristeza sem motivo etc. Sempre aconselhado pelo médico
Dr. A. TEPEDINO
Em todas as Drogarias
TANAGRAN!



VEIAS DAS PERNAS

Tel. 42-7871. RUA DA QUITANDA, 36. 1.º — De 10 às 12 e 13 às 19 horas

As veias dilatadas ou salientes tiram a beleza e a elegância das pernas e predis põem a infecções (erisipela), úlceras, eczemas, edemas (inchagão) etc. INSTITUTO HELCO do Dr. JOAQUIM SANTOS, médico especialista, trata por processo próprio, sem repouso, sem dor e sem operação.

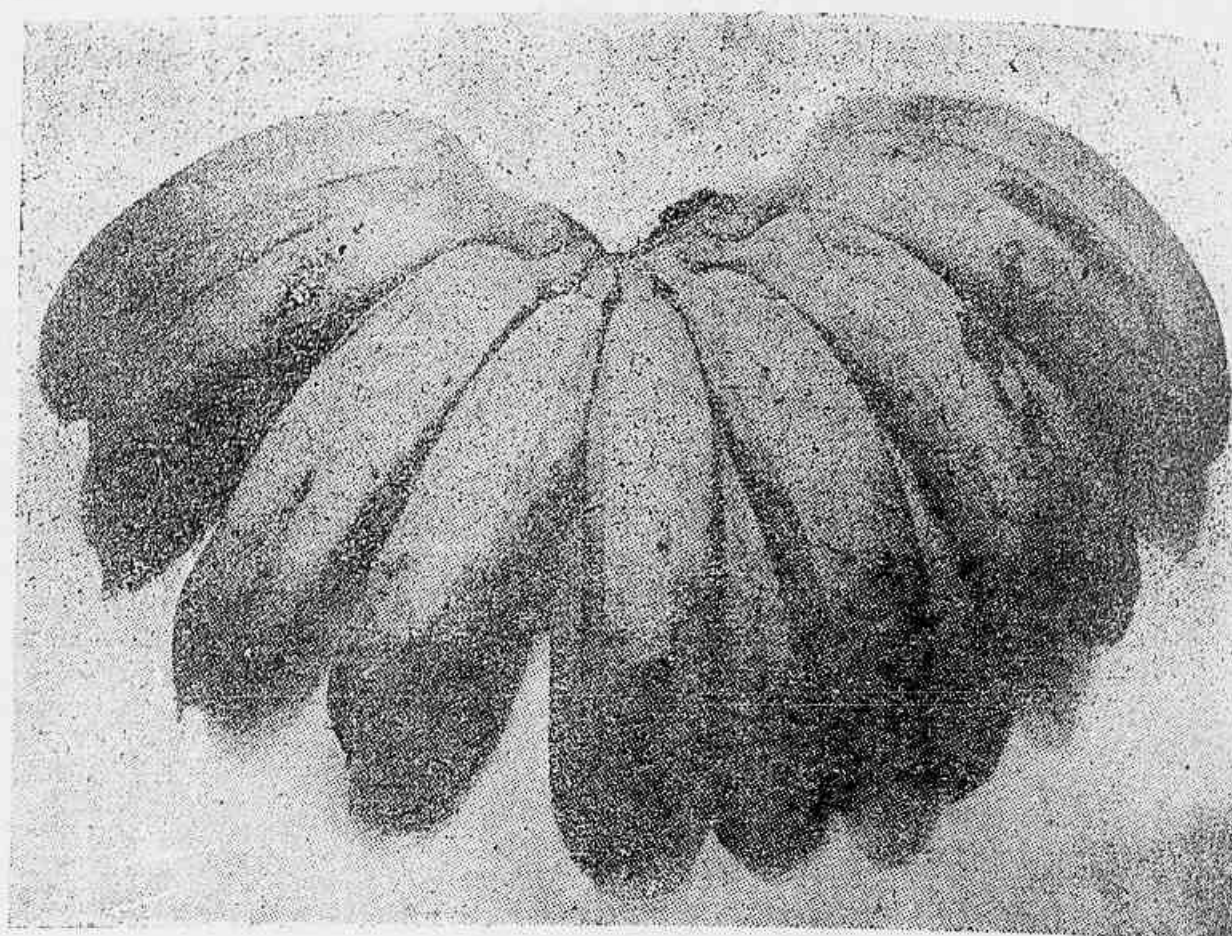
A Banana

FRUTA POPULAR

A bananeira — "*musa sapientum*" — pertence a uma prodigiosa família botânica. Planta de clima tropical e sub-tropical representa-se por muitas espécies, sub-espécies e variedades.

De origem desconhecida sabe-se ter sido cultivada na Índia há mais de 4000 anos e bem assim na Malásia e nas Filipinas.

Segundo alguns dos nossos botânicos, há no Brasil de trinta a quarenta variedades de bananeiras de frutos comestíveis. É a fruta mais popular, entre nós.



Banana — fruta popular.

"SUPER"

PARA AUMENTAR
O PÊSO
DOS BEBÊS
E CRIANÇAS
DESNUTRIDAS...



Eis a "super" nutritiva aveia Quaker Oats de grão integral

Dizem as mães: "Vocês precisam ver meu filho desde que comecei a dar-lhe todos os dias a Aveia Quaker Oats". A aveia Quaker Oats fortifica, dá saúde e nutre as crianças debilitadas. É uma fonte rica em energia alimentícia. Contendo 50% mais proteínas que muitos outros cereais, fortalece os tecidos orgânicos. A aveia Quaker Oats é ainda a fonte mais rica em Thiamina (vitamina B1), que a natureza fornece para um crescimento normal. A aveia Quaker Oats aumenta o peso e a estatura. É o alimento ideal para todas as crianças na fase do crescimento. Dê Quaker Oats a seus filhos para que fiquem mais saudáveis.



"SUPER" - porque é quente!

Numa investigação recente entre 142 dietéticos 136, ou sejam 95%, recomendaram um mingau quente na primeira refeição. Cozinhando a aveia Quaker Oats em água fervente, ao cabo de 2 minutos e 1/2 obtém-se o mingau indicado.

"SUPER" - econômico

Quaker Oats é um dos mais econômicos alimentos que se podem servir. É de fácil preparo e toda a gente aprecia o seu delicioso sabor. Compre hoje mesmo uma lata.

Há pessoas que às vezes se referem a aveias inferiores, chamando-as imprópriamente de Quaker. Só há uma aveia Quaker - a original e legítima - identificada sempre pelo nome e pela figura do Quaker. Rejeite substitutos.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.



A banana contém em igual peso, mais açúcar de fruta que qualquer outra. É pobre em albuminas, serve por isso para contrabalançar o regime carneo. Tem grande riqueza em sais de cálcio, magnésio, ferro. Provoca no organismo reação alcalina moderando ou neutralizando a acidose. É rica em vitaminas — A. B. C.

Consumida bem madura é de uma digestibilidade completa, o que se não dá quando verde, devido ao amido e certos ácidos, que só se transformam em açúcar com o amadurecimento da fruta.

Utilizada ao natural e em grande escala podemos considerá-la fruta eminentemente popular e ao alcance de todas as bolsas. O Brasil por seu clima e solo oferece magníficas condições para o aumento de sua produção, conquanto seja considerado um dos maiores produtores mundiais.

A banana tem inúmeras aplicações alimentares, entre outras: doces, sorvetes, tortas, geléias, passas, combinações com outras frutas como se dá com a famosa mescla com o cacáu a que denominam — "banania"; e em forma industrializada como farinhas, produtos medicinais, amido, vinho, vinagre, álcool, aguardente, etc.

Citemos agora algumas receitas experimentadas, das quais as leitoras poderão tirar proveito:

BANANADA: Tomam-se certa quantidade de bananas. Depois de cozidas são passadas em peneira e com igual quantidade de calda (o que se pôde calcular com uma qualquer medida) leva-se o doce ao fogo e dá-se o ponto.

CREME DE BANANAS: Batem-se 6 gemas com 6 colheres de açúcar e 1 colher de manteiga. Condiciona-se num prato que possa ir ao forno, 6 bananas bem maduras, cortadas longitudinalmente. As bananas são cobertas com o creme e levadas ao forno. Ao retirar do forno, deixa-se esfriar e cobre-se com claras batidas em neve (3 claras e 3 colheres de açúcar). Serve-se gelado.

Como variante, pôde-se fritar bananas em manteiga sob a forma de rodelinhas e mistura-se depois de fria com um creme de baunilha levemente adoçado. Gela-se e serve-se.

"BEIGNETS" DE BANANAS: Em massa de pastel leve, passam-se terços de bananas d'água, bem maduras, frita-se em manteiga e em fogo bem lento. Depois de prontos, ainda quentes, passa-se açúcar e canela e serve-se.

SORVETE DE BANANAS: 1 quilo de bananas bem maduras, adicionam-se 600 gramas de açúcar, passa-se em peneira e junta-se 1 litro de água tendo dissolvido 1 lata de leite condensado. Depois leva-se à geladeira.

Miss CAKE.

PENSAMENTOS

Ser feliz é ter vencido a inquietação da felicidade.

Não há senão uma coisa que não se transforma nunca em sofrimento: é o bem que fizemos.

Todo o vazio no coração ou na inteligência torna-se o reservatório de influências fatais.

Ser alegre não é ser feliz, e ser feliz nem sempre é ser alegre.

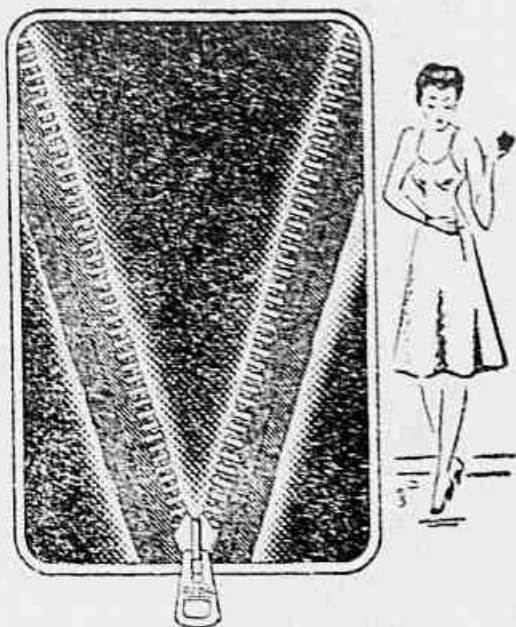
Não é sacrificando-se que a alma se torna maior; mas é tornando-se a maior que ela perde de vista o sacrifício, como o viajante que ascende perde de vista as flores do barranco.

Maeterlinck.

Para Crianças



Blusa em xadrez em dois tons de azul, saia em tussor vermelho, com duas pregas.



UM ZIP NACIONAL de absoluta CONFIANÇA!

REOR é o seu nome! E a sua qualidade corresponde em tudo à dos melhores zips estrangeiros. Fabricado com material inoxidável, REOR é resistente, rápido e seguro. E além disto, é apresentado numa característica variedade de tamanhos e modelos de estilos modernos e elegantes, que condizem com as mais finas confecções. Experimente-o no primeiro vestido que fizer. Ficará surpreendida com a segurança e qualidade que REOR oferece. Em tipos niquelados, dourados e esmaltados, inatacáveis pela soda do sabão comum.

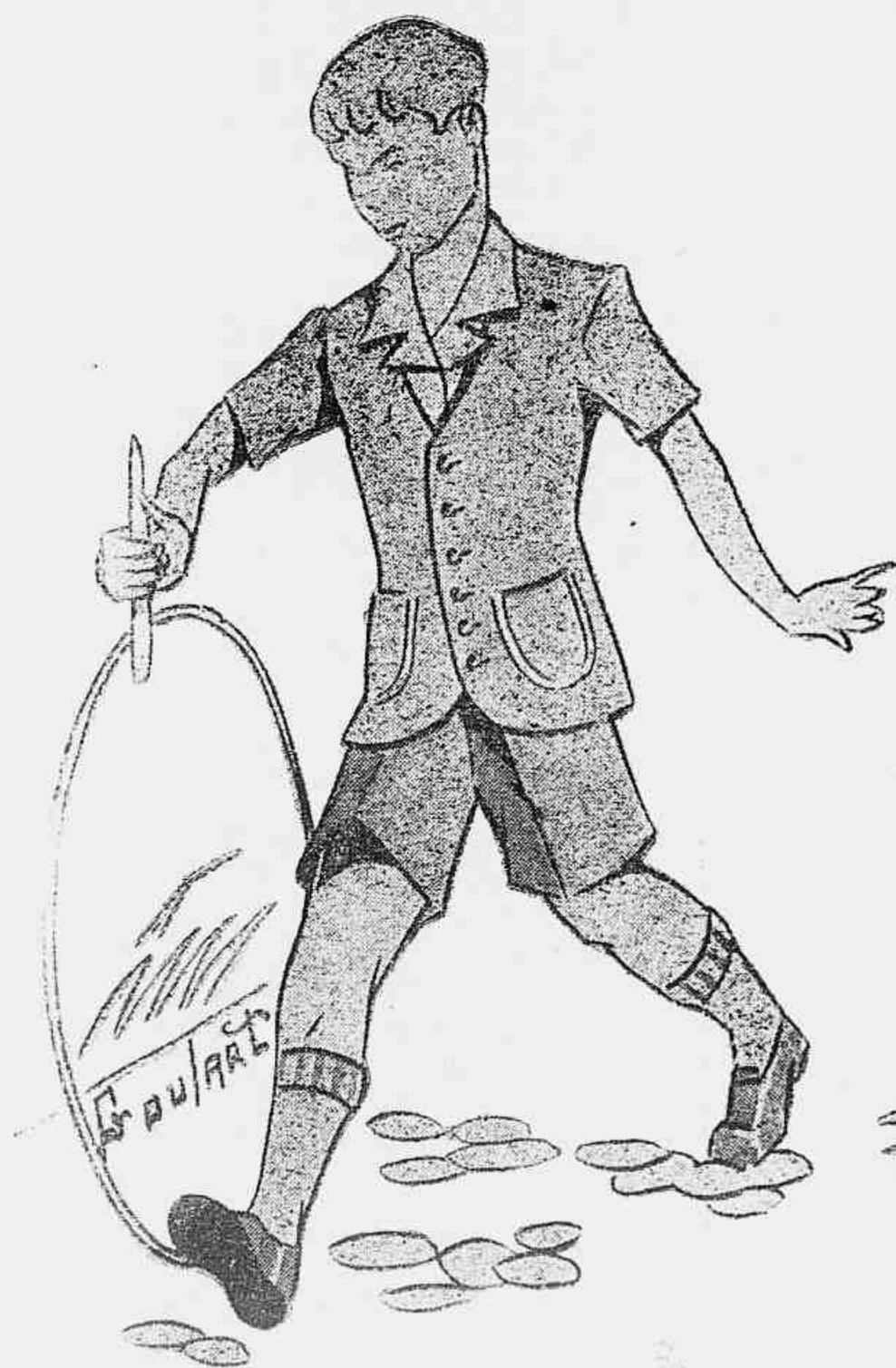
COMPANHIA BRASILEIRA DE METAIS



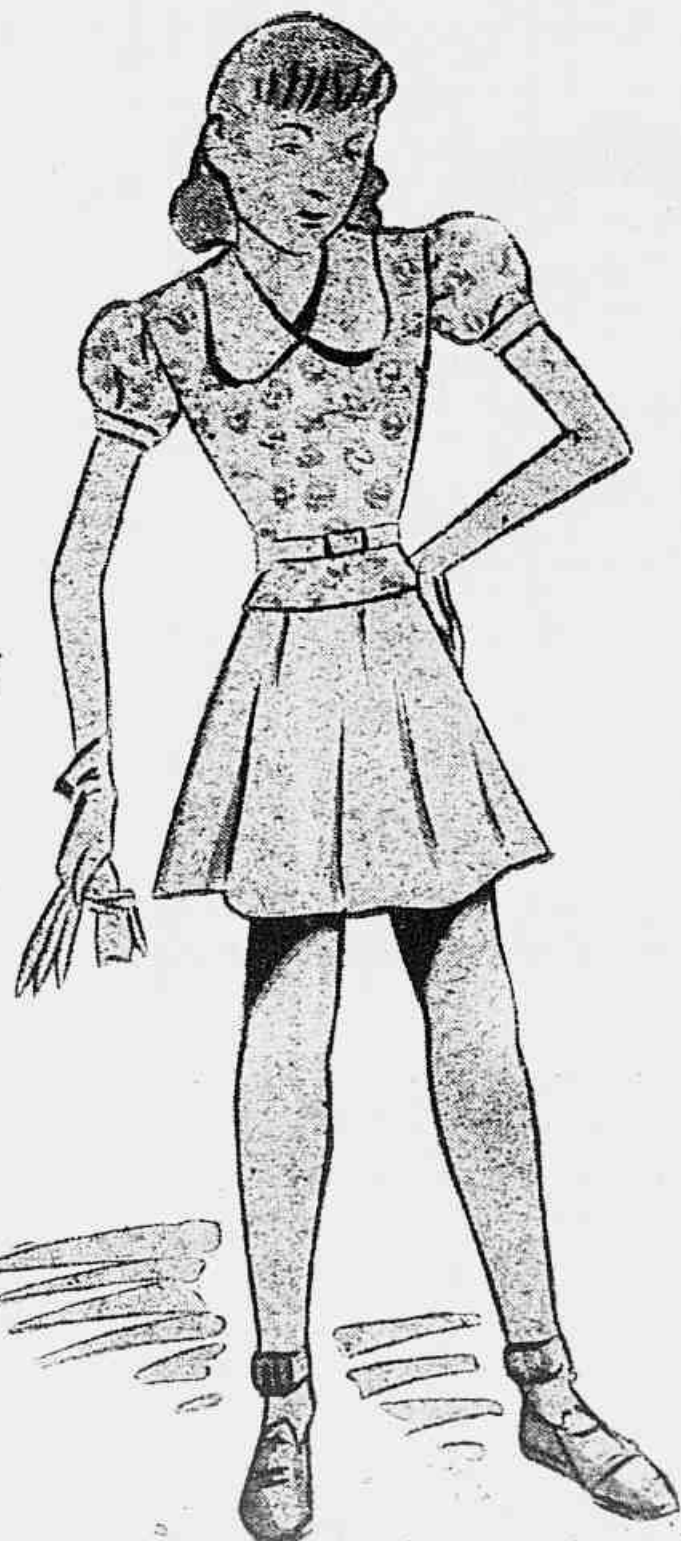
Crianças-borboletas em volteios fazendo esporte... E' o que vemos nesta página, com estas que se apresentam como modelos.



Leve vestidinho de "jersey" rosa pálido. Tiras azues bordadas a ponto de cruz em dois tons de azul.



Um terno que se diria feito em alfaiate, de tricoline cinza, deixando ver a camisa à marinheira.



Casaquinho de tussor estampado. Saia em fôrma.



Original bolero em tecido igual à saia, ornada de preguinhas em grupos, constituem este gracioso modelinho.



PARA ESCRITORIO

Os trabalhos femininos concorrem grandemente para o embelesamento do lar. Aqui temos, como demonstração, em dois acessórios, de utilidade num escritório, quanto a agulha, além de útil pôde ser artística.

Um "porta-papéis" feito de cartolina, revestido de tecido espesso e, finalmente, coberto por uma tira de canevas com um rico motivo persa bordado em ponto de cruz.

O canevas a escolher deve ser bege e as cores do bordado bem vibrantes e apropriadas. Completa-se o "porta-papéis" com um galão de "passamenterie" de cores condizentes.

O catálogo de telefonio terá coberta igual ao "porta-papéis".

Um conjunto que se presta para presente útil e distinto.

Perfís

MADemoiselle CHANEL

A grande costureira de reputação mundial, a quem todos designam apenas pelo nome familiar — Chanel, chama-se Gabriella. E' natural do Auvergne.

Surgiu em Paris como simples costureirinha habilidosa, com mãos de fada em 1918.

Instalou-se, pouco depois, na rua Cambon 23, mudando-se depois para o n. 31 da mesma rua, onde se fixou definitivamente.

Dotada de lindo fisico tem algo de — gitanha, devido aos cabelos negros, e os olhos faiscantes. Usa geralmente uma flor, um laço para realçar o penteado primoroso. Adora joias complicadas, riquissimas.

A casa Chanel, como a de tantas outras costureiras, tem uma instalação luxuosa. E, como a de tantas outras costureiras, tem uma profusão de espelhos, que começam pela escadaria.

No salão em que os modelos desfilam é observável um pequeno palco exótico.

Cabe a Chanel a prioridade de haver criado perfumes, joias e flores, estas feitas com o próprio tecido das "toilettes", em complemento de seus modelos.

Supersticiosa em extremo, deu á sua primeira criação o seguinte nome: "numero 5"; visto, segundo diz, ter sido com ele que prosperou e se fez famosa.

Na sua vida — grandes acontecimentos se dão sempre sob o signo desse numero.

Os tecidos empregados por Chanel são exclusivos. Sempre familiarizada com os ultimos acontecimentos, pede a artistas de nomeada desenhos, como se deu há algum tempo em relação a Jean Cocteau.

Chanel é um ser à parte — dizem quantos a conhecem.

Para que as leitoras possam julgar leiam estes axiomas que ela publicou entre muitos outros, porquanto Chanel ama a agulha e a pene, igualmente:

"As mulheres não devem seguir cegamente a moda. A personalidade requer originalidade.

O encanto de um vestido não está na complicação, mas também na qualidade do tecido, na jácia bem executada.

E' preferível ter dois vestidos perfeitos que quatro mediocres.

Saber vestir consiste em observar a propriedade quanto á hora e ás circunstancias".

*Em passeios
ao sol*



ÓCULOS ESCUROS

para os olhos...

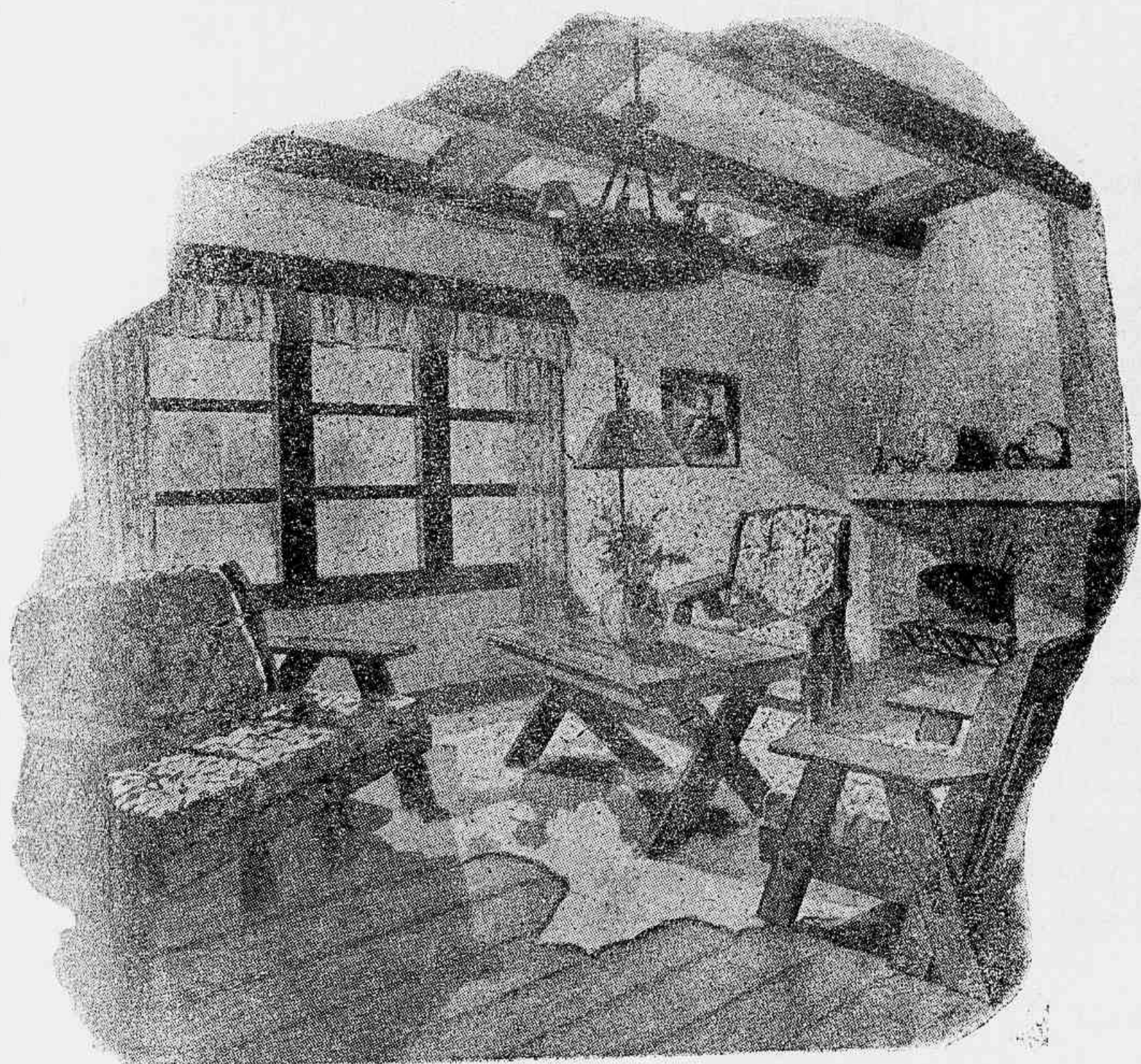
LEITE DE COLONIA para sua pele!

Renove o prazer de viver praticando sports e realizando passeios ao ar livre... Mas proteja sua delicada epiderme, afim de evitar o aparecimento de sardas e manchas. Antes de sair, e assim que regressar ao seu lar, faça uma aplicação de Leite de Colonia sobre o rosto, colo e braços. Filtrando os raios solares, Leite de Colonia protege sua pele e aumenta sua suavidade e seu fascínio. Leite de Colonia limpa, rejuvenesce e amacia a pele! Use-o sempre!

Leite de Colonia



Mademoiselle Chanel.



NÃO vem de longe... Não há um quarto de século, contentavam-se, em geral, os fazendeiros com a "casa grande", completamente desprovida de conforto, sem exigências de mobiliário, instalações higiênicas... Só,

ultimamente, se deu o movimento de se formarem granjas, sítios a exemplo da América do Norte, Argentina, Canadá...

Após a abolição desaparecera, entre nós, o fastígio, sobrevivendo, durante certo tempo, o apego

O Lar PARA AS VIVENDAS CAMPESTRES

à vida urbana. Só nestes últimos anos, o brasileiro se convenceu de que na terra, encontrará, além do repouso espiritual, recursos para melhor gozar a vida...

Vieram as — rodovias, a eletricidade, o rádio, o telefonio (quiçá em breve, os aviões, que substituirão os automóveis) mil e uma expressões de progresso e de conforto. Com elas surgiu o embelezamento da vida rural, como índice de uma era nova — o retorno ao campo. As antigas residências, como sob um toque mágico, sofreram uma transformação completa.

Uma questão de gosto com a aplicação de leves cortinas á americana, algumas flores, mobiliários rústicos, mas de estilo. E, nas granjas, sítios, nos mais simples "bungalows", o encanto operado irá concorrer para a transformação da vida social brasileira.

MOBILIÁRIOS PARA APARTAMENTOS

A Fábrica de Moveis "Lamas", expõe em seu grande mostruário anexo às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente criados para apartamentos e que resolvem o problema de escassez de espaço, sem prejuízo da boa comodidade, executando, ainda sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo também em alguns casos, facilidade de pagamento. Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente no mostruário anexo à fábrica.

Um conjunto ELEGANTE

MATERIAL PARA O GORRO — lã preta 'chinée' de 4 fios, 100 grs.; 1 agulha de "crochet" de 3 mm.; 1 agulha de "crochet" de 2 1/2 mm.

O ponto empregado é o "tunesiano torcido". O gorro se compõe de duas partes: o fundo e a roda. **FUNDO** — começa com 1 corrente de 4 ms. fechadas, na 1ª volta fazem-se 6 ms. simples, nas seguintes vão-se aumentando até chegar a 15ª volta, formando uma rodela chata, seguindo-se um molde. A **RODA** — começa-se com 48 ms., aproximadamente, de acordo com a medida da cabeça. Continua-se até alcançar altura suficiente.

MATERIAL PARA AS LUVAS — 60 grs. de lã preta para a palma da mão, o polegar e o indicador; 5 grs. cinzento-escuro para o médio, 5 grs. cinza-médio para o anular, 5 grs. cinzento-claro para o mínimo; 5 agulhas de tricô de 3 mm.; 28 ms. dão 10 cent. de largura e 44 voltas dão 10 cent. de altura.

PONTOS EMPREGADOS: sanfona de 1; ponto de "jersey" sempre pelo direito. **LUVA DIREITA:** tomar 38 ms., tricotar em volta em ponto sanfona. Com 2 cent. 1/2 de altura, continuar com ponto de "jersey". Na 1ª carreira aumentar 1 m. no peito da mão e outra na palma. Na 5ª c., aumentar 1 m. depois da 17ª m. (fazer 1 m. no fio horizontal que separa as 2 ms.), tricotar 2 ms. (polegar) 1 aumento, tricotar as 19 últimas ms. da volta. Fazer os mesmos aumentos depois das 19 primeiras ms. e antes das 19 últimas na 9ª, 13ª, 17ª, 21ª e 25ª c. Com 9 1/2 de alto, deixar á espera 14 ms.

para formar o polegar. Colocar do lado da mão, 4 ms. Continuar a mão. Tricotar reto 5 cents. de alto e começar os dedos. **MINIMO:** do lado oposto ao polegar, tomar 5 ms. da palma, 5 ms. do peito da mão. Colocar 4 ms. do lado do anular com a lã cinza-claro, tricotar em volta, com 4 1/2 cent. fazer diminuições X 2 ms. juntas, 2 ms. X, etc., até o fim da c. Na seguinte c., tricotar as ms. 2 e 2, sobram 5 ms. Passar a lã nessas ms., ajuntar, amarrar e fazer passar o fio para o avesso.

ANULAR — com a lã cinza-médio, tricotar 5 ms. do peito, colocar 3 ms., tricotar 5 ms. da palma, apanhar 5 ms. do lado do mínimo. Com 5 1/2 de alto diminuir X 2 ms., 2 ms. juntas X, etc., depois, na carreira seguinte, X 2 ms. juntas, 1 m. X, etc., enfim, todas as ms. tricotadas 2 a 2. Rematar as ms. restantes como o mínimo.

MÉDIO — Com a lã cinza-escuro, tricotar o médio como o anular: e com 6 cent. de alto, começar as diminuições da ponta do dedo.

INDEX — com a lã preta, tricotar as 12 últimas ms. Apanhar 4 ms. do lado do médio. Com 6 cent. de alto, começar as diminuições como as dos outros dedos. Quando só restarem 5 ms., passar a lã por elas, ajustar, amarrar, passar o fio para o avesso.

POLEGAR — apanhar 4 ms. das 4 ajuntadas á mão. Tricotar 5 cents., rematar como os outros dedos. Bordar as iniciais cobrindo o "tricô" com um fio em agulha de coser. Serão metade em cinza-claro e metade em cinza-médio, no sentido vertical.





MAIZENA DURYEA



Alem de facilitar a tarefa culinária, Maizena Duryea estimula o apetite e dá ao organismo mais energia e vitalidade. Todos ficarão encantados com a enorme variedade de pratos feitos com Maizena Duryea.

À VENDA EM TODA PARTE

SÃO JOSÉ

(Continuação da pag. 16)

pequena e tosca imagem de S. José, Bernardin com uma voz tranquila deu as boas noites á rapariga, e indagou solícito:

— Sente-se melhor? Gemia tão baixinho que mal pude ouvi-la.

Ela fez um esforço cansado e murmurou com tristeza:

— Tinha medo de incomodar os que se divertiam! Já ontem quizeram mandar-me para o hospital! Diziam que eu ia estragar-lhes o entrudo... Não me queriam dar um confessor! Mas eu sempre tive a esperança de não morrer com tanta culpa!

E olhou com um ar devoto para a imagem de S. José...

— Pois, aqui estou, minha filha, para ouvi-la e perdô-la!

A pobre creatura ficou com os olhos rasos de lágrimas felizes; e com a voz trémula indagou curiosa:

— Diga-me, meu Padre, conhece-me? Como soube que estava doente?

— Um homem que foi á minha casa e me falou do seu estado... Não o conheço; creio que é um carpinteiro.

— Talvez queira fazer o meu caixão...

— Talvez queira salvá-la, minha filha!

Ela contou-lhe a sua história. Era a mesma de sempre, dolorosa e banal; era a sedução estúpida de um homem covarde; depois da posse vinha o gualdipério imediato; era a primeira queda no lodo e na lama do vício, o espectro da fome aparecendo, e por fim a rendição completa, o aluguel do seu corpo, a prostituição da sua alma.

O Padre escutava-a em silêncio, ansioso pela obra da graça e do perdão; ouviu-lhe ainda todos os feios pecados, e absolveu-a. Nesse momento a vela se apagou. Quando conseguiu de novo acendê-la, reparou com um vago tremor que a estátua de São José tinha caído, e que a rapariga estava morta...

VI

Muitas horas passára no quarto da moribunda; quando chegou á rua reparou que era hora alta da madrugada. Por todos os lados ainda estruam gritos alegres de carnaval.

O carro aproximou-se; Bernardin deu um derradeiro olhar á triste casa onde ficara abandonado um cadaver, e entrou com o acolito para a car-

ENCONTROS

(Continuação da pag. 13)

vel esquecer o que se passou... Ora, eu vos pergunto que é que as criaturas podem dizer a si mesmas, quando se tornaram tão distantes, tão estranhas umas ás outras? Eis que se pensa na Inglaterra, por exemplo. E de repente a gente revê a casinha vermelha do ducado de Kent. O senhor de idade corta sempre seus arbustos e a pequena continua a pedalar alegremente. Tu vês, querias gritar-lhe alguma coisa. "How do you do?" Belo tempo, não é mesmo? "Yes, very fine" Então, pronto, passou-se, tu te sentes mais leve. Agora poderias subir os degraus de pedra para entrar no albergue suábio. Pendurarias teu chapéu no cabide e lhes dirias: "Gruss Gott, mei-

ne Herren". Eles veriam que eras um estrangeiro e começariam a falar um pouco mais baixo, na mesa, examinando-te de esguelha, uma vez por outra. Mas, quando te vissem enxugar o fundo de teu "bock" na toalha vermelha, exatamemente como eles, teriam uma certa duvida e perguntariam: "Woher, woher, mein Herr?" Aus Prag. So, so, "aus Prag" — diriam. E um deles acrescentaria que tinha estado em Praga. Ha bem trinta anos isso. "Eine schone Stadt", diria, e logo te sentirias mais á vontade. Ou então pararias no "Ao rendez-vous dos Chauffeurs". Justamente, o camponês de blusa azul está em vias de virar o copo de vinho branco. Com a mão enxuga o bigode. "Fait chaud" — dirias. A votre santé. — "A la votre" — responde o camponês. Depois do que, não tens mais nada a dizer-lhe senão isto "Não, meu velho, eu na verdade não tenho raiva de você. E se bebêssemos ainda um copo juntos?" Poderias também fazer uma careta de brincadeira ao bebé espanhol. Ele fixaria em ti seus grandes olhos tão graves. A mamãe

FALTA-LHE O APPETITE?

Cuidado! Você está se intoxicando!



Esta falta de appetite é devida ao desarranjo das funções digestivas que resulta da accumulação de toxicos no organismo. Elimine esse perigo tomando diariamente o "Sal de Fructa" Eno — de sabor agradável e de effeito revigorante. Eno limpa o systema intestinal, purifica o sangue, evita a somnolencia e a falta de appetite. Mas... não aceite substitutos!

'SAL DE FRUCTA' ENO

ruagem. Vinham pela rua carros alegres, iluminados a fogos de bengala; era o grupo de mascarados que regressava. Os animais fustigados partiram, e ele pensou,

— Ai voltam os doidos para o cemitério!...

Para traz não tinham ainda ficado dez metros, quando ao aceno de um desconhecido a caleça parou. Era o marceneiro; e assim disse:

— Muito obrigado, meu Padre, por ter vindo! Coitada, ela morreu!

Foi só; e caminhou e desapareceu na sombra. Mas o Padre Bernardin, dando ordem para de novo partir, pensou que havia qualquer coisa de estranho naquele homem tão pobremente vestido de operário; pareceu-lhe que havia uma luz refulgente e tranqüila nos seus olhos; e supôs um instante que enfim aquele carpinteiro talvez fosse São José...

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÉDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

de cabelos negros pareceria ainda mais um pouco com uma Madona, e o papai caballero, com seu chapéu para trás, começaria a contar-te qualquer coisa em espanhol, mas tu não compreenderias. Isto não tem importancia, vejamos. O essencial é que, a criança não tenha tido medo de ti! E depois ele te faz cortar ainda uma fatia de queijo de cabra. "Grazia, grazia" — murmuras com a boca cheia, e, em, troca, lhe ofereces um cigarro. Isto basta. Não ha necessidade de grandes explicações para chegar a se entender bem!

Mas que fazer, os povos se acham tão terrivelmente longe uns dos outros!... Nós estamos cada vez mais sós, todos. Por pouco, preferiria nunca mais pôr o pé fóra de casa. Antes fechar a porta e correr os ferrolhos. Agora arranjam-se como quiserem! Ninguém me interessa mais. Porém então podes fechar os olhos e dizer baixinho, muito baixinho: "How do you do, senhor de idade de Kent? Gruss Gott, meine Herren! Grazia, signor! A votre santé!"

CRIANÇAS



Célia, 12 anos, filha do sr. Alfredo Pereira da Costa e de d. Nair dos Santos Costa.



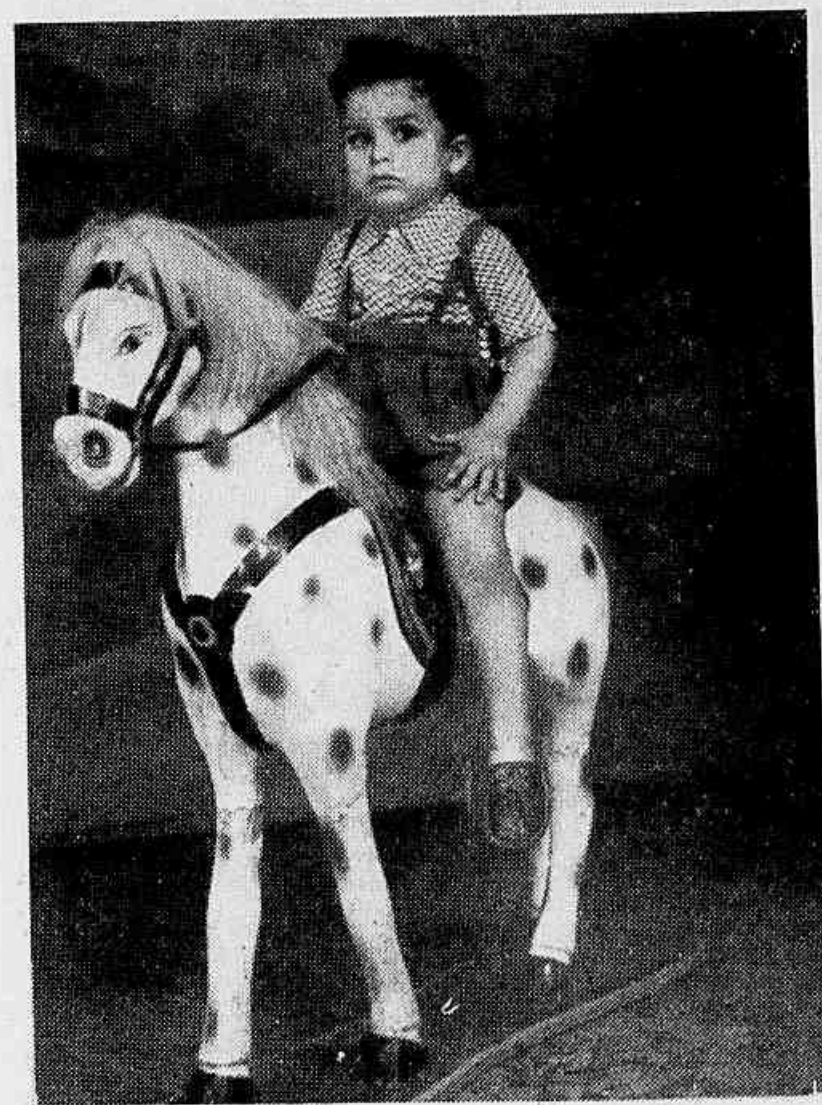
Rotschids, filho do sr. Rotschids de Oliveira Leitão e d. Leonor de Oliveira Leitão.



Amaury, filho do sr. Alcanôr Solon Ribeiro e de sua exma. esposa sra. Zaira Solon Ribeiro.



Nicolina, Carmela e Domingos, filhos do sr. Antonio Fitipaldi e d. Rosina Fitipaldi.

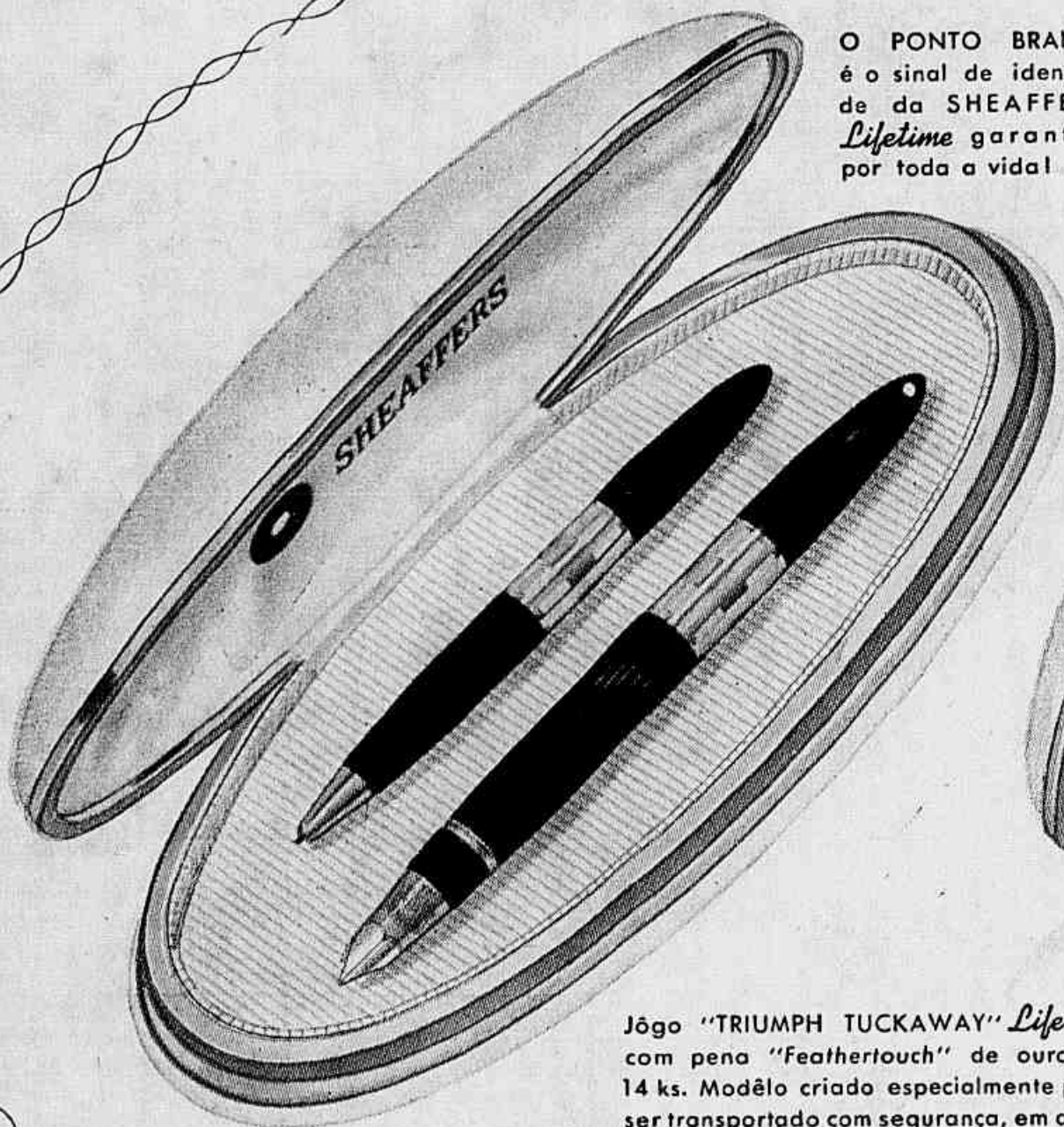


Jorge, filho do sr. Joaquim Miguez Portela e de d. Olga Maia Portela.



Caubi, Coaraci, Yára, Sili, Iracema, Amauri, Jurandir e Moacir (gemêos), Ubiratan, Ubirajara e Jandira que formam esta admirável escadinha humana, são os onze filhos do nosso companheiro de *Ex Si Tudo*, Severino Lopes Guimarães e de sua esposa, d. Maria do Carmo Góes Guimarães.

O PONTO BRANCO
é o sinal de identi-
dade da SHEAFFER'S
Lifetime garantida
por toda a vida!



Jôgo "TRIUMPH TUCKAWAY" *Lifetime*
com pena "Feathertouch" de ouro de
14 ks. Modelo criado especialmente para
ser transportado com segurança, em qual-
quer posição — em bolsas de senhoras,
bolsos de homens e tûnicas militares.



Jôgo STATESMAN
Lifetime com pena
"Feathertouch" de
ouro de 14 Ks.

Um presente que aproxima corações... à distância

UMA carta traz sempre consigo um pouco da alma de quem a escreve... E refletirá melhor ainda um sentimento duradouro, se for escrita com a nitidez de uma SHEAFFER'S *Lifetime* — a caneta tinteiro garantida por toda a vida! A caneta SHEAFFER'S, além da sua beleza e perfeição de joia finamente trabalhada, apresenta qualidades técnicas insuperáveis. O alimentador patenteado FLO-RITE, de capacidade superior à comum, controla o fluxo exato e constante da tinta, evitando borrões e falhas na escrita... A pena "Feathertouch" — toque de pluma — feita à mão, de ouro de 14 ks. com platina na ranhura, patente exclusiva da SHEAFFER'S, e ponta de irídio, escreve de dois modos diferentes com a suavidade de uma pluma. Dê ao ente querido que vai viajar, uma SHEAFFER'S *Lifetime* acompanhada da linda lapiseira "Fineline" — de ponta sempre afiada — em elegantes estojos para senhoras e cavalheiros — e V. o terá sempre presente nas cartas que êle não se cansará de lhe escrever...

* Todas as canetas SHEAFFER'S *Lifetime*, são incondicionalmente garantidas para a vida inteira do possuidor, excepto nos casos de perda, roubo ou dano proposital. Para qualquer conserto, a caneta deve ser entregue ou remetida completa, aos representantes locais da SHEAFFER'S Pen Co., acompanhada da quantia de Cr\$ 6,00

"CREST TRIUMPH"
Lifetime
com pena
"Feather
touch" de
ouro de 14 ks.

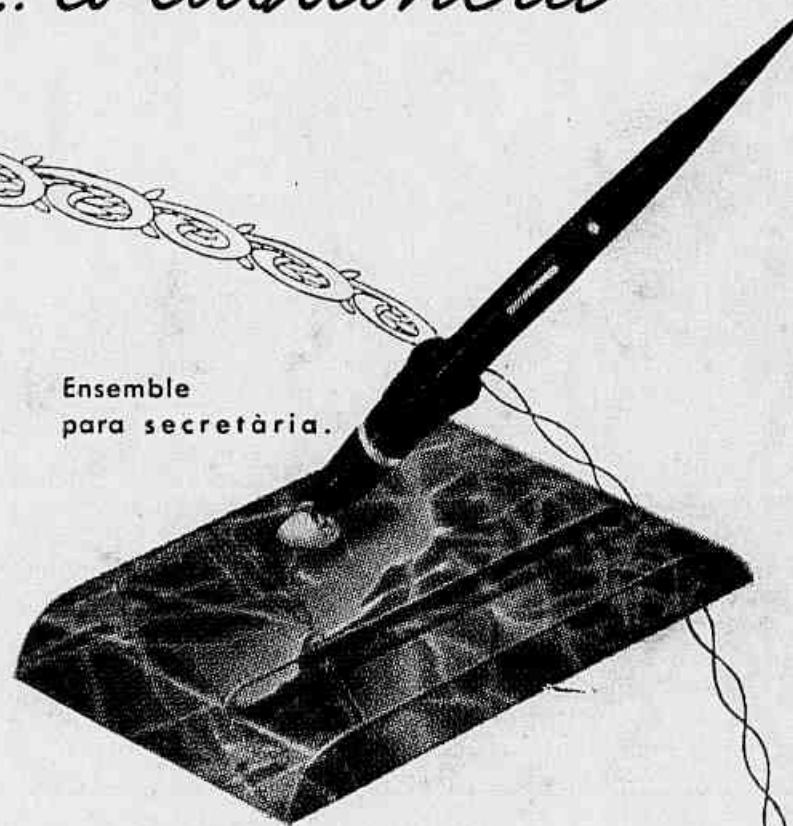
SHEAFFER'S

Lifetime

Represent. exclusivos no Brasil: **M. AGOSTINI & CIA. LTDA.**

RIO DE JANEIRO: AVENIDA RIO BRANCO, 47 - 1.º ANDAR
SÃO PAULO: RUA ANCHIETA, 35 - 8.º ANDAR - SALAS 803/5

Ensemble
para secretária.



CUBA-TINTEIRO SKRIP

usável até a
última gota.



A tinta SKRIP fa-
bricada especial-
mente para as ca-
netas SHEAFFER
é de fluidez e ni-
tidez absolutas.
Resiste à ação do
tempo e da água.

Grafite
SHEAFFER'S
"Fineline"
de compri-
mento duplo.
Fina, macia e
de maior dura-
bilidade.

